

MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO  
**ANIMAÇÃO DA LEITURA**

# Ler com olhos de ver: a ilustração como forma de promoção da leitura

Maria João Mota Pinto da Silva, Ler com  
olhos de ver: a ilustração como forma de  
promoção da leitura, 2015

---

Trabalho de projeto apresentado à  
Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti  
para obtenção do grau de  
**Mestre em Ciências da Educação**  
Especialização em Animação da Leitura

Por **Maria João Mota Pinto da Silva**  
Sob Orientação da **Professora Doutora Mónica Oliveira**

março, 2015



## **Ler com olhos de ver: a ilustração como forma de promoção da leitura**

Trabalho de Projeto apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação: área de especialização em Animação da Leitura realizado sob a orientação científica da Professora Doutora Sandra Mónica Figueiredo de Oliveira.

Maria João Mota Pinto da Silva

Porto

2015





## RESUMO

O trabalho de projeto “Ler com olhos de ver: a ilustração como forma de promoção da leitura” pretende refletir e investigar sobre o papel das ilustrações dos livros infantis na promoção da leitura junto das crianças.

Considerando que vivemos numa “civilização da imagem” onde somos constantemente confrontados com um mundo visual, com uma linguagem própria cheia de signos e significados, compete à escola e ao professor ensinar as crianças a compreender toda esta cultura visual que as rodeia.

No entanto, o próprio sistema de ensino desvaloriza a importância e a influência que a linguagem e a cultura visual têm na formação global da criança. O próprio professor nem sempre se sente motivado e preparado para conseguir transmitir e ensinar tais conhecimentos, muitas vezes por falta de formação nesta área.

Assim, este trabalho de projeto tem como objetivo indagar sobre as estratégias que poderão ser utilizadas para promover a leitura junto das crianças, utilizando como recurso a imagem, fornecendo, para isso, aos professores e técnicos de biblioteca ferramentas úteis que lhes permitam trabalhar esta questão em contexto escolar de forma autónoma.

Para o efeito foram concretizadas ações educativas dirigidas às crianças e aos docentes utilizando como recurso as ilustrações dos livros infantis.

Este recurso foi escolhido dada a qualidade e criatividade que, hoje em dia, as ilustrações apresentam. Percebemos que, através das imagens dos livros infantis as crianças conseguem interagir com objeto livro, não só através texto escrito mas também da sua linguagem visual, as ilustrações. Desta forma, conseguimos motivar e cativar o interesse da criança para o livro e para a leitura, bem como, motivar e dar ferramentas aos docentes para que possam trabalhar a leitura através da imagem.

**PALAVRAS-CHAVE:** promoção da leitura, imagem, ilustração, livro infantil, linguagem visual, cultura visual

## ABSTRACT

The project work “Reading as gazing: illustration as a way to promote reading” aims to make a reflection and a research on the role of illustrations in children’s books in the promotion of reading habits among youngsters.

Considering we live in a “world of images” where we are repeatedly faced with the visual world and with a singular language full of signs and meanings, it is the school and teachers’ role to teach children to understand all this visual culture around them.

However, the education system itself undervalues the importance and influence the language and visual culture have on the global child’s development. The teacher is also not always motivated and prepared to impart and teach such knowledge, often due to the lack of training in this area.

Thus, the goal of this work is to find strategies that might be implemented to promote reading among children, using pictures as the stimuli, so as to provide teachers and library technical assistants with resourceful tools that allow them to deal with this matter autonomously at school.

To this effect, educational actions oriented to children and teaching staff were carried out using children’s books illustrations as a resource.

This choice was based on the quality and creativity of today’s illustrations. It is possible to realise children manage to interact with the book-object through the images in it, not only through words but also through its visual language, i.e. illustrations. In this way, we are able to motivate and captivate the child’s interest in the book and its reading, as well as motivate the teaching staff and provide them with tools to address reading through pictures.

**KEY WORDS:** promotion of reading, image, picture, illustration, children’s books, visual language, visual culture

## **AGRADECIMENTOS**

À professora Mónica Oliveira pela motivação, apoio e dedicação demonstrada ao longo de todo este percurso.

À direção da Biblioteca Municipal Camilo Castelo Branco pelo apoio total e disponibilidade do espaço e recursos que me permitiram realizar, em pleno, todo este trabalho de projeto.

À professora titular do 3º ano do Colégio Machado Ruivo, professora Adriana Martins.

À professora titular do 4º ano da EB1 das Lameiras, professora Sandra Gaspar.

A todas as crianças que participaram com a maior dedicação e simpatia nas atividades realizadas no âmbito deste projeto.

A todos os ilustradores que prontamente colaboraram para um maior enriquecimento deste trabalho de projeto.

Aos meus pais e à minha filha por toda a paciência, apoio e carinho demonstrados.

E, por fim, a todos aqueles que me são queridos e que “aturaram”, ao longo deste percurso, todos os meus estados de espírito!

Obrigada a todos!

## SUMÁRIO

Introdução.....	1
Parte I	
Enquadramento teórico e concetual .....	4
1. O poder das imagens e a cultura visual.....	4
2. Educação artística.....	7
3. O mundo imagético e a alfabetização visual. ....	11
4. A ilustração e o livro infantil.....	14
Parte II	
Enquadramento metodológico .....	20
Capítulo 1 - Opções metodológicas .....	20
1. A investigação educativa.....	20
2. Estudo de caso.....	22
2.1 Instrumentos de recolha de dados.....	23
2.2 Objetivos de estudo.....	24
3. Técnicas metodológicas de investigação.....	25
3.1 A entrevista.....	26
3.1.1 O guião das entrevistas.....	28
3.2 Observação participante .....	29
3.3 Questionário .....	30
3.3.1 Estrutura do questionário .....	
3.4 Análise documental .....	32
4. Caracterização da população e amostra .....	34
5. Técnicas de análise dos dados utilizados na investigação.....	38
5.1 Análise de conteúdo.....	39
6. Triangulação.....	40
Capítulo 2 – Apresentação e interpretação de resultados.....	43
1. Questionários .....	43
1.1 Análise e interpretação dos questionários. ....	45
1.2 Síntese de resultados.....	57

2. Análise documental .....	60
2.1 Análise de dados da atividade 1. ....	61
2.1.1 Síntese de resultados.....	67
2.2 Análise de dados da atividade 2. ....	67
2.2.1 Síntese de resultados.....	73
2.3 Análise de dados da atividade 3. ....	73
2.3.1 Síntese de resultados.....	79
2.4 Análise de dados da atividade 4. ....	80
2.4.1 Síntese de resultados.....	84
3. Entrevistas.....	84
3.1 Análise de conteúdos e interpretação das entrevistas. ....	84
3.2 Síntese de resultados.....	103
4. Técnica de triangulação .....	104
Avaliação .....	113
Disseminação .....	116
Considerações finais .....	118
Referências bibliográficas .....	120
Anexos.....	125

ANEXO A: Pedido de autorização de implementação de projeto de mestrado na BMCCB

ANEXO B: Convite dirigido à Diretora do Colégio Machado Ruivo

ANEXO C: Convite dirigido à professora titular da EB1 Lameiras, Sandra Gaspar

ANEXO D: Autorizações de registos fotográficos e audiovisuais

ANEXO E: Declaração da entidade acolhedora do projeto

ANEXO F: Convite dirigido à editora Planeta Tangerina (encontro com a ilustradora Yara Kono)

ANEXO G: Resposta da Editora Planeta Tangerina

ANEXO H: Recortes de imprensa de divulgação da atividade “Encontro com a ilustradora Yara Kono”

ANEXO I: Convite dirigido aos ilustradores para participar na Exposição Coletiva de Ilustração “Ler com olhos de ver”

ANEXO J: Pedido de material para montagem da Exposição Coletiva de Ilustração “Ler com olhos de ver”

ANEXO K: Cartaz de divulgação da Exposição Coletiva de Ilustração “Ler com olhos de ver”

ANEXO L: Recortes de imprensa de divulgação da atividade Exposição Coletiva de Ilustração “Ler com olhos de ver”

ANEXO M: Recortes de imprensa de divulgação da atividade “Oficina de ilustração: Ler com olhos de ver”

ANEXO N: Textos utilizados para a realização da oficina de ilustração “Ler com olhos de ver”

ANEXO O: Trabalhos resultantes da oficina de ilustração “Ler com olhos de ver”

ANEXO P: Pedido de material para montagem da exposição “Porque as ilustrações também contam histórias...”

ANEXO Q: Cartaz da exposição “Porque as ilustrações também contam histórias...”

ANEXO R: Convite para a inauguração da exposição “Porque as ilustrações também contam histórias...”

ANEXO S: Recortes de imprensa de divulgação da atividade “Exposição: Porque as ilustrações também contam histórias...”

ANEXO T: Material promocional e recortes de imprensa do 7º Encontro de Serviços de Apoio às Bibliotecas Escolares

ANEXO U: Trabalhos resultantes do *workshop* “O livro e a imagem: construção de um livro álbum”

ANEXO V: Guião das entrevistas realizadas aos ilustradores

ANEXO W: Respostas dos ilustradores à entrevista realizada

ANEXO X: Modelo do questionário realizados aos professores e técnicos de biblioteca

ANEXO Y: Gráficos dos resultados do questionário

1. Tabela – Género.....	45
2. Tabela – Idade (até março 2015).....	46
3. Tabela – Grau de escolaridade.....	46
4. Tabela – Situação profissional.....	46
4.1 Tabela – Situação profissional (outra).....	46
5. Tabela – Área de trabalho.....	47
6. Tabela – Importância dada à promoção da leitura em contexto escolar.....	47
7. Gráfico – Justificação da importância da promoção da leitura em contexto escolar.....	47
8. Tabela – Frequência da realização de atividades de promoção da leitura em contexto escolar.....	48
9. Gráfico – Indicação do tipo de atividades realizadas no âmbito da promoção da leitura.....	49
10. Gráfico – Outras atividades realizadas no âmbito da promoção da leitura.....	50
11. Gráfico – Autores escolhidos para trabalhar em atividades de promoção da leitura.....	50
12. Gráfico – Justificação da escolha de determinado autor na realização de atividades de promoção da leitura.....	51
13. Tabela – Importância da utilização da imagem/ilustração como forma de promoção da leitura.....	52
14. Gráfico – Justificação da importância dada à imagem/ilustração na promoção da leitura.....	53
15. Tabela – Frequência da realização de atividades de promoção da leitura com recurso à imagem.....	54
16. Gráfico – Indicação do tipo de atividades realizadas no âmbito da promoção da leitura com recurso à imagem.....	54
17. Gráfico 8 – Ilustradores escolhidos para trabalhar em atividades de promoção da leitura.....	55
18. Gráfico – Justificação da escolha de determinado ilustrador na realização de atividades de promoção da leitura.....	55

19. Gráfico – Critérios na seleção de um autor / ilustrador.....	56
20. Gráfico – Outros critérios de seleção de um autor / ilustrador.....	57

# INTRODUÇÃO

O presente trabalho de projeto foi realizado no âmbito do Mestrado de Ciências da Educação, área de especialização em Animação da Leitura e pretende averiguar de que forma podemos promover a leitura junto das crianças utilizando como recurso a ilustração dos livros infantis.

Hoje em dia vivemos num mundo imagético onde as crianças são bombardeadas diariamente por imagens. No entanto nem sempre é fácil para as crianças compreenderem a informação que cada imagem carrega. Desta forma torna-se necessário ensina-las a decodificar os signos e os significados do mundo visual que as circundam.

Face a esta realidade torna-se pertinente alfabetizar o olhar da criança e ajuda-la na construção dos alicerces da sua cultura visual.

Para isso torna-se imperativo integrar a educação artística nas escolas, isto porque, o estudo da imagem, da arte, do visual para além de trazer às crianças novas perspetivas e uma nova visão da sociedade e mundo que a rodeia (compreensão da cultura visual), também apresentam um papel fulcral no desenvolvimento da imaginação, sentido estético e pensamento crítico desta.

Apesar de haver uma consciência desta realidade a verdade é que a educação artística já não consta do Currículo Nacional do Ensino Básico, e os professores, por sua iniciativa, desvalorização a sua importância talvez pela falta de motivação ou pela pouca formação e conhecimento que têm acerca desta área temática.

Mas se esta transmissão de conhecimento é fundamental para a criança o que poderemos nós fazer para inverter este cenário?

Torna-se assim necessário disponibilizar ao professor formação específica e ajuda-lo a criar ferramentas de trabalho, de forma a que, este possa vir a trabalhar de forma autónoma e motivada a linguagem visual e a imagem.

É fundamental que, num mundo imagético como é o nosso, o professor esteja preparado e atento a este “novo” mundo contemporâneo e visual, de forma a conseguir transmitir às crianças toda esta informação. Cabe ao educador ensinar os alunos, não só a visualizar mas, acima de tudo, a analisar, a entender e a interpretar as imagens que os rodeiam.

Conscientes da importância da imagem e da linguagem visual é importante que estas temáticas sejam abordadas em contexto escolar da mesma forma como é feita a linguagem oral e a escrita. Só assim conseguimos educar e “transformar” as nossas crianças em seres pensantes, críticos e intervenientes acerca do seu mundo e de tudo aquilo que os rodeia.

No entanto surge-nos no meio deste trabalho de projeto um novo promotor da imagem e da ilustração, o próprio criador, o ilustrador!

Com um lugar tão privilegiado seria impensável não colocar esta figura criativa na “equação” desta investigação e, desta forma, tentamos perceber que papel teria o ilustrador como difusor e promotor da imagem e da ilustração como forma a promover a leitura.

Mas que estratégias poderemos nós utilizar para abordar a leitura de imagens com as crianças? E, como poderemos nós utilizar estas estratégias para ajudar a promover a leitura global?

Para este trabalho de projeto recorreu-se ao livro infantil e às suas ilustrações. Este recurso pode trazer-nos uma grande vantagem porque permite à criança fazer uma análise crítica e pausada que a imagem merece, ou seja, recorrendo ao livro infantil em contexto escolar podemos, com tempo, visualizar, comentar, criticar e interpretar a imagem treinando e sensibilizando, desta forma, o olhar da criança.

Para fundamentar todo este trabalho iniciamos fazendo um enquadramento teórico e concetual onde são abordados temas pertinentes como: o poder da imagem e a cultura visual; a educação artística; o mundo imagético e a alfabetização visual e, por último, a ilustração e o livro infantil.

Fazendo um breve sumário deste enquadramento do trabalho de projeto mostramos que vivemos, nos dias de hoje, numa “civilização da imagem” onde nem sempre é fácil descodificar a mensagens que estas acarretam. Torna-se

assim pertinente uma alfabetização do olhar, não só das crianças mas dos “formadores” que terão de transmitir posteriormente estes conhecimentos. Assim é importante apostar na formação de professores e outros profissionais da área da educação e arranjar-lhes instrumentos de trabalho para promover estas ações.

Promover a leitura através da imagem, da ilustração é o foco deste trabalho e com esse intuito iniciou-se uma investigação educativa pormenorizada para tentar perceber a viabilidade desta ação.

Assim estabeleceu-se uma metodologia de investigação que é abordada na segunda parte deste trabalho de projeto e onde estão definidos os instrumentos de recolha de dados adotados, os objetivos traçados, as técnicas metodológicas selecionadas, que neste estudo de caso foram: a entrevista, a análise documental, o questionário e a observação participante. De seguida definiu-se a população e a amostra que participarão na investigação e, por último, as técnicas de análise de dados que nos darão todos os resultados pretendidos para esta investigação. Por último, recorreu-se à técnica de triangulação que nos permitirá ter uma visão global de todos os resultados obtidos ao longo da investigação através das técnicas metodológicas utilizadas.

Na última parte deste trabalho de projeto são apresentados todos esses resultados de forma detalhada recorrendo às técnicas de análise de dados selecionadas para o efeito.

# ENQUADRAMENTO TEÓRICO E CONCRETUAL

## 1. O poder da imagem e a cultura visual

Se a imagem nos fascina, então, não é senão porque ela parece duplicar o mundo, esvaziando-o da sua natureza espessa de coisa material.

(Almeida, 2002, p.22)

O conceito de “imagem” é um termo utilizado, recorrentemente, quando nos referimos à figura ou representação visual de algo. Esta representação pode-nos então surgir sobre a forma de uma fotografia, de uma pintura, de um desenho, de uma ilustração ou um *grafitti*.

Sabemos que, durante séculos, a tradição cultural do ocidente esteve assente numa forte valorização da palavra escrita, nas áreas da Literatura e da Filosofia. Era designada por Lucien Febvre, citado por Huyghe (1998), como a era da “civilização do livro”.

No entanto, a partir do século XX, com a difusão dos meios expressivos imagéticos, como é o caso da televisão, da fotografia e do cinema, houve uma forte mudança nessa tradição cultural.

Sobre esta constatação Huyghe (1998) afirma que “apesar do lugar que os intelectuais de primeiro plano ocuparam na cena contemporânea, já não somos homens de pensamento, homens cuja vida interior se alimenta nos textos.” (p. 9) Sobreponho-nos, assim, à “civilização do livro” e passamos a viver numa “civilização da imagem” onde a imagem toma o seu lugar na vida quotidiana de grande parte da população mundial mostrando a sua crescente grandeza e importância. Aliás, é bem notória a presença da imagem nesta nova sociedade contemporânea.

Mas a imagem sempre esteve presente na vida do Homem desde os princípios dos tempos.

Sabemos, e há registos, que o Homem, desde a pré-história, recorria à imagem para comunicar. Vemos isso nas pinturas e desenhos que faziam

representando momentos quotidianos do seu dia-a-dia. Gelb (1973), citado por Joly (1999), diz-nos, a esse respeito, que “por todo o lado do mundo, o homem deixou vestígios das suas faculdades imaginativas sob a forma de desenhos feitos na rocha (...)” (p.17)

Joly (1999) considera assim que a imagem “é um meio de expressão e comunicação que nos liga às tradições mais antigas e mais ricas da nossa cultura.” (p.137)

Muitos séculos depois, perdura a importância da imagem e o recurso à sua utilização como forma de comunicação e expressão, quer seja através da televisão, das novas tecnologias, da arte, etc.. Seja qual forma o recurso é evidente a influência que a imagem tem sobre as pessoas (das crianças aos adultos).

O mundo tornou-se cada vez mais visual e o uso da palavra “imagem” tornou-se mais e mais mediática. Isto levou a que o Homem passasse a adotar uma postura demasiado passiva face a esta realidade. Assim nos afirma Huyghe (1998) “esta proliferação da imagem, encarada como instrumento de informação, precipita a tendência do homem moderno para a passividade.” (p.10) As imagens passaram a integrar o nosso dia-a-dia e nós passamos a ser bombardeados por imagens, de tal forma que a nossa visão não consegue processar e filtrar toda esta informação. Este excesso de informação faz com que seja quase impossível observar os detalhes ou a mensagem contida numa imagem.

Esta presença constante e imposta da imagem no mundo atual é conhecida por muitos autores como “cultura visual”.

No entanto, antes de referir algumas das definições que autores escreveram e relataram sobre este tema é necessário referir que é impossível falarmos em cultura visual sem a ligarmos à arte, uma vez que, estas estão historicamente ligadas.

Autores como Berger (1996), Walker e Chaplin (2002) e Hernández (2000) evidenciam esta afirmação nos seus livros “Modos de ver”; “Una introducción a la cultura visual”; e “Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho”, respetivamente.

Berger (1996) faz uma retrospectiva, no seu “ensaio puramente visual”, e mostra-nos que “a vista é aquilo que estabelece o nosso lugar no mundo que nos rodeia” (p.11) e que formas de arte como a pintura, a fotografia ou mesmo a publicidade representam uma forma de comunicação visual.

Já Walker e Chaplin (2002) mostram-nos o interesse de muitos investigadores sobre este tema “cultura” e referem que “los estudiosos se han ocupado de la cultura durante siglos, y se ha afirmado que es posible seguir la pista a la disciplina de la historia del arte hasta 1550” (p. 58)

Hernández (2000) afirma que “la primera de las aproximaciones sitúa a la cultura visual como una nueva forma de denominar o repensar la Historia del Arte.” (2005, p.13). Diz-nos ainda que, para ele, “a noção de cultura visual corresponde às mudanças nas noções de arte, cultura, imagem, (...) e está vinculada à noção de “mediação” de representações, valores e identidades.” (p.134).

Sobre esta visão de Hernández, relativamente às mudanças nas noções de arte, Bozal (1996) reforça dizendo que “el cartel, el cómic, la fotografía (...), el anuncio publicitario, el diseño industrial, la imagen televisiva (...) pasaron a ocupar buena parte del espacio funcional que en el orden antropológico-cultural había correspondido al arte.” (p.276)

O contacto do Homem com a arte e as suas formas de representação contribuem para um desenvolvimento do seu conhecimento cultural e intelectual. Ao contrário do que se pensa, na maioria das vezes, a arte não tem como intuito reconhecer talentos ou dons de um indivíduo, mas sim, no que esta transmite e na experiência que cada indivíduo adquire com a arte. Quanto mais estivermos familiarizados com as diversas formas de arte mas compomos o nosso “mundo cultural” de ideias diferentes, valores, sentimentos, dando-nos estes conhecimentos uma perceção mais ampla do mundo que nos rodeia.

Mas o que entendem realmente os autores por “cultura visual”? E qual o seu papel na educação? O que é educar através da arte?

Hernández (2005) resume-nos, neste parágrafo algumas das definições que a cultura visual pode adquirir consoante o ponto de vista de um autor ou da sua referência geográfica:

*Cuando buscamos definiciones sobre la cultura visual nos encontramos con una diversidad importante. Por ejemplo, Bryson, Holly y Moxy, (1994, p. xvi) hablan más de 'imágenes' que de 'arte'. Jenks (1995, p. 1) se refiere a la cultura visual en términos de 'visualidad'; Bird (1986, p. 3) la define como 'un análisis materialista del arte'; en Estados Unidos y Gran Bretaña se habla de cultura visual o estudios visuales; en Francia y Alemania, teoría de la imagen o ciência de la imagen (Rampley, 2005a) y Heywood y Sandywell (1999, p. 6) se refieren a 'la hermenéutica de la experiencia visual'. Estos y otros autores se sitúan ante el campo en función de la posición de saber/poder desde la que ellos y ellas se constituyen. (...)*  
*(...) hay definiciones más políticas, como la Mirzoeff (1999a) y otras más académicas como las de Walker y Chaplin (2002). (pp. 12, 13)*

Mas para este trabalho de projeto iremos centrar-nos no ponto de vista deste autor, Fernando Hernández. Para Hernández (s.d.) “cultura visual (...) é um campo de estudos recente em torno da ‘construção do visual nas artes, na mídia e na vida cotidiana’”. (p. 2) Ele considera que cultura visual pode contribuir para um melhor conhecimento do ser humano e das mudanças no mundo contemporâneo e afirma que a arte pode funcionar como mediadora para o alcance e visualização destes fenômenos.

## **2. Educação artística**

En el contexto de la cultura contemporánea, la educación del siglo XXI necesita una escuela para el nuevo milenio.  
(Britos, 2011, p.15)

Referimos anteriormente que vivemos numa “civilização da imagem” onde esta pode adotar diferentes funções no quotidiano visual de cada um como entreter, informar, comunicar, ilustrar e educar. No entanto nem sempre é fácil descodificar e compreender a informação que cada imagem carrega. Para isso torna-se necessário que estejamos preparados e conheçamos os signos e os significados que nos circundam.

Oliveira (2007) reforça esta afirmação dizendo que “estamos na era em que a cultura visual «enche» a nossa vista de símbolos, signos e sinais que para se entenderem necessitam ser descodificados. (p. 62)

Como podemos então “ensinar” as crianças, desde tenra idade, a decodificar e compreender estes símbolos e signos inseridos nas imagens, no que é visual?

Para Hernández, a construção dos alicerces de uma cultura visual num indivíduo deve ser construída desde cedo. Para isso torna-se imperativo que o estudo da imagem, da arte, do visual seja integrado nos programas curriculares da escolas, não só porque estes trazem às crianças novas perspetivas e uma nova visão da sociedade e mundo que a rodeia (compreensão da cultura visual) como também apresentam um papel fulcral no desenvolvimento da imaginação, sentido estético e pensamento crítico desta.

A esse respeito fala-nos Fróis, Marques e Gonçalves (2000):

*Uma das finalidades da arte é contribuir para o apuramento da sensibilidade e desenvolver a criatividade dos indivíduos. Na Educação, esta finalidade é uma dimensão de reconhecida importância na formação do indivíduo, ampliando as possibilidades cognitivas, afectivas e expressivas. (p. 201)*

É também referido no Currículo Nacional do Ensino Básico que a “arte assume-se como uma componente integrante da Lei de Bases do Sistema Educativo.” e que, “... acredita-se que a educação em artes visuais...tenha implicações no desenvolvimento estético-visual dos indivíduos, tornando-se condição necessária para alcançar um nível de cultura mais elevado, prevenindo novas formas de iliteracia.” (155)

Também Hernández (2000) diz-nos que “...quando um estudante realiza uma atividade vinculada ao conhecimento artístico... não só potencia uma habilidade manual, desenvolve um dos sentidos (a audição, a visão, o tato) ou expande sua mente, mas também, e sobretudo, delineia e fortalece sua identidade em relação às capacidades de discernir, valorizar, interpretar, compreender, representar, imaginar, etc. o que lhe é também a si mesmo.” (p. 42)

No entanto, e parafraseando novamente este autor, em “catadores da cultura visual”, ele realça, neste seu estudo, que “a educação está em crise”.

Em Portugal é bem visível esta afirmação. Fazendo um ponto de situação, e mostrando um pouco o panorama português, convém referir que, apesar da afirmação citada anteriormente, estar incluída no Currículo Nacional

do Ensino Básico, o mesmo já não se encontra em vigor e a Expressão Artística como “competência essencial” foi extinta.

Mas num mundo cada vez mais imagético torna-se necessário que a escola consiga acompanhar este ritmo e auxilie os alunos na compreensão de toda esta informação visual.

Para isso é fundamental a integração da educação artística nas escolas.

Sobre este assunto dizem-nos Giráldez e Pimentel (s.d) que:

*El papel que la educación artística desempeña en el desarrollo de competencias para la vida de niños y jóvenes en el siglo XXI ha sido ampliamente reconocido en numerosas investigaciones. Sin embargo, otros estudios subrayan también la necesidad de mejorar la calidad de los programas, reconociendo que esto sólo será posible en la medida en la que se cuente con profesores y artistas capaces de asentar su trabajo en principios teóricos sólidos, de reconocer que el mundo del arte está en conversación permanente con los cambios culturales y sociales que experimentamos a diario, de dar respuestas apropiadas a las diversas situaciones que se plantean en su labor docente, de diseñar proyectos educativos fundamentados y de reflexionar sobre su propia práctica. En definitiva, los educadores artísticos necesitamos herramientas conceptuales que nos permitan comprender nuestro entorno laboral, para tomar decisiones adecuadas y eficaces en beneficio de los estudiantes, y necesitamos modos de pensar que tengan en cuenta no sólo el espacio inmediato del aula, sino también los factores que afectan a las artes en la educación y en la sociedad.*

Mas se temos consciência da importância da integração dos estudos visuais na educação porque é que ainda existe tanta resistência sobre a utilização deste recurso como forma de aquisição e construção de conhecimentos? Porque é que ainda se recorre, maioritariamente, à utilização da linguagem oral e escrita, ficando o visual com um papel meramente ilustrativo?

Oliveira (2014) diz-nos que “um dos grandes problemas a resolver é a falta de diálogo entre mundo artístico e a escola.” (p.65)

Sobre esta resistência Hernández (2000) diz-nos, em tom irónico, que “repensar a educação a partir da arte, da cultura visual, é fazê-lo, em parte, da posição dos perdedores, pois quase ninguém considera esses conhecimentos valiosos para a formação dos cidadãos mais jovens.” Reforça ainda afirmando que “os professores continuam reduzindo essa matéria à realização de actividades agradáveis, de vistoso resultado e perseguindo um tipo de beleza vinculado a uma visualidade formal (...)” (p. 87)

Torna-se então imperativo que o professor intervenha. É importante que este preste uma maior atenção a esta temática que é a “cultura visual”, o ensino da linguagem visual às crianças, isto porque, as imagens que habitam, diariamente, no dia-a-dia de uma criança estão constantemente em mutação. Cada dia elas adquirem uma leitura nova e uma abordagem diferente na forma como devem e podem ser interpretadas.

Mas convém estar atento porque nem todas apresentam um teor positivo. Constata Charréu (2003):

*(...) o triunfo do ‘visual’ tem causado alarme , não apenas sobre o impacto alegadamente negativo que as novas tecnologias visuais têm causado nas crianças como também sobre os alegados comportamentos alienantes e anti-sociais que eventualmente alguns dos seus produtos tecnológicos (...) e respectivas estratégias de apresentação têm provocado no indivíduo. (p. 12)*

É fundamental que o professor esteja atento e consiga acompanhar esta evolução de forma a conseguir filtrar os conteúdos fundamentais e socialmente significativos do que é “visual”, dentro do contexto educativo, utilizando a imagem como ferramenta metodológica.

Ele necessita de uma “bagagem” cultural para que, posteriormente, consiga transmitir aos seus alunos os signos e os significados das imagens de forma a que este consigam reconhecê-las e compreendê-las a partir de referências culturais. “O professorado deve aprender a ser (multi) alfabetizado junto dos seus estudantes.” (Hernández, s.d., p.4)

Com isto pretende-se que a inclusão da arte e da cultura visual no ensino traga uma aprendizagem voltada para o desenvolvimento do sentido crítico do aluno.

Hernández (2000) aborda este tema afirmando que:

*As imagens são mediadoras de valores culturais e contêm metáforas nascidas da necessidade social de construir significados. Reconhecer essas metáforas e seu valor em diferentes culturas, assim como estabelecer as possibilidades de produzir outras, é uma das finalidades da educação para a compreensão da cultura visual. (p. 133)*

Apesar do importante papel do professor na transmissão destes conhecimentos, o que se observa, com alguma frequência, é a desvalorização

do papel das artes no contexto educativo, muitas das vezes espelho da falta de formação e conhecimento por parte destes docentes.

Então a grande questão coloca-se. Estará o “educador” apto para transmitir estes conhecimentos e noções de arte, imagem e linguagem visual? Terá ele as competências necessárias para abordar, em contexto escolar, uma temática tão “assustadora” como é a cultura visual?

Infelizmente o cenário com que nos deparamos é o próprio não estar preparado para essa função. Desta forma, torna-se imperativo criar ferramentas de trabalho, dar formação, para que o professor possa vir a trabalhar de forma autónoma e motivada esta temática. “(...) o professor não se pode pautar apenas pelo domínio de um conjunto fixo de conhecimentos, devendo, pelo contrário, estar apto a renová-los, a reinterpretá-los e a problematizá-los.” (Oliveira e Silva, 2013, p. 5)

Reforça ainda Azevedo (s.d.), que “a educação para a compreensão e a construção de um sentido crítico sobre essas mesmas imagens torna-se tarefa principal para nós, educadores.” Acrescenta ainda que cabe ao professor “ajudar os estudantes a interpretarem os diferentes tipos de imagem, construindo significados que os levem à compreensão e ao entendimento da leitura que realizam.” (p. 2)

### **3. O mundo imagético e a alfabetização visual**

É verdade que a palavra escrita impôs, desde que surgiu, a necessidade de uma alfabetização. Estranhamente, o mesmo não aconteceu relativamente à imagem material, cuja emergência é porém mais antiga que a da escrita.

(Calado, 1994, p. 21)

Diz-nos Lima que “apesar de estarmos vivendo na chamada ‘era da imagem’, os educadores (...) ainda não utilizam métodos de ensino que façam da imagem o ponto de partida para a construção do conhecimento.” (p. 7)

Vimos anteriormente a importância da arte e da cultura visual na educação de um indivíduo. Ficou evidente que a utilização da imagem (do visual) como recurso educativo era fundamental na construção do “eu” cultural.

No entanto denota-se uma dificuldade imensa na utilização deste recurso, ao nível do ensino, e a interpretação e análise do mesmo, por parte do indivíduo.

E porquê?

Numa sociedade contemporânea como é a nossa discute-se a necessidade de uma alfabetização visual, que poderá expressar-se em designações como leitura de imagens e compreensão crítica da cultura visual.

Mas o que entendemos por alfabetização visual?

Hernández (2007), citado por Zimmermann (s.d), diz-nos que “se não se ensina aos estudantes a linguagem do som e das imagens, não deveriam ser eles considerados analfabetos da mesma maneira como se saíssem da universidade sem saber ler ou escrever?” (p. 3)

É a partir desta afirmação que surge a expressão “analfabetismo visual” mostrando a falta de espírito crítico e reflexão por parte das crianças face ao crescente “bombardeamento” de imagens a que estas estão sujeitas no seu dia-a-dia.

Cada vez mais vamos tendo a percepção de que a prática da leitura de imagens, quer em contexto escolar, quer num cenário familiar, permitirá a uma criança a possibilidade de educar o seu olhar, ou usando a expressão que aqui melhor se enquadra, “alfabetizar o seu olhar”.

Mas engane-se se considerar que a “compreensão das imagens é imediata”. Calado (1994) diz-nos que existe “uma alfabeto e uma gramática visuais que é necessário aprender.” (p. 21) à qual chamamos de linguagem visual. “Compreender uma narrativa visual pressupõe uma alfabetização do olhar.” (Mónica e Silva, 2013, p.6), logo, uma interpretação e compreensão desta linguagem.

O que é que então se torna necessário fazer face a este cenário?

Diz-nos Calado (1994), citando Dondis, que “é preciso que os educadores respondam a todos os que têm necessidade de ampliar a sua

capacidade para o alfabetismo visual.” (p.33) Para isso torna-se necessário que o professor esteja atento a este “novo” mundo contemporâneo e visual de forma a conseguir transmitir às crianças toda esta informação. Cabe ao educador ensinar os alunos, não só a visualizar mas, acima de tudo, a analisar, a entender e a interpretar as imagens que os rodeia.

Apesar de não ser uma tarefa fácil (e muitas vezes ser posta de parte), o ensino da linguagem visual, e a consequente alfabetização visual, em contexto escolar torna-se imperativo. As crianças precisam, assim como na linguagem verbal, de ter alguém que lhes ensine os códigos, signos e significados da linguagem visual. “Os alunos não vêem essas imagens criticamente, a menos que sejam ensinados a fazê-lo.” (Freedman, citado por Lima, p.10)

Com este cenário apresentado compreendemos que se torna fundamental a integração das expressões artísticas no contexto escolar, isto porque, “el papel de la educación artística debiese ser el alfabetización artística.” (Almejeiras, citado por Oliveira, 2013, p. 6)

No entanto é importante que o educador tenha consciência de quais imagens deverá utilizar, com as crianças, no processo de ensino/aprendizagem das mesmas. É importante que estas apresentem um conteúdo significativo para a criança de forma a que esta consiga compreender o seu significado,

Podemos então afirmar que a sensibilidade estética “não é inata mas sim construída” (Lima, p.11)

Sobre este assunto diz-nos Oliveira (2007) que:

*A permissa fundamental das expressões artísticas é “alfabetizar» o sentido estético e proporcionar às crianças uma abordagem ao processo artístico na sua globalidade, de forma que elas o entendam e participem dele, despertando nelas, nomeadamente, a expressividade, a comunicabilidade e a sensibilidade estética” (p. 62)*

Em suma, e refletindo sobre aquilo que já aqui foi exposto anteriormente, percebemos a importância que linguagem visual tem e o seu consequente ensino. Assim como é abordado e ensinado às crianças, num processo que é considerado corrente e normalizado, a aprendizagem do oral e da escrita, também a aprendizagem do visual deverá começar a ter o seu papel “principal” dentro do contexto educativo. É tão importante criança aprender a ler e

escrever como aprender a ver. Só assim conseguimos educar e “transformar” as nossas crianças em seres pensantes, críticos e intervenientes acerca do seu mundo e de tudo aquilo que os rodeia.

Penso que Britos (2011) consegue resumir, de uma forma brilhante, tudo isto que foi abordado, num único parágrafo:

*En el contexto de esta alfabetización, mediante el conocimiento de los elementos y la organización de los diferentes códigos, sus recursos y técnicas, así como el reconocimiento de las distintas manifestaciones artísticas del entorno y de otras de tiempos y espacios diferentes, los estudiantes estarán en condiciones de expresarse y comunicar, de producir de acuerdo con la edad y el ciclo que cursen, en forma individual y colectiva, y tendrán la oportunidad de establecer nuevos vínculos consigo mismos, con el otro, con el colectivo social y con la realidad, en tanto que espectadores activos, perceptores inteligente y hacedores de su propia producción, agentes positivos en relación con el patrimonio cultural nacional y universal y ciudadanos promotores de la vida democrática y el reconocimiento del otro y de sus derechos. (p.18)*

Finalizando este ponto questionamo-nos acerca das estratégias que poderemos utilizar para abordar a leitura de imagens com as crianças. E, como poderemos nós utilizar estas estratégias para ajudar a promover a leitura global.

Será possível, recorrendo a uma recurso visual, como é a imagem, motivar uma criança para a leitura de um livro? Que estratégias apelativas e motivadoras podemos nós utilizar?

## **4 A ilustração e o livro infantil**

Tento fazer os livros como objetos de arte em papel, como pequenos museus para a palavra e as imagens.  
(Pacovska, 2013)

“A criança que lê torna-se diferente, brinca diferentemente, com o mundo e consigo mesma, ama diferentemente, exprime-se e comove-se diferentemente. Porque a literatura, provavelmente mais e mais profundamente do que a “educação”, transforma.” (Pina, 2008, p. 22)

Cada vez mais ganhamos consciência da importância da leitura no desenvolvimento individual de uma criança.

Veloso (2005), citando Moraes diz-nos, de forma bastante poética que (...) ler é alimentar-se, respirar. É também voar. Ensinar a leitura é ao mesmo tempo formar a criança na técnica do voo (...)" (p.28)

No entanto vamo-nos apercebendo da crescente exigência que as crianças, de hoje em dia, apresentam e da quantidade de estímulos e "distrações" que as rodeiam e filtram a sua atenção, nomeadamente, a televisão, as playstations, a internet, tablets, etc. Por isso, cada vez se torna mais e mais difícil motivar e cativar a criança para o livro e para a leitura.

É fundamental que os mediadores de leitura (escola, casa, bibliotecas) assumam o seu papel e tenham uma participação ativa nesta ação, permitindo desta forma "que a formação de leitores se faça de forma consistente (...)" (Calçada, 2009, p.7) e, diríamos mais, crescente e eficaz.

Veloso (2005) reforça ainda esta ideia dizendo que "a actividade de ler para as crianças aparece como uma das actividades mais importantes para favorecer a construção de competências facilitadoras da aprendizagem da leitura(...)" (p. 28)

Neves e Lima ((2009), definem assim promoção da leitura: "conjunto de actividades culturais levadas a cabo com a finalidade de elevar os níveis de literacia e de fomentar as práticas de leitura de lazer, designadamente de livros (...)" (p. 33)

É evidente que quando pensamos em promoção da leitura pensamos na leitura de livros e no seu texto, no entanto, a criança tem, hoje em dia, uma panóplia de ofertas de livros com os mais variados formatos e feitios e nem sempre a leitura tem de se restringir à palavra escrita.

O livro infantil mudou, assim como a sua filosofia. Em tempos a literatura infantil era utilizada com um propósito pedagógico e eram recorrentes os contos com um final moralista. Assim afirma Pina (2008) dizendo que "durante muito tempo, os temas da literatura para crianças eram limitados, em virtude, principalmente, da sua assumida função 'educativa' e das próprias concepções dominantes da 'educação'" (p. 21)

Hoje em dia, apesar de ainda existirem estas histórias que povoam as nossas memórias, os livros adotaram um papel mais lúdico e divertido. “(...) a literatura para crianças atingiu entre nós saudável autonomia e maioridade (...) (Pina, 2008, p. 21)

Sobre esta temática Silva (2008) diz-nos que “em Portugal, a literatura que tem na criança o seu destinatário preferencial tem evidenciado uma renovação ao nível criativo, testemunhando, por exemplo, no reforço da componente lúdica e/ou na exploração do sentido cómico (...)” (p. 94)

Mas um dos papéis principais dos livros infantis, que nunca nos podemos, nem devemos esquecer, é o de despertar para a imaginação. Manuel António Pina, no alto da sua genialidade, tem uma frase fabulosa a esse respeito num discurso que proferiu no XVIII Encontro de Literatura para a Infância. Ele diz-nos que “a literatura é sobretudo, uma arte de fazer de conta (...) À porta de qualquer obra literária está sempre a inscrição: ‘Para aqui entrares, tens de fazer de conta que acreditas.’ “ (p. 14)

O livro infantil, nos dias de hoje, tornou-se, de forma evidente, num objeto contemporâneo. Para além de abordarem temas do quotidiano, estes livros apresentam-se cada vez mais criativos e apelativos. Sem fugirem ao conto fantástico, os livros infantis atuais trazem-nos outras temáticas mais sociais, emotivas, éticas, todas abordadas de forma perceptível para a criança. Desta forma a criança reve-se no livro e experencia emoções que lhes são mais apelativas, divertidas e lúdicas.

O livro infantil leva, assim, a criança a interagir mais diretamente com ele, não somente com o texto mas também com as suas imagens. Este processo é fundamental para o despertar da imaginação da criança.

Podemos constatar que livro infantil tem vindo a mostrar uma evolução galopante na qualidade das suas imagens. As ilustrações passaram de simples função decorativa para um papel fundamental, a par com o texto.

É indiscutível, nos dias de hoje, a excelente qualidade do trabalho gráfico de um livro infantil, e isso vê-se pela inovação e criatividade no que diz respeito à introdução de novas técnicas e suportes utilizados na criação de uma ilustração; nas suas ilustrações cada vez mais apelativas e com cores

atrativas; nos formatos do próprio objeto livro (temos, hoje em dia, livros de todos os formatos, livros jogos, livros com cheiro...); livros vivos que interagem com o leitor, enfim!

Esta qualidade tornam o livro infantil mais apelativo e este “chama” a criança a interagir com ele, não só através da leitura do texto mas também pela leitura das imagens.

A leitura de livros infantis por meio de imagens e ilustração é um fator essencial no desenvolvimento infantil, pois possui a função auxiliadora onde proporciona uma interpretação que ajudará no crescimento e na transformação da criança e do seu mundo.

Estes livros repletos de ilustrações, com contos tradicionais ou modernos, alimentam o imaginário da criança e contribuem para diversas resoluções afetivas, intelectuais e artísticas essenciais no desenvolvimento harmonioso de todas as crianças, portanto é um ponto de partida na construção da personalidade.

Neste sentido podemos recorrer ao livro infantil, e às suas ilustrações não só para ajudar na promoção da leitura, e na percepção da cultura e linguagem visual mas também para desenvolver nas crianças outros sentidos como a imaginação, a criatividade, o sentido crítico e o sentido estético.

Ramos (2005) fala-nos das funcionalidades da ilustração do livro infantil afirmando que estas tem um poder de atração visual muito grande ajudando a criança na descodificação do texto. No entanto, para além destas funções, Ramos afirma que as ilustrações podem apresentar outras funcionalidades como é o caso:

*(...) de complementar o texto, simplificando-o ao mesmo tempo, uma vez que é realizado o deslocamento de várias informações para as imagens; de aprofundar o texto, ampliando as possibilidades da história e complicando o enredo ou abrindo outras possibilidades narrativas; de aludir a elementos culturais ou históricos (...), iniciando o leitor no jogo intertextual e/ou interdiscursivo; e de “substituir” o texto, preenchendo as suas lacunas ou apontando outras hipóteses, para além das referidas pelo narrador e/ou personagens. (p. 55)*

Com todas estas potencialidades não podemos ficar indiferente, nos dias de hoje, à importância da ilustração no livro infantil e seria, de todo, insensato

da nossa parte não recorrer a este recurso tão poderoso na promoção da leitura, no ensino da linguagem visual e, por consequência, na construção do “eu” social, intelectual artístico e cultural da criança.

Assim, e parafraseando Oliveira e Silva (2003):

*(...) pode-se afirmar que um livro ilustrado, se provido de imagens com proeminente valor estético, pode constituir um relevante contributo para a educação artística pelas suas potencialidades na sensibilização do olhar e do sentido estético, essenciais para a formação da criança como leitor visual e criadora de imagens (p. 5)*

Voltando a referir a panóplia de livros infantis que podemos encontrar, hoje em dia, no mercado nacional, apercebemo-nos que a oferta é (quase) “ilimitada” e com tendência a crescer cada vez mais.

São vários os formatos de livros, e as editoras que hoje em dia primam pela edição destes livros, onde podemos encontrar uma excelente qualidade e relação texto/imagem ou mesmo só de imagem. É o caso dos livros álbum onde o texto e a imagem andam “de mãos dadas” tendo o mesmo peso no conteúdo e desenrolar da história. Temos também o livro ilustrado onde a ilustração acompanha e, por vezes, complementa o enredo da história. E os livros de imagem, ou “livros silenciosos”, que recorrem somente à imagem para nos narrar uma história.

Qualquer um destes livros podem ser um excelente recurso ao qual nos podemos socorrer neste nosso trabalho diário que é (tentar) promover a leitura junto das crianças.

Mas será que é só o educador o responsável por esta “tarefa” tão importante? Não terá o ilustrador, no momento da sua criação e no seu trabalho, também um papel relevante neste processo?

Zimmermann (2007) aborda-nos este tema referindo-se a uma palestra que assistiu sobre “o que o ilustrador pensa”. Ela diz-nos que este é um tema bastante pertinente no panorama atual e que, hoje em dia, o ilustrador já “pensa sobre o que faz, por que faz, como e para quem, não como regras fechadas de conduta e criação, mas como um ponto de partida para uma reflexão, comprometendo-se com o seu trabalho e seu público.” (p. 698)

Sobre o livro infantil podemos dizer que a sua narração e a sua essência são feitas através de uma perfeita coordenação e articulação entre o texto e a imagem. “ (...) a alma de uma ilustração é sua parte da narrativa (...)” (Vidal, 2012)

Diz-nos ainda Vidal (2012) que, é essencial no trabalho de um ilustrador, o mesmo “ (...) apropriar-se das histórias para ilustrá-las. Você as lê, se apropria delas e quando assimiladas, você pega as imagens que surgem e as põe no papel. É como semear textos para colher imagens.”

Nesta construção o ilustrador é um artista, um criador que faz uma leitura do texto e consegue, através do seu trabalho, dar uma nova narrativa ao livro. Por vezes acrescenta “pontos”, por vezes só completa o texto...no caso dos livros silenciosos as imagens narram por si só. Seja como for, podemos considerar que o ilustrador está, sem dúvida alguma, em “pé de igualdade” com o escritor.

Afirmamos, assim, que esta estreita relação entre o texto e a ilustração torna os ilustradores, de hoje em dia, co-produtores destas “obra de arte” (que são os livros infantis) e verdadeiros “artistas dos 7 ofícios”.

O ilustrador e designer brasileiro, Alarcão define, desta forma, o trabalho de um ilustrador:

*(...) o ilustrador tem por missão criar na página em branco mundos e gentes, personagens, indumentária, orquestrar coadjuvantes, compor cenários, padronagens, texturas, iluminação, enquadramentos, gestos e expressões faciais, estabelecer paleta de cores, pensar no design... Temos enfim que ser vários artistas em um. (2011)*

Com esta análise não temos dúvidas que o ilustrador é também um promotor de leitura e que o seu trabalho criativo é fundamental na construção da entidade social e cultural de uma criança.

Termino com esta afirmação do ilustrador Roberto Innocenti (2014) que, julgo, resume e transmite a ideia primordial deste enquadramento teórico. “Ilustrar é contar histórias ao leitor”.

Se realmente acreditamos nisso podemos considerar que a ilustração é um “trunfo” importantíssimo a utilizar nesta grande jornada e neste grande desafio que é a promoção da leitura.

# ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO

## Capítulo 1 - Opções metodológicas

### 1. A investigação educativa

O ser humano é, por natureza, um ser com sede de conhecimento. Essa curiosidade, que nos é inerente, tem como propósito primordial o aumento do património de conhecimentos específicos de temas e assuntos que são objeto de estudo e análise. Esse aumento do saber é alcançado a partir da resolução de problemas e da aquisição de respostas às questões com que cada área de conhecimento se confronta.

Neste campo, a investigação é, provavelmente, um dos meios que o ser humano recorre com mais frequência para a obtenção de respostas. Nesse sentido, poder-se-á dizer que uma investigação é, segundo Erasme e Lima (1989) “uma atividade orientada no sentido da solução de problemas. É uma tentativa de averiguar, indagar, procurar respostas” (p.15); é “um processo sistemático e rigoroso e leva à aquisição de novos conhecimentos (Fortim,1999, p.17) quer seja nos domínios das ciências da saúde, das ciências sociais ou das ciências humanas.

A investigação realizada no campo das Ciências da Educação, assim como em qualquer uma das outras Ciências, tem como objetivo primordial “alargar o campo dos conhecimentos na disciplina a que diz respeito e a facilitar o desenvolvimento desta mesma ciência.” (Fortin, 1999, p.18)

Um projeto de investigação surge então quando há a necessidade de se obter respostas para um determinado problema. E é seguindo as linhas de investigação deste projeto, traçadas de forma rigorosa e metódica, que tentaremos chegar à informação que nos permitirá formular hipóteses e traçar uma conclusão para o problema inicial.

Assim, o primeiro passo consiste em expor o problema, formulando a questão de partida, que consideramos pertinente e sobre a qual nos iremos apoiar para nos guiar nesta investigação.

Neste trabalho de projeto foi traçada a seguinte pergunta de partida: de que forma podemos promover a leitura junto das crianças utilizando como recurso a ilustração dos livros infantis?

Mas antes de traçar um pormenorizado plano de investigação é fundamental que o investigador defina a metodologia de investigação que irá utilizar.

Aliás, cabe ao investigador, não só delinear o projeto como também “coordenar as operações com o máximo de coerência e eficácia. É sobre ele que recairá a responsabilidade de levar a bom termo o dispositivo global da investigação.” (Quivy & Campenhoudt, 2003, p.15)

Os métodos de investigação podem ser categorizados em qualitativos e quantitativos.

O investigador quantitativo procura abarcar, com a sua pesquisa, um conjunto de dados que sejam observáveis e quantificáveis, “recolhem os factos e estudam a relação entre eles. Realizam medições com a ajuda de técnicas científicas que conduzam a conclusões quantificadas e, se possível, generalizáveis” (Bell, 1997, p.20)

Quanto ao investigador qualitativo, este, procura compreender de forma clara e precisa o seu objeto de estudo. “Os investigadores que adoptam uma perspectiva qualitativa estão mais interessados em compreender as percepções individuais do mundo. Procuram compreensão, em vez de análise estatística.” (Bell, 1997, p. 20).

Em suma, enquanto a investigação quantitativa utiliza dados quantificáveis que lhe permitem provar ligações entre variáveis, a investigação qualitativa utiliza principalmente estratégias que possam criar dados descritivos que lhe permitirá ver o modo de pensar dos participantes numa investigação.

No entanto “se bem que os dois métodos de investigação proponham etapas e abordagens da realidade que são diferentes, ambos requerem todavia

que a investigação seja tão rigorosa e sistemática quanto possível.” (Fortin, 1999, p. 22)

Posto tudo isto, e dado que a escolha do método de investigação se deve fazer em função da natureza do fenómeno a estudar, considerou-se pertinente seguir uma metodologia de investigação qualitativa, pois entendeu-se que seria a mais adequada para perceber os processos, os produtos e os problemas inerentes a esta investigação.

Concluindo e recorrendo às sábias palavras de Bogdan e Biklen (1994) “independentemente da forma como surge um tópico, é essencial que ele seja importante e estimulante para si (...) sem um toque de paixão pode não ter fôlego suficiente para manter o esforço necessário à conclusão do trabalho ou limitar-se a realizar um trabalho banal.” (pp. 85,86)

## **2. Estudo de caso**

Atualmente são muitos os investigadores que optam pela pesquisa qualitativa para obter respostas aos seus “problemas”, às suas questões, isto porque, é já evidente a grande importância que este método de pesquisa tem.

Um dos métodos de abordagem qualitativa é o estudo de caso, método de investigação selecionado para este trabalho de projeto.

Segundo Yin (2001), “os estudos de caso representam a estratégia preferida quando se colocam questões do tipo “como” e “porque”, quando o pesquisador tem pouco controle sobre os eventos e quando o foco se encontra em fenômenos contemporâneos inseridos em algum contexto da vida real.” (p.19).

Aliás, para Reichardt e Cook (1986), Lincoln e Guba (1985), Colás (1998) e Bogdan e Biklen (1992), o estudo de casos é um dos métodos mais comuns na investigação qualitativa. (Aires, 2013, p.21)

O estudo de caso trata-se de um método de investigação empírico utilizado por investigadores que pretendem, de uma forma aprofundada, analisar, compreender e relatar fenómenos e contextos complexos e reais, nos quais estão envolvidos múltiplos factores. É a compreensão destes fenómenos

que confere a particularidade a este método, sobretudo quando as fronteiras entre o fenómeno e o contexto não são bem definidas, permitindo a incorporação de múltiplas fontes de evidência e de dados.

Assim, Bogdan e Biklen (1994), citando Merriam (1988), afirmam que “o estudo de caso consiste na observação detalhada de um contexto, ou indivíduo, de uma única fonte de documentos ou de um acontecimento específico.” (p. 89)

Sousa (2009), por sua vez, refere-se ao estudo de caso como “uma investigação naturalista, em que se estuda o sujeito no seu ambiente quotidiano, sem qualquer intervenção do investigador com o sentido de manipular variáveis independentes.” (p. 138)

Por outro lado, Bell (1997), citando Adelman *et al.* (1977), define “estudo de caso” como sendo “um termo global para a família de métodos de investigação que têm em comum o facto de se concentrarem deliberadamente sobre o estudo de um determinado caso.” (p. 22)

No entanto, apesar de muitos investigadores, ao iniciar o seu trabalho e depois da escolha do método de investigação consigam “ter uma ideia acerca do que irão fazer, nenhum plano detalhado é delineado antes da recolha dos dados” (Bogdan e Biklen, 1994, p. 83)

## **2.1 Instrumentos de recolha de dados**

Fortin (1999) aborda, no seu livro, esta questão da escolha dos instrumentos de recolha de dados (métodos de colheita de dados, assim designa a autora). Diz-nos a autora que, “a investigação pode incidir sobre uma variedade de fenómenos” e, por esse mesmo motivo pode existir uma necessidade de recorrer à escolha de diversos instrumentos de recolha de dados para o mesmo estudo. É a “natureza do problema de investigação” que vai determinar “o tipo de método de colheita de dados a utilizar.” (p.239)

Podemos considerar instrumentos de recolha de dados, na investigação qualitativa, os inquéritos, as entrevistas, a análise de conteúdos e a análise estatística de dados.

Para cada estudo cabe ao investigador analisar e decidir quais os instrumentos que melhor se adequam à sua investigação. Para isso é necessário que este tenha um conhecimento particular e aprofundado dos instrumentos de recolha de dados existentes, assim como, as vantagens e desvantagens de cada um.

Numa investigação qualitativa o processo de recolha de dados é bastante demorado pois o investigador tem um conjunto de dados que precisa de tratar e analisar de forma cuidadosa, nomeadamente, transcrições de entrevistas; análise e estudo de inquéritos; análise documental de material recolhido durante todo o processo, etc. Por este motivo é extremamente importante a escolha dos instrumentos de recolha de dados para uma melhor análise de todo o processo e conclusão do mesmo. O investigador não deve, no entanto, proceder à recolha de dados, sem antes selecionar, elaborar e testar cuidadosamente os instrumentos, sempre de acordo com a tarefa que pretende cumprir.

Podemos então concluir que a seleção destes instrumentos de recolha de dados é uma tarefa que o investigador não pode minimizar, pois deles dependerão a concretização dos objetivos da investigação.

## **2.2. Objetivos de estudo**

“O objectivo de um estudo indica o porquê da investigação.” (Fortin, 1999, p.100)

Qualquer investigação pressupõe a definição de objetivos de estudo. É fundamental para a análise de um fenómeno e de todo o processo de estudo inerente que o investigador trace objetivos concretos sobre aquilo que quer ver respondido e concluído.

É essa definição que Fortin (1999) nos dá quando se refere que o objetivo de estudo “enuncia de forma precisa o que o investigador tem intenção de fazer para obter respostas às questões de investigação.” (p.99)

Para este trabalho de projeto foram definidos os seguintes objetivos:  
Crianças

\* Despertar o interesse nas crianças para a leitura através da ilustração;

\* Dar a conhecer às crianças algumas técnicas utilizadas na conceção de uma ilustração;

\* Fomentar nas crianças o sentido crítico.

Professores e técnicos da área das Bibliotecas

\* Perceber qual a motivação do professor para trabalhar a ilustração em contexto escolar;

\* Motivar o professor para a importância da ilustração como uma prática lúdica e heurística no desenvolvimento global da criança;

\* Dar a conhecer ao professor formas de operacionalizar a ilustração em contexto escolar.

Ilustradores

\* Perceber qual o papel do ilustrador no apoio à promoção da leitura;

\* Conhecer as estratégias utilizadas pelo ilustrador para promover a leitura.

### **3. Técnicas metodológicas de investigação**

*Alguns investigadores movimentam-se nas escolas munidos de blocos de apontamentos para registarem os dados. Outros recorrem ao equipamento de vídeo na sala de aula e não seriam capazes de conduzir uma investigação sem ele. Outros ainda elaboram esquemas e diagramas relativos aos padrões de comunicação verbal entre alunos e professores. No entanto, todos eles têm em comum o seguinte: o seu trabalho corresponde a nossa definição de investigação qualitativa e incide sobre diversos aspectos da vida educativa. (Bogdan & Biklen, 1994, p.47)*

Assim com a escolha dos instrumentos de investigação, também a seleção das técnicas de recolha de dados a utilizar durante o processo de investigação, é uma etapa muito importante para o investigador pois dela depende a concretização ou não dos objetivos traçados para essa mesma investigação.

Aires (2013) classifica, no seu estudo, as técnicas de recolha de dados em investigação qualitativa em diretas (interativas) e indiretas (não-interativas). Nesta sua análise, e utilizando como ideologia um quadro traçado por Colás, Aires sintetiza as técnicas diretas em, observação participante; entrevistas qualitativas e histórias de vida; e as técnicas indiretas em, os documentos

oficiais (registos, documentos internos, dossiers, estatutos, registos pessoais, etc.) e documentos (diários, cartas, autobiografias, etc.).

No que diz respeito ao estudo de caso, e à investigação qualitativa, são várias as técnicas utilizadas no processo de recolha de dados, nomeadamente, o inquérito por entrevista, o inquérito por questionário, a observação participante e a análise documental.

Neste trabalho de projeto foram utilizados todas estas técnicas de recolha de dados.

O facto de se utilizar todas estas fontes de recolha de dados no processo de investigação permitir-nos-á obter diferentes perspetivas dos intervenientes deste processo ajudando-nos assim, na fase de análise de dados, a uma melhor triangulação de toda esta informação. Desta forma conseguiremos ter uma visão mais abrangente de toda a informação podendo assim analisar e chegar, mais facilmente, a uma conclusão.

De seguida passaremos a explicar cada uma destas técnicas de recolha de dados.

### **3.1 Entrevista**

“Uma das mais importantes fontes de informação para um estudo de caso são as entrevistas.” (Yin, 2001, p. 112)

A entrevista é uma das técnicas mais comuns e utilizada no estudo de caso, isto porque, permite ao investigador perceber a forma como os sujeitos interpretam as suas vivências.

Segundo Erasmie e Lima (1989), a entrevista “é uma conversa cuidadosamente planeada que visa obter informações sobre crenças, opiniões, atitudes, comportamentos, etc. do entrevistado relativamente a certas questões ou matérias” (p.85) e está categorizada em entrevista estruturada e entrevista de resposta livre.

Já para Bell (1997), a entrevista divide-se em entrevista preliminar e entrevista não estruturada. Para esta autora, e citando Moser e Kalton (1971, p.271) a entrevista tem uma definição bem simples e direta, ela é “uma

conversa entre um entrevistador e um entrevistado que tem o objetivo de extrair determinada informação do entrevistado.” (pp. 118, 119)

Já para Bogdan e Biklen (1994), a entrevista “é utilizada para recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspectos do mundo.” (p.134) e poderá estar categorizada em entrevista estruturada, semiestruturada e não estruturada.

Parece não haver consenso, entre os autores, quanto ao número de tipos de entrevistas, uma vez que existem outros autores que definem a entrevista com outras terminologias como, por exemplo, formal e informal; padronizada, semipadronizada e não padronizada; diretivas e não diretivas, etc.

Utilizando como eixo deste trabalho de projeto a tipologia de entrevista definida por Bogdan e Biklen (e outros autores similares): estruturada, semiestruturada e não estruturada, passaremos a definição cada uma delas.

Assim, define-se entrevista estruturada como sendo constituída por um conjunto de perguntas predefinidas num guião às quais o investigador se cinge criteriosamente. Neste tipo de entrevistas faz-se sempre a mesma lista de perguntas a diferentes entrevistados e estes não têm oportunidade de se expressar livremente restringindo-se a responder às perguntas elaboradas.

Na entrevista semiestruturada o investigador modifica as instruções do guião da entrevista com perguntas adicionais, procurando desenvolver áreas úteis de questionamento durante a entrevista.

Este tipo de entrevista é o mais utilizado principalmente quando o investigador sabe o suficiente sobre os objetivos e perguntas de partida a avaliar.

Por último, a entrevista não estruturada caracteriza-se por não ter um guião preestabelecido. O entrevistado pode assim expressa-se livremente e abordar assuntos não planeados, uma vez que não há uma lista definida de perguntas. O avaliador apenas intervém para gerar e desenvolver perguntas relacionadas com os comentários do entrevistado.

Enquadrando estas tipologias de entrevista no trabalho de projeto elaborado podemos afirmar que os tipos de entrevista utilizados neste estudo, como forma a recolher informações dos intervenientes foram: a entrevista semiestruturada e a entrevista estruturada. No primeiro caso aplicou-se a entrevista, pessoalmente, à ilustradora Yara Kono. No caso da entrevista estruturada esta foi realizada através do envio do guião, por correio eletrónico, aos outros ilustradores. Recorreu-se a esta tipologia de entrevista devido ao factor distância, uma vez que, havia ilustradores da zona do Porto e da zona de Lisboa.

### **3.1.1 Guião da entrevista**

Quando planeamos uma entrevista temos de ter sempre em conta a estruturação de um guião.

O guião da entrevista é um instrumento de recolha de informação onde estão traçados os tópicos que o investigador pretende abordar na sua entrevista, desta forma, ele sabe que nenhum ponto estabelecido para a entrevista será esquecido.

No entanto, o guião não é um documento fechado e o investigador pode sempre adaptar a sua intervenção ao entrevistado e apresentar novas questões. É útil que o entrevistador vá ajustando e corrigindo as suas perguntas se vir que o entrevistado está a ter problemas com alguma das questões. Por este motivo é tão importante que se realize uma simulação da entrevista a um indivíduo “neutro” antes de a apresentarmos aos entrevistados reais.

Também há quem utilize a estratégia de enviar, previamente, o guião aos intervenientes. Isto permite ao entrevistado preparar-se e reunir a informação factual necessária para o encontro.

Quanto à estrutura do guião este pode ser constituído por perguntas abertas, semiabertas ou fechadas. Deve incluir uma pequena introdução e objetivos da entrevista de forma a situar o entrevistado no que é pretendido com a realização desta mesma entrevista. Pode ainda conter anotações tais como: duração do tempo de resposta; palavras-chave ou questões de

aprofundamento, que poderão auxiliar o entrevistador na condução da entrevista.

### **3.2 Observação participante**

A observação participante é um método observação no qual o investigador tem um papel ativo permitindo, desta forma, que este consiga participar e assumir variadas funções dentro do estudo de caso que está a investigar.

Segundo Ketele e Roegiers (1993), “este processo requer um acto inteligente: dentro do campo perceptivo de que dispõe, o observador seleciona um pequeno número de informações pertinentes entre o vasto leque de informações possíveis.” (p.23)

A observação participante é realizada diretamente no contexto cultural dos intervenientes havendo um contacto direto e, por vezes, prolongado por parte do investigador. É muito interessante esta visão que a observação participante nos dá “de perceber a realidade do ponto de vista de alguém de “dentro” do estudo de caso, e não de um ponto de vista externo”. (Yin, 2001, 116)

Não nos podemos esquecer, no entanto, que a observação participante (assim como qualquer outro tipo de observação) é uma atividade que requer alguma formação e conhecimento de causa, “não é um dom natural” (Bell, 1997, p. 140). É importante que o investigador domine esta técnica e que esteja seguro do estudo que está a fazer e quais as informações pertinentes que deve recolher para depois desenvolver raciocínios significativos.

Refere então Bell (1997), sobre esta temática, que “o planeamento e a condução cuidadosos deste tipo de estudo são essenciais e é necessária alguma prática para tirar o máximo partido desta técnica”. Refere ainda que, quando dominada, a observação participante “pode muitas vezes revelar características de grupos ou indivíduos impossíveis de descobrir por outros meios. (p. 140)

Uma vez em campo, o investigador, munido de uma grelha de observação pré-definida com base nos objetivos que pretende ver observados, poderá dar início ao seu trabalho.

Como nos dizem Quivy e Campenhoudt (2003), num discurso conciso sobre a ação em campo do investigador nesta área, este é “infinidamente amplo e só depende, em definitivo, dos objetivos do seu trabalho e das suas hipóteses de partida.” (p. 196)

Este método foi utilizado, neste trabalho de projeto, em duas situações distintas: em contexto de sala de aula com os alunos das duas turmas participantes no projeto e no decorrer das atividades realizadas com esses mesmos alunos na Biblioteca Municipal Camilo Castelo Branco. As técnicas utilizadas para recolha de dados foram as filmagens, as fotografias e o registo escrito.

### **3.3 Questionário**

“É mais difícil do que imagina planificar um bom inquérito.” (Oppenheim, 1966, VII, citado por Bell, 1997, p. 99)

Esta afirmação leva-nos a pensar que, apesar de ser um método de recolha de dados utilizado com bastante frequência, o inquérito por questionário requer um cuidado especial, isto porque, este método não deverá ser apenas um meio para recolher respostas às nossas questões mas, acima de tudo, para obter respostas através das quais consigamos analisar estatisticamente para validação de resultados.

Assim, será necessário refletir sobre a afirmação de Bell (1997) acerca dos questionário e que nos diz que “ é na altura da concepção destes e não depois de todos os questionários terem sido devolvidos, que é necessário refletir sobre a forma como as respostas serão analisadas.” (p. 100) É de extrema importância que voltemos a analisar as perguntas de partida e os objetivos traçados inicialmente de forma a elaborar um questionário com perguntas pertinentes que nos ajudem a obter respostas úteis à resolução do nosso estudo.

Fortin (1999) define questionário como sendo “um método de colheita de dados que necessita das respostas por parte dos sujeitos. (...) Ajuda a organizar, a normalizar e a controlar os dados, de tal forma que as informações procuradas possam ser colhidas de uma maneira rigorosa.” (p. 249)

Para Sousa (2009), o questionário é “uma técnica de investigação em que se interroga por escrito uma série de sujeitos, tendo como objectivo conhecer as suas opiniões, atitudes predisposições, sentimentos, interesses, expectativas, experiências pessoais, etc.” (p. 204)

Por sua vez, Quivy e Campenhoudt (2003) definem, desta forma, o questionário:

*Consiste em colocar a um conjunto de inquiridos, geralmente representativo de uma população, uma série de perguntas relativas à sua situação social, profissional ou familiar, às suas questões, a sua atitude em relação a opções humanas e sociais, às suas expectativas, ao seu nível de conhecimentos ou de consciência de um acontecimento ou de um problema, ou ainda sobre qualquer outro ponto que interesse os investigadores.” (p.188)*

Aspetos como: seleção da amostra; definição dos objetivos e o tipo de questionário que queremos elaborar; a redação das questões; planificação do método de análise dos dados; aplicação de um pré-teste; entre outros, são alguns pontos importantes que devem ser considerados quando queremos aplicar um inquérito por questionário.

De um modo prático, Sousa (2009), mostra-nos, no seu discurso, a simplicidade e utilidade de se aplicar um questionário quando afirma que esta ação implica “interrogar um determinado número de sujeitos, tendo em vista uma generalização, ou melhor, o suscitar de um conjunto de respostas individuais, em interpretá-las e generalizá-las.” (p.204)

O questionário pode ser estruturado, assim como a entrevista, em perguntas abertas ou fechadas.

Define-se questões abertas ou de resposta livre aquelas que submetem o sujeito a dar respostas escritas, em contrapartida, as questões fechadas, que podem ser de escolha fixa ou escolha múltipla, dão uma série de respostas possíveis às quais o sujeito tem de se restringir.

O questionário elaborado para este trabalho de projeto estava estruturado com questões abertas e fechadas (escolha fixa e múltipla) e foi aplicado a um grupo de profissionais da área da educação (professores bibliotecários, professores do ensino básico, técnicos de biblioteca, etc.) inscritos no 7º Encontro de Serviços de apoio às Bibliotecas Escolares.

Uma vez estruturado o questionário é necessária a realização e aplicação de um pré-teste. “O pré-teste consiste no preenchimento do questionário por uma pequena amostra que reflita a diversidade da população visada.” (Fortin, 1999, p. 253) Este processo é bastante importante, uma vez que, permitirá ao investigador analisar e retificar algumas questões do questionário que entenda que não estejam suficientemente perceptíveis, antes da aplicação final do mesmo.

Uma das grandes vantagens do questionário é o facto de este ser um método de recolha de dados bastante económico permitindo que o mesmo seja aplicado, simultaneamente, a um grande grupo da população (amostra). As respostas a este questionário trarão ao investigador um conjunto significativo de informações. A desvantagem remete para o facto de nem todos os intervenientes responderem ao questionário ou mesmo não responderem a todas as questões, ficando dados por esclarecer e apurar.

Para concluir podemos refletir sobre a ideia de que o questionário talvez não seja uma das técnicas mais representativas na investigação qualitativa, pois a sua utilização está mais associada a técnicas de investigação quantitativa. Contudo, enquanto técnica de recolha de dados, o questionário poderá prestar um importante serviço à investigação qualitativa.

### **3.4 Análise documental**

A definição de análise documental tem sido explanada, ao longo dos tempos, por diferentes investigadores e estudiosos.

No entanto, considera-se que a definição dada por Bogdan e Biklen (1994), em comparação com outras analisadas ao longo deste estudo, seja a mais concisa e direta. Estes autores, utilizando no seu livro a definição de análise de dados, dizem-nos que esta é:

*(...) um processo de busca e organização sistemático de transcrição de entrevistas, de notas de campo e de outros materiais que foram sendo acumulados, com o objetivo de aumentar a sua própria compreensão desses mesmos materiais e de lhe permitir apresentar aos outros aquilo que encontrou. A análise envolve o trabalho com os dados, a sua organização, divisão em unidades manipuláveis, síntese, procura de padrões, descoberta dos aspectos importantes e do que deve ser aprendido e a decisão sobre o que vai ser transmitido aos outros. (1994, p. 205)*

Considerada uma técnica de recolha de dados decisiva na área das Ciências Sociais e Humanas, a análise documental é um método indispensável em qualquer investigação destas áreas, isto porque, é a base de qualquer estudo. Para reforçar esta afirmação temos uma citação de Lüdke e André (1986) que nos dizem que “a análise documental pode se constituir numa técnica valiosa de abordagem de dados qualitativos, seja complementando as informações obtidas por outras técnicas, seja desvelando aspectos novos de um tema ou problema.” (p. 38)

A análise documental pode ser interpretada como sendo constituída por duas etapas: uma inicial de recolha de documentos e uma segunda, mais de análise de conteúdo.

As principais fontes de análise documental geralmente são gráficos; apontamentos ou notas; diários de bordo; fotografias; documentos informativos; registos orais, escritos ou audiovisuais; etc.

Estas fontes devem ser analisadas de forma atempada, cuidada e, acima de tudo, crítica. Todo este processo torna-se deveras importante pois dará ao investigador, juntamente com as informações obtidas através das outras técnicas, uma visão alargada sobre novos aspetos da sua investigação e pontos decisivos para a tomada de uma conclusão. Reforçando esta ideia temos Fortin (1999) que nos afirma que “várias destas fontes fornecem uma visão de conjunto do problema em estudo e ajudam a defini-lo melhor.” (p. 77)

No entanto, antes de avançar com qualquer análise documental o investigador deverá certificar-se bem se as fontes que recolheu serão ou não pertinentes para o seu estudo e, de seguida, submete-las a “processos diferentes de validação”. Quivy e Campenhoudt (2003) acrescentam ainda que estes processos permitem “controlar a credibilidade dos documentos e das

informações que eles contêm, bem como a sua adequação aos objetivos e às exigências do trabalho de investigação.” (p. 202)

A análise documental numa investigação qualitativa, segundo Bogdan e Biklen (1994) decorre durante todo o processo de estudo, “se bem que seja normalmente nas fases finais que os dados são analisados de forma mais sistemática.” (p.84)

Ao longo deste estudo foi um pouco esta a realidade com que nos deparamos no que diz respeito à utilização deste recurso de recolha de dados. Procedeu-se à análise de filmagens, dos trabalhos realizados pelos alunos nas diferentes atividades, as anotações realizadas ao longo do estudo, tentando-nos focar no comportamento, no interesse e no empenho demonstrado pelos alunos. Com um trabalho tão próximo com a amostra selecionada era fundamental esta análise sistemática ao longo de todo o processo.

#### **4. Caracterização da população e da amostra**

“A amostragem é um procedimento pelo qual um grupo de pessoas ou um subconjunto de uma população é escolhido de tal forma que a população inteira esteja representada. (Fortin, 1999, p. 213)

Para esta autora os principais conceitos que estão relacionados com a amostragem são: a população, a amostra, o plano de amostragem, a caracterização da população, a representatividade e o erro da amostragem. (p. 202)

Passaremos, de seguida, a explicar as definições de população e amostra e sua caracterização.

Assim, define-se população, em traços gerais, como sendo um conjunto de elementos que têm pelo menos uma característica em comum.

Assim confirmam Ghiglione e Matalon (1985), citado por Sousa (2009), quando nos dizem que a definição de população refere-se a “um todo, um universo, um conjunto definido de elementos que possuem determinadas características.” Acrescentam ainda os autores que é crucial definir “as

condições que caracterizam a população”, bem como os seus limites, para que se perceba claramente “quem fica incluído ou excluído do seu âmbito.” (p. 64)

Segundo o ponto de vista de Fortin (1999), população define-se como sendo “uma colecção de elementos ou de sujeitos que partilham características comuns, definidas por um conjunto de critérios” sendo a “unidade base de população”, o elemento. Este elemento tanto poderá ser, segundo este autor, “uma pessoa” ou até mesmo “uma família, um grupo, um comportamento, uma organização, etc.” (p. 202)

Para este estudo foram selecionadas, inicialmente, duas populações distintas: os alunos do 3º e 4º ano do concelho de Vila Nova de Famalicão e os professores bibliotecários e técnicos de bibliotecas. Após a esquematização do trabalho de projeto tornou-se clara a necessidade de se juntar mais um elemento, os ilustradores portugueses.

No entanto torna-se humanamente e intelectualmente impossível analisar e trabalhar com os elementos na sua totalidade. Seria impensável, por exemplo, trabalhar e estudar todos os alunos do 3º e 4º ano do concelho. Por essa razão, depois de delimitada a população e os seus elementos torna-se necessário criar subconjuntos dessas mesmas populações. A esses subconjuntos damos o nome de amostra.

Assim afirma Sousa (2009) quando nos diz que:

*Quando a população alvo do estudo possui uma dimensão demasiado grande para que os procedimentos da investigação possam ser aplicados a todos os seus elementos, recorre-se à selecção de uma amostra, possuidora de todas as características da população, trabalhando-se apenas com os sujeitos da amostra. A amostra é, portanto, uma parte da população, possuidora de todas as características desta, representando-a na sua totalidade.” (p.65)*

Na investigação qualitativa a selecção da amostra tem como principal objetivo a aquisição máxima de informação. Esta informação irá ajudar na fundamentação da investigação e, posteriormente, na elaboração de uma teoria. Desta forma, torna-se imperativo a utilização de critérios pragmáticos e teóricos para conseguir obter a máxima variação de resultados.

Para conseguir estes resultados torna-se necessário, logo à partida, escolher uma amostra, cujos indivíduos que nela estejam representados,

apresentem características o mais semelhantes possíveis à da população selecionada.

O procedimento de seleção da amostra pode ser classificado por amostragem probabilística e amostragem não probabilística.

Entende-se por amostragem probabilística quando queremos que uma amostra seja criada a partir de uma escolha aleatória dos seus intervenientes, dando igualdade e rigor científico ao estudo. Por sua vez a amostragem não probabilística pode ser definida como sendo um procedimento mais fácil de organizar para o investigador, isto porque, estando a amostra sujeita a uma escolha subjetiva, o investigador pode selecionar os elementos que considere pertinentes para incluir neste grupo.

Para Sousa (2009), a amostragem probabilística pode ser: aleatória, sistematizada, estratificada, agrupada e sub-agrupada e a amostragem não-probabilística de: conveniência, por quotas, propositada, dimensional e bola-de-neve; por sua vez para Fortin (1999) a amostragem probabilística pode ser: aleatória simples, aleatória estratificada, em cachos e sistemática e a amostragem não probabilística de: acidental, por quotas, por seleção racional e por redes.

Selecionado o método de amostragem coloca-se, nesta fase do processo, a seguinte questão: que dimensão deverá ter a nossa amostra de forma a conseguirmos obter a quantidade de dados suficientes para o nosso estudo?

Diz-nos Sousa (2009) que “o tamanho correcto da amostra dependerá apenas do propósito da investigação e das características da população em estudo (...)” (p. 73)

Em investigação qualitativa é de evitar ter-se amostras com um elevado número de indivíduos, visto que, se torna muito difícil analisar-se os resultados. Mas cada caso é um caso e cada amostra deverá ter o número suficiente de elementos que nos permita obter uma amostra o mais representativa possível. Devemos assim proceder a cálculos que nos ajudem a definir qual o tamanho da amostra mais significativo para o nosso estudo. Estes cálculos levarão a que haja uma margem de erro da amostra menor.

Para este trabalho de projeto foram selecionadas, através da amostragem não-probabilística, segundo as definições de Fortin (1999), as seguintes amostras, as quais passo a representar no seguinte quadro:

<b>População</b>	<b>Amostra</b>	<b>Dimensão da amostra</b>	<b>Amostragem não probabilística</b>	<b>Definição (segundo Fortin, 1999)</b>
<b>Alunos do 3º e 4º ano do concelho de Vila Nova de Famalicão</b>	1 turma do 3º ano do Colégio Machado Ruivo, Vila Nova de Famalicão;	20 alunos	Amostragem por quotas	“ (...) consiste em formar estratos da população na base de certas características e proceder de maneira que estas estejam representadas em proporções semelhantes às que existem na população.” (p. 209)
	1 turma do 4º ano da EB1 das Lameiras, Antas	24 alunos		
<b>Professores bibliotecários e técnicos de bibliotecários</b>	Professores bibliotecários e técnicos de bibliotecários participantes no VII Encontro de Serviços de Apoio às Bibliotecas	150 participantes	Amostragem acidental	“ (...) é formada por sujeitos ou elementos que são facilmente acessíveis estão presentes num local determinado, num preciso momento (...)” (p.208)”
<b>Ilustradores portugueses</b>	Ilustradores participantes na Exposição Coletiva de Ilustração “Ler com olhos de ver”	15 ilustradores portugueses	Amostragem por seleção racional	“ (...) baseia-se na escolha do investigador incluir certos sujeitos em função de características típicas. “ (p. 213)

## **5. Técnicas de análise dos dados utilizados na investigação**

“Analisar significa estudar, interpretar, procura conhecer determinada realidade através do exame sistemático dos seus elementos.” (Sousa, 2009, p. 264)

Segundo Bogdan e Bilken (1994) a análise de dados é um “processo de busca e de organização sistemático de (...) materiais que foram sendo acumulados, com o objectivo de aumentar a sua própria compreensão (...) e de lhe permitir apresentar aos outros aquilo que encontrou. (p. 205)

“Os dados em estado bruto, provenientes de inquéritos, esquemas de entrevistas, listas, etc., têm de ser registados, analisados e interpretados.” (Bell, 1997, p. 160) Acrescenta ainda a autora que, estes dados, “pouco significado têm até serem analisados e avaliados.” (p.157)

Em investigação qualitativa o investigador recorre à análise de dados quando numa determinada fase da investigação, sente a necessidade de se situar em que patamar do percurso se encontra. É preciso analisar os dados que já conseguiu recolher e a informação que daí conseguiu retirar e perceber o caminho que ainda lhe falta percorrer.

Para analisar de forma detalhada, rigorosa e criteriosa estes dados será necessário recorrer a técnicas de análise específicas. Mas antes deste processo é fundamental que todos os dados que foram recolhidos através das entrevistas, questionário, observação e análise documental sejam, devidamente, organizados.

São recorrentes, nas investigações o recurso às técnicas de análise de conteúdo e de análise estatística de dados. Ambas podem ser utilizadas quer em investigação qualitativa quer em investigação quantitativa.

Com base na análise deste trabalho de projeto explanaremos estes dois conceitos e ao seu recurso na investigação qualitativa.

### **5.1 Análise de conteúdos**

“Analisar o conteúdo é ultrapassar a superfície penetrando no interior para descobrir o conteúdo profundo, o significado verdadeiro.” (Sousa, 2009, p. 265)

A análise de conteúdo é um método utilizado em investigação qualitativa que recorre à análise de diversos documentos e dados aglomerados durante a investigação. Este processo ajudará o investigador a tirar conclusões claras e precisas para o seu estudo.

Bardin (1977) define análise de conteúdo como sendo “(...) um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens.” (p.38). Esta técnica permite ao investigador estudar determinado comportamento de forma indireta, analisando os conteúdos orais e escritos de uma comunicação. A autora reforça esta afirmação, com uma citação de Henry e Moscovici (1968), dizendo que “tudo o que é dito ou escrito é susceptível de ser submetido a análise de conteúdos.” (p.33)

Para Quivy e Campenhoudt (2003), a análise de conteúdos “incide sobre mensagens (...) variadas. É a forma como serão tratadas e analisadas estas informações que vão permitir ao investigador “tentar construir um conhecimento.” (p. 226)

É assim função primordial da análise de conteúdos “analisar um ou mais documentos, com o propósito de inferir o seu conteúdo imanente, profundo, oculto (...) ir além do que está expresso como comunicação directa, procurando descobrir conteúdos ocultos e mais profundo.” (Sousa, 2009, p. 264)

É então papel do investigador procuram sintetizar e reduzir a quantidade de informação disponível, para tentarem chegar a uma interpretação mais fidedigna das principais tendências e padrões presentes nos dados. “Trata-se aqui de uma análise estrutural, e os dados brutos serão os materiais de construção do sistema ao longo da análise.” (Fortin, 1999, p.308)

Neste trabalho de projeto a análise de conteúdos será aplicada na interpretação dos dados das transcrições das entrevistas, das questões abertas do questionário, da análise documental e da observação participante.

Sousa (2009), citando Huberman e Miles (1991), afirma que “os dados qualitativos (...) permitem inferências, explicações e interpretações solidamente baseadas em procedimentos que respeitem a singularidade de cada situação específica e contexto em que se desenrola.” (p. 266)

No entanto, considerando que a maior parte dos dados obtidos nas investigações são registos orais ou escritos (palavras), torna-se por vezes complicado analisar, de forma rigorosa, o conteúdo de determinada informação. Cabe ao investigador utilizar “truques” que lhe facilite e oriente nesta análise de conteúdos.

Para o efeito, Sousa (2009), citando Bastin (1977) refere que para se realizar uma análise de conteúdos é necessário efetuar-se três importantes etapas sequenciais (pp. 271, 272, 273, 274):

- Pré-análise – consiste numa análise inicial ao documentos recolhidos pelo investigador a fim de tentar perceber qual o conteúdo destes mesmos documentos e a sua utilidade.

- Exploração de documentação – neste passo, o investigador irá categorizar os documentos que possui. Tentará esmiuçar os dados brutos e ordená-los por categorias estabelecidas pelo próprio.

- Categorização – “tem como objetivo fornecer (...) uma representação simplificada dos dados brutos”

- Tratamento de dados, a inferência e a interpretação – os dados brutos recolhidos ao longo da investigação serão alvos de um processo de tratamento e análise que permitam torna-los em “dados normalizados e ponderados” de forma a conseguir-se esquematiza-los em “quadros, gráficos e diagramas que sintetizem e descrevam as informações obtidas.”

## **6. Triangulação**

O conceito de triangulação surge, inicialmente, ligada às Ciências Militares, contrariamente ao que se poderia pensar, nos dias de hoje, onde a triangulação está mais ligada às Ciências Sociais e Humanas.

É só em 1959 que esta estratégia é introduzida, por Campbell e Fiske (da área de psicologia), para a realização de pesquisas. Estes dois autores

foram os primeiro a utilizar a triangulação “servindo-se duma abordagem de «operacionismo múltiplo» ou de «multi-traços-multimétodos» a fim de fornecer um índice da validade convergente.” (Fortin, 1999, p.322)

Desta forma podemos apontar como objetivo primordial da triangulação a recolha e análise de dados obtidos através de diferentes pontos por forma a estudá-los e compará-los entre si.

Decrop (2004) diz-nos que triangulação “significa olhar para o mesmo fenómeno, ou questão de pesquisa, a partir de mais de uma fonte de dados.” Acrescenta ainda que “informações advindas de diferentes ângulos podem ser usadas para corroborar, elaborar ou iluminar o problema de pesquisa. (Azevedo *et al.*, 2013, p.4)

Para Fortin (1999), triangulação “define-se como o emprego de uma combinação de métodos e perspectivas que permitem tirar conclusões válidas a propósito de um mesmo fenómeno.” (p.322)

Este recurso torna-se, então, fundamental numa investigação qualitativa onde a utilização de vários métodos de recolha de dados auxiliam o investigador no seu estudo reduzindo, assim, “o risco de que as conclusões de um estudo reflitam enviesamentos ou limitações próprios de um único método.” (Maxwell, 1996, citado por Azevedo *et al.*, 2013, p. 3)

Flick (1992) afirma, sobre esta questão, que:

*Estando o pesquisador posicionado em um ponto de vista, ele precisará se posicionar em outros dois pontos de vista, no mínimo, a fim de ajustar a adequada “distância e angulação” dos conceitos e se posicionar definitivamente após a análise das visadas. Portanto, os pesquisadores organizacionais têm a possibilidade de melhorar a precisão de suas avaliações, utilizando metodologias distintas, coletando dados de diferentes formas, analisando tais dados por métodos distintos ou até mesmo, empregando-se diferentes pesquisadores para estudo de um mesmo fenômeno. (Azevedo et al., 2013, p. 3)*

Segundo Denzin (1989), citado por Fortin (1999, pp. 323, 324), existem quatro tipos de triangulação:

Triangulação de dados: pretende-se com esta tipologia recolher dados em períodos diferentes de tempo e espaço, por forma a obter informações diferenciadas e mais detalhadas, que nos permitirão analisar de forma mais concisa o fenómeno em estudo.

Triangulação dos investigadores: consiste na participação de outros investigadores no estudo do mesmo fenómeno. A intenção desta participação é a apresentação de diferentes perspetivas e análises dadas pelos vários investigadores intervenientes acerca dos problemas e resultados da pesquisa.

Triangulação das teorias: consiste na utilização de múltiplas teorias, por parte do investigador, em vez de uma teoria simples em relação ao mesmo conjunto de objetos. Diferentes interpretações e significados alternativos podem ajudar o investigador a compreender melhor o caso.

Triangulação metodológica: consiste na utilização e combinação de diferentes métodos de investigação, nomeadamente, o questionário, a entrevista e a observação, que permitirão obter dados mais concretos e detalhados sobre o fenómeno em estudo. Esta tipologia permitirá analisar com maior rigor a realidade da investigação.

A triangulação metodológica é a tipologia mais utilizada e aplicada na investigação qualitativa e foi, neste trabalho de projeto, a tipologia escolhida e utilizada para auxiliar na investigação do nosso fenómeno.

## **Capítulo 2 – Análise e interpretação dos resultados**

A investigação realizada no âmbito deste trabalho de projeto revelou-se e traduziu-se numa série de acontecimentos dos quais fomos recolhendo dados para análise futura.

Assim, este segundo capítulo servirá para fazermos uma análise dos resultados da investigação do trabalho de projeto, bem como, a interpretação destes mesmos resultados.

Tentaremos chegar ao máximo de conclusões possíveis que nos encaminhe a uma resposta clara à nossa pergunta de partida e aos objetivos delineados no início de todo este processo.

Esta investigação implicou o recurso a vários instrumentos e técnicas de recolha de dados, nomeadamente a análise de questionários, a análise documental e a análise de conteúdos.

A análise de questionários foi utilizada na interpretação dos dados do questionário aplicado a um grupo de professores e técnicos de biblioteca e a análise de conteúdos utilizou-se na interpretação das entrevistas realizadas a uma amostra de ilustradores portugueses e também na observação das atividades realizadas com e para as crianças participantes neste projeto.

No final procediremos a uma análise global destes resultados através de uma triangulação metodológica de toda a informação. Desta forma conseguiremos ter uma visão mais precisa e sucinta do “todo” podendo, assim, tentar chegar a uma conclusão mais específica aos problemas iniciais da nossa investigação.

### **1. Questionários**

Um dos grandes propósitos da investigação deste trabalho de projeto é tentar perceber que importância é dada, por parte dos docentes, à ilustração e à sua utilização, em contexto escolar, como recurso na promoção da leitura; que motivação transparecem estes profissionais da educação e, por último, que

ferramentas lhes são disponibilizadas e lhes estão acessíveis para que eles possam trabalhar, de forma autónoma, esta temática.

O que se observa, com alguma frequência, é a desvalorização do recurso à imagem como forma de promover a leitura, muitas das vezes espelho da falta de formação e conhecimento por parte destes docentes.

Face a este enquadramento, e na linha da nossa pergunta de partida, tentamos perceber de que forma poderemos estimular, motivar e dar ferramentas aos professores para que eles pudessem trabalhar as ilustrações em contexto escolar de uma forma autónoma. Este ponto permitir-nos-á, ao logo desta investigação, ter um foco e uma orientação para o nosso estudo.

Visto este ponto tornou-se imperativo estabelecer-se objetivos para esta investigação que nos servissem de base e nos direcionassem para o ponto fulcral do nosso estudo.

Assim, foram definidos os seguintes objetivos: perceber qual a motivação do professor para trabalhar a ilustração em contexto escolar; motivar o professor para a importância da ilustração como uma prática lúdica e heurística no desenvolvimento global da criança; dar a conhecer ao professor formas de operacionalizar a ilustração em contexto escolar.

A população selecionada para esta fase da investigação foram os profissionais da área da educação, nomeadamente professores bibliotecários e técnicos de bibliotecas e a amostra preterida, os 150 participantes do VII Encontro de Serviços de Apoio às Bibliotecas Escolares, realizado nos dias 5 e 6 de dezembro de 2014, na Biblioteca Municipal Camilo Castelo Branco, de Vila Nova de Famalicão.

O instrumento de recolha de dados utilizado para obtermos respostas à pergunta de partida e aos objetivos delineados foi o inquérito por questionário.

O questionário estava dividido em 4 grupos: identificação sócio-profissional; atividades de promoção da leitura através do texto; atividades de promoção da leitura através da imagem e, por último, critérios de seleção.

Num universo de 150 participantes, 68 responderam ao questionário distribuído no dia 5 de dezembro, no início do Encontro.

Pretendia-se com o preenchimento dos inquéritos por questionário recolher o máximo de informação, junto de um grupo de docentes, sobre a existência de atividades de animação da leitura, promovidos em contexto escolar, que utilizassem como recurso a imagem / ilustração.

Por forma a existir um ponto de comparação abordamos também no questionário se eram dinamizadas, também em contexto escolar, atividades de animação da leitura com base no texto.

Através destes dois pontos questionamos os docentes se consideravam importante a promoção da leitura em contexto escolar, bem como, a utilização da imagem como veículo promotor da leitura. Abordamos a questão da seleção de autores e ilustradores nas suas atividades e, por último, que critérios utilizavam nessas escolhas.

De uma forma mais direcionada pretendia-se com as respostas dadas ao questionário perceber a motivação demonstrada pelo docente para trabalhar a ilustração em contexto escolar.

Com estes dados e uma análise criteriosa tentaremos chegar a uma conclusão e tentar perceber qual a realidade face à pergunta de partida inicial e aos objetivos traçados. Estarão os professores motivados para trabalhar a temática da ilustração em contexto escolar?

De seguida procediremos à análise e interpretação do questionário referido.

### **1.1 Análise e interpretação dos questionários**

GRUPO I – Identificação sócio-profissional

1. Tabela – Género

<b>Feminino</b>	<b>Masculino</b>
64	4

Verificou-se que, em 68 participantes, 64 eram do sexo feminino e apenas 4 eram do sexo masculino o que reflete a realidade escolar atual, exercida na maioria por mulheres.

## 2. Tabela – Idade (até março 2015)

31-35	36-40	41-45	46-50	51-55	56-60	Sem inf.
1	3	11	19	23	10	1

Com base na tabela acima podemos constatar que apenas 15 participantes têm idades inferiores a 46 anos, sendo 52 os que apresentam idade superior a 46 anos o que revela uma amostra, maioritariamente, mais envelhecida. Apenas 1 participante não respondeu à questão.

## 3. Tabela – Grau de escolaridade

9º ano	12º ano	Licenciatura	Pós-graduação	Mestrado	Doutoramento
0	0	32	18	18	0

Analisando a tabela acima verificamos que todos os inquiridos têm curso superior. 32 participantes apresentaram como grau académico a licenciatura havendo um número equitativo de participantes com pós-graduação e mestrado. Nenhum participante apresentou doutoramento como grau académico.

## 4. Tabela – Situação profissional

Estudante	Trab/estudante	Emp/ativo/prof	Desemp.	Reform.	Outra
0	1	65	0	0	2

Quanto à situação profissional podemos considerar que o panorama observado é bastante positivo, uma vez que, não há registo de nenhum profissional desempregado e, a maioria está, empregado e ativo (65 participantes). Apenas 1 se encontra a trabalhar e a estudar, em simultâneo.

Em relação à resposta “outra”, alguns participantes optaram por registar nesta resposta a sua atividade de trabalho específica. A esta questão obtivemos um total de 34 respostas, as quais, apresentamos na tabela que se segue.

### 4.1 Tabela – Situação profissional (outra)

Professor	Prof. Bibliot.	Bibliotecário	Formador	Educ. Infância
20	11	1	1	1

A resposta a esta questão trouxe-nos uma visão mais pormenorizada da realidade profissional da amostra.

Verificamos que a grande maioria são professores (31), estando 11 destes afetos às bibliotecas escolares. O que evidencia a pertinência deste Encontro para este grupo de profissionais da área do ensino e bibliotecas escolares. Apenas 1 participante respondeu que a sua profissão é bibliotecário, 1 formador e também apenas 1 educador de infância.

#### 5. Tabela – Área de trabalho

No concelho	Fora do concelho	Sem informação
23	44	1

Analisando a tabela acima observamos que a maioria dos inquiridos trabalham fora da sua área de residência e, só apenas 23 responderam que trabalham dentro do seu concelho. 1 dos participantes não respondeu à questão.

#### Grupo II – Atividades de promoção da leitura através do texto

#### 6. Tabela – Importância dada à promoção da leitura em contexto escolar.

Sim	Não
68	0

É evidente a importância que os professores dão à promoção da leitura em contexto escolar, visto que, a totalidade respondeu de forma afirmativa a esta questão.

#### 7. Gráfico – Justificação da importância da promoção da leitura em contexto escolar.



Observando o gráfico acima podemos verificar que 19 inquiridos consideram que a promoção da leitura em contexto escolar é muito importante para a formação global do aluno (social, emocional, cognitiva) e que 18 consideram a escola como principal promotora de leitura. Logo a seguir aparece o sucesso educativo associado à leitura, com 16 respostas. Apesar de se observar um grande número de ausência de resposta a esta questão verificamos ainda, em menor número, que os professores consideram importante a leitura como uma aquisição de conhecimentos, como responsável pela formação de leitores e, por último, a sua importância como estímulo à imaginação e criatividade.

Algumas respostas retiradas dos questionários: “A leitura é importante para tornar as crianças conhecedoras do mundo e torná-las cidadãos ativos e críticos.”; “A leitura enriquece o percurso de formação de cada aluno. Promover a leitura é fundamental em contexto educativo.”, “A promoção da leitura facilita a aprendizagem e ajuda a promover o sucesso educativo.”; “A escola tem uma grande quota de responsabilidade na promoção da leitura para formar melhores leitores e leitores autónomos.”

8. Tabela – Frequência da realização de atividades de promoção da leitura em contexto escolar.

Mais 1x semana	1x semana	1x mês	6/6 meses	1x ano	Nunca
----------------	-----------	--------	-----------	--------	-------

37	17	13	0	1	0
----	----	----	---	---	---

Com os dados da tabela acima indicada conseguimos concluir que são realizadas, com bastante frequência, atividades de promoção da leitura em contexto educativo. Numa análise global podemos afirmar que em 54 inquiridos todos realizam atividades de leitura pelo menos uma vez por semana. No extremo temos só 1 inquirido que respondeu que só realiza este tipo de ações 1 vez por ano.

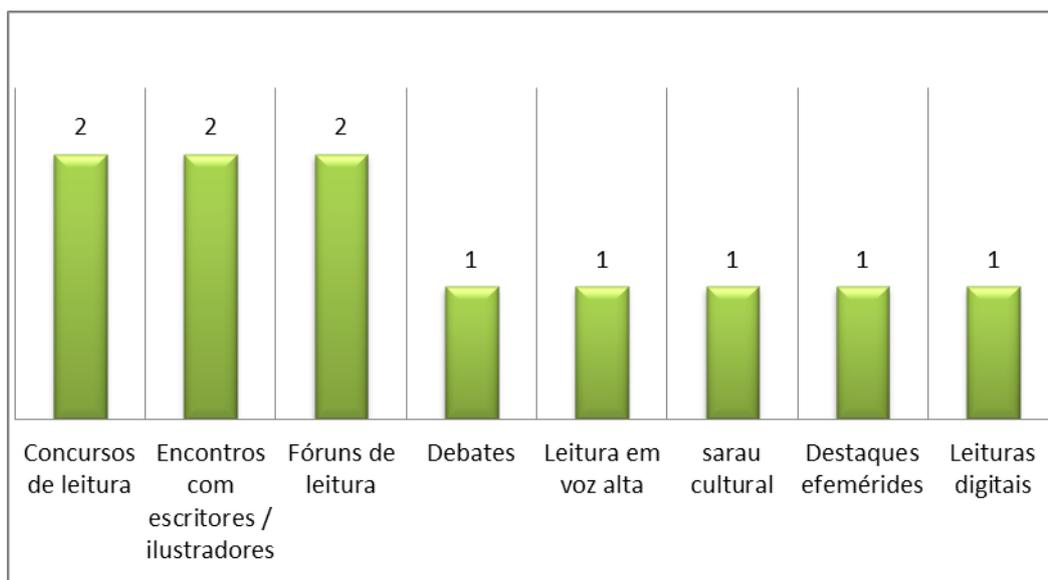
#### 9. Gráfico – Indicação do tipo de atividades realizadas no âmbito da promoção da leitura.



O gráfico acima dá-nos um panorama bastante abrangente sobre que tipo de atividades são mais recorrentes e utilizadas na promoção da leitura. Sem grandes surpresas temos a Hora do Conto, em primeiro lugar, com 49 respostas o que mostra que este recurso terá sempre o seu lugar de destaque no que diz respeito a transmitir o gosto pela leitura. Todas as outras respostas apresentam valores muito idênticos mostrando a panóplia de recursos que os professores, nos dias de hoje, recorrem para trabalhar este campo da leitura. Um pouco mais distanciada ficou a oficina de expressão plástica, com 16 respostas dos inquiridos, concluindo, desta forma, que o recurso à imagem fica reduzido para um plano mais distante.

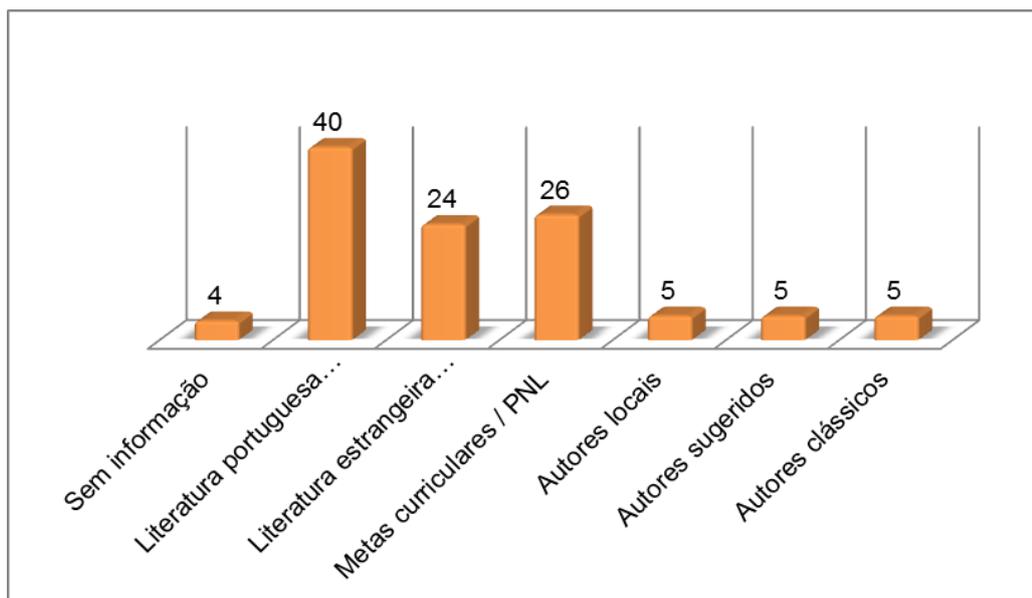
7 inquiridos apresentaram ainda outras atividades que também realizam para promoverem a leitura. Analisaremos essas respostas com vista no gráfico seguinte.

10.Gráfico – Outras atividades realizadas no âmbito da promoção da leitura.



Para além das atividades referenciadas no questionário surgiram, em resposta à opção “outras”, 11 atividades também utilizadas pelos professores em contexto escolar como forma a promover a leitura.

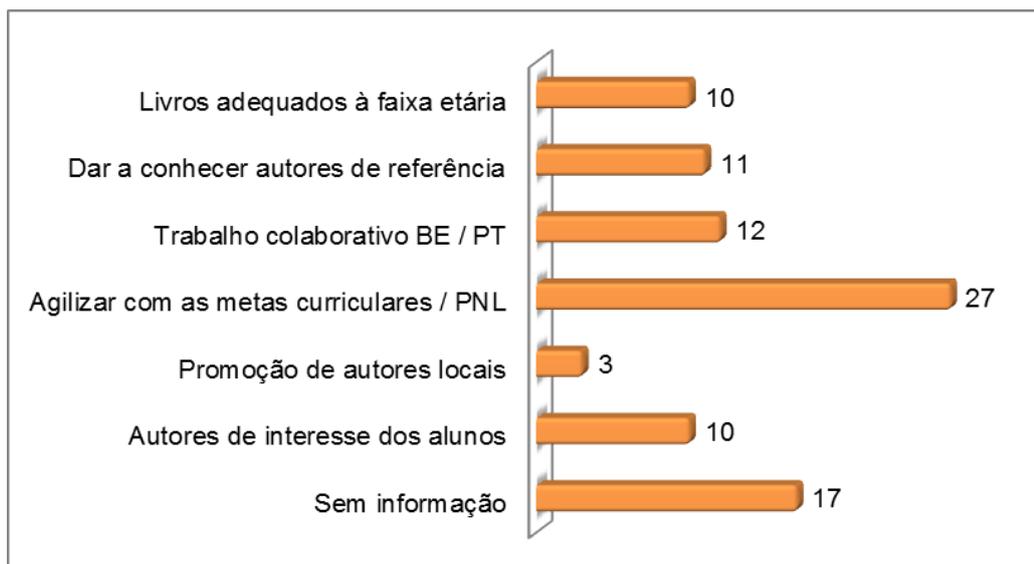
11.Gráfico – Autores escolhidos para trabalhar em atividades de promoção da leitura.



Grande destaque para o recurso a autores portugueses em atividades de promoção da leitura (40 respostas dos inquiridos) comparado com outros autores como os locais ou os clássicos. Dentro deste grupo de autores portugueses foram referenciados alguns conhecidos tais como: Luísa Ducla Soares, António Torrado, Manuel António Pina, Alice Vieira, entre outros. No entanto verifica-se também uma grande procura dos autores estrangeiros e, mais notório, os que integram as metas curriculares e a lista do PNL. Esta realidade mostra que há uma grande preocupação, por parte dos professores, em tentar conciliar a promoção da leitura com o programa curricular.

Algumas respostas retiradas dos questionários: “Sobretudo autores portugueses e universais já consagrados.”; “Autores contemplados no PNL e autores de referência nas várias disciplinas.”; “Sobretudo autores portugueses com especial destaque para os presentes nas metas de aprendizagem e para os clássicos.”;

12. Gráfico – Justificação da escolha de determinado autor na realização de atividades de promoção da leitura.



Com o gráfico acima representado conseguimos a resposta à evidência abordada em cima. A escolha de um autor para a realização de uma atividade de promoção da leitura anda a par com as metas curriculares e o PNL. Foram 27 inquiridos que responderam que tentam agilizar a escolha destes autores com estas duas listas de sugestões de escritores e bibliografia integradas no programa curricular. Também é notório o trabalho colaborativo entre o professor bibliotecário e o professor titular que tentam articular estas duas valências para trabalharem, em conjunto, a leitura.

Algumas respostas retiradas dos questionários: “apresentando os autores e os textos das metas consigo interagir com o currículo e torna a biblioteca imprescindível a professores e alunos.”; “são autores que apresentam muita qualidade nas suas obras...”; “os professores titulares de turma preferem estas obras pois são as que têm de trabalhar em função das metas curriculares.”

### Grupo III – Atividades de promoção da leitura através da imagem

13. Tabela – Importância da utilização da imagem/ilustração como forma de promoção da leitura.

	<b>Sim</b>	<b>Não</b>	<b>Sem informação</b>
	66	1	1

Analisando a tabela acima podemos verificar que 66 dos inquiridos consideram importante o recurso à imagem para ajudar na promoção da leitura. No entanto, apesar desta realidade maioritariamente positivo, obtivemos uma resposta negativa e um dos inquiridos não respondeu, mostrando que, apesar de mínima, verifica-se uma resistência (ou indiferença) face a este tema.

#### 14. Gráfico – Justificação da importância dada à imagem/ilustração na promoção da leitura.



Do grupo de inquiridos, 14 consideram a ilustração como sendo uma forma de ler, sendo assim esta a opção mais referida por este grupo de participantes. Muito próximo deste valor está a importância da ilustração como estímulo à criatividade, ao sentido crítico e à imaginação, a par com a visão de esta ser um estímulo à leitura, com um total de 13 respostas, cada. Com apenas 3 respostas referente à importância da ilustração na promoção da leitura está a função desta no auxílio à compreensão da leitura.

Analisando o gráfico no geral podemos concluir que são várias as sugestões apresentadas por este grupo no que diz respeito à utilização da imagem/ilustração como recurso na promoção da leitura, sendo a análise global bastante positiva.

Algumas respostas retiradas dos questionários: “A imagem é atrativa e desperta a curiosidade para o texto”; “Porque muitas vezes a imagem permite

construir outras histórias.”; “Porque constitui um forte estímulo à criatividade, um caminho aberto para a imaginação e por ser um complemento ao texto...”

15. Tabela – Frequência na realização de atividades de promoção da leitura com recurso à imagem.

(+) 1x semana	1x semana	1x mês	6/6 meses	1x ano	Nunca	Sem inf.
24	16	17	4	0	2	5

Observando a tabela acima podemos verificar que temos um grande grupo de docentes que praticam, pelo menos uma vez por semana, atividades de promoção da leitura com recurso à imagem, num total de 40 respostas. No entanto observamos que 4 inquiridos só realizam este género de atividades a cada 6 meses e 2 nunca realizam.

16. Gráfico – Indicação do tipo de atividades realizadas no âmbito da promoção da leitura com recurso à imagem.



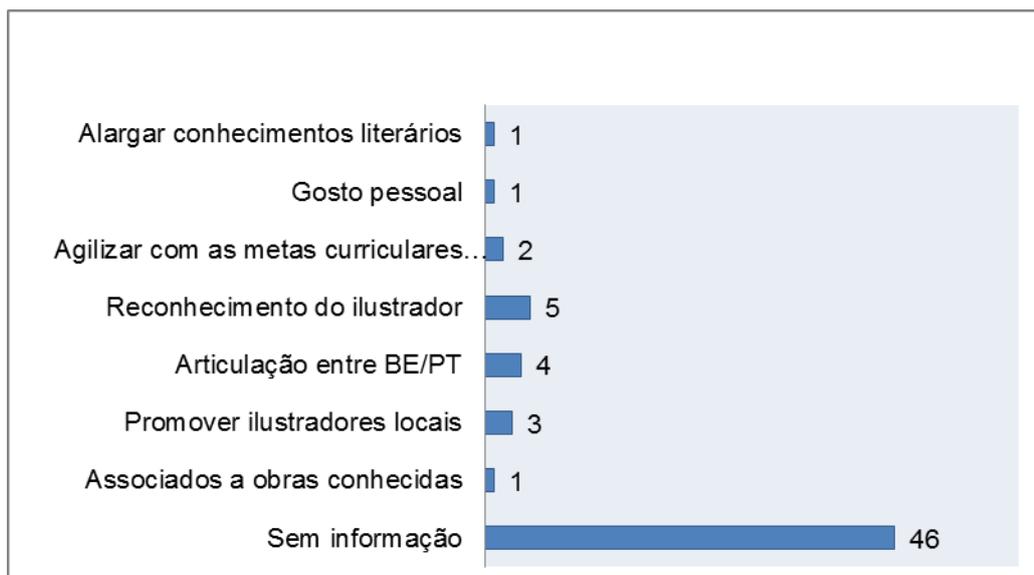
Uma vez mais verificamos que a atividade mais preterida para a promoção da leitura é a Hora do Conto (43 respostas), seguida das exposições com trabalho das crianças (39 respostas). Houve ainda mais duas sugestões de atividades dadas pelos inquiridos, como forma a promover a leitura com recurso à ilustração e foram as seguintes: concursos de ilustração e fóruns de leitura.

17. Gráfico – Ilustradores escolhidos para trabalhar em atividades de promoção da leitura.



O gráfico acima representado mostra-nos a preferência dos inquiridos pelos ilustradores portugueses, com um total de 24 respostas. Estes foram alguns dos nomes que surgiram: Afonso Cruz, André Letria, Pedro Seromenho, Cristina Valadas, Mafalda Milhões, entre outros. No entanto existe ainda um número considerável de docentes que optam por escolher o livro pelo texto e trabalham, posteriormente, a ilustração que vem associada a esse livro. Talvez pela pertinência do tema obtivemos 17 respostas nulas a esta questão. Também de referir os 4 inquiridos que responderam não conhecer nenhum ilustrador e 3 que nunca trabalharam a ilustração.

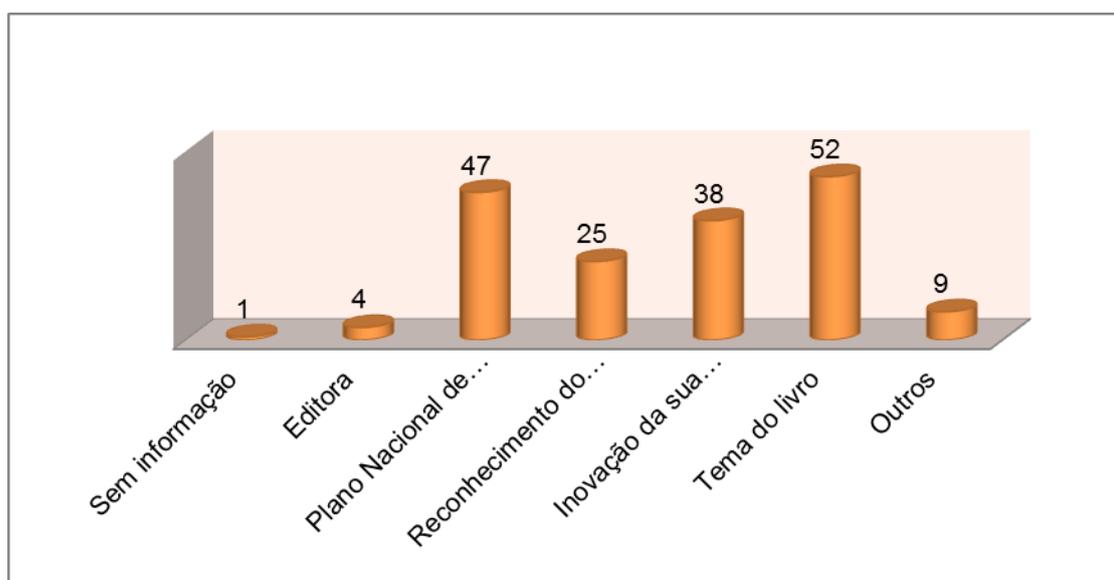
18. Gráfico – Justificação da escolha de determinado ilustrador na realização de atividades de promoção da leitura.



De todas as questões colocadas no questionário esta foi a que teve o maior número de respostas nulas (sem informação). 46 dos inquiridos não conseguiu justificar o porquê de escolher determinado ilustrador para a realização de uma atividade de promoção da leitura. 5 consideraram importante o reconhecimento do nome e trabalho do ilustrador.

#### GRUPO IV – Critérios de seleção

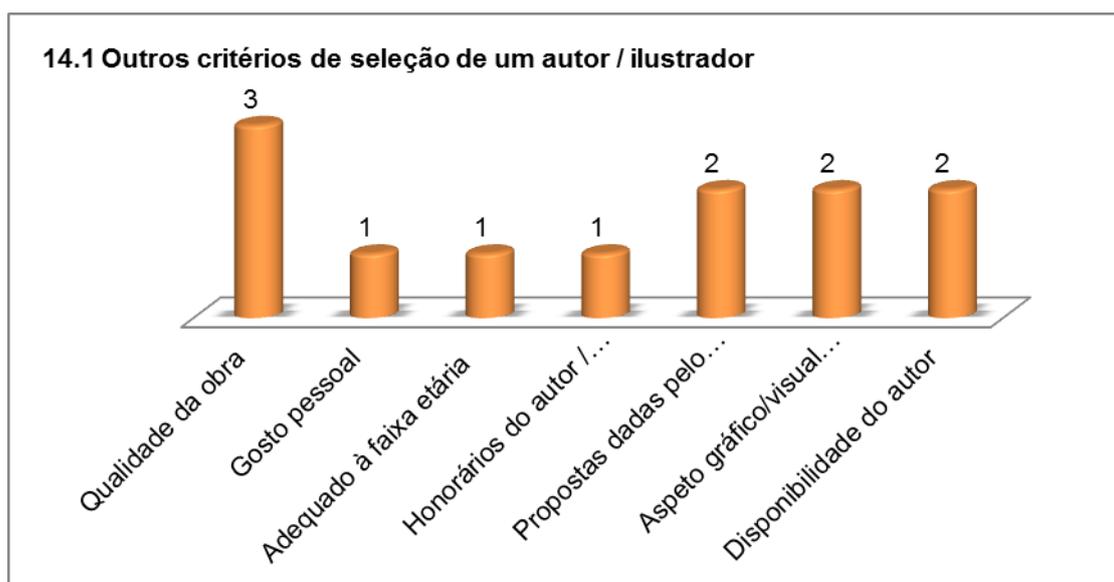
##### 19. Gráfico – Critérios na seleção de um autor / ilustrador.



Analisando o gráfico acima verificamos que os inquiridos consideram muito importante o tema do livro quando têm de escolher uma obra para

trabalhar em contexto educativo, e respetivo autor e ilustrador. Logo a seguir temos, com 47 respostas, o Plano Nacional de Leitura como factor decisivo para a escolha de um autor ou ilustrador. 9 inquiridos propuseram ainda outros critérios para a seleção do autor ou do ilustrador os quais referimos de seguida.

20. Gráfico – Outros critérios de seleção de um autor / ilustrador.



Apesar de poucas respostas podemos verificar que alguns dos inquiridos sugeriram outros critérios para a escolha de um autor ou de um ilustrador na realização de uma atividade de promoção da leitura. A qualidade da obra foi a mais referenciada pelos docentes seguida do aspeto gráfico e visual da obra e da disponibilidade do autor/ilustrador.

## 1.2 Síntese dos resultados

Fazendo uma análise global de todos estes resultados e, utilizando como principal referência, a comparação entre o recurso a atividades de promoção da leitura com base no texto ou com base na imagem/ilustração, tentaremos verificar até que ponto a ilustração é utilizada com frequência em contexto educativo para a incentivar o aluno para o livro e a leitura e que estratégias são utilizadas para esse efeito.

Assim, analisando a importância dada à promoção da leitura em contexto escolar, utilizando como pretexto o texto ou a imagem (ponto 6 e 13),

verificou-se uma quase totalidade de respostas positivas dadas em ambas as situações o que mostra uma preocupação, por parte do grupo docente, face a esta temática de promoção do livro e da leitura. A mesma é confirmada nos pontos 8 e 15 que nos mostram que mais de metade dos inquiridos fazem questão de trabalharem a promoção da leitura com bastante frequência (pelo menos 1 vez por semana).

Quanto à importância dada à utilização do texto e da imagem na promoção da leitura verificamos que existem um grupo de respostas bastante diferentes. Assim observamos, com base no ponto 7, que o recurso “texto” na promoção da leitura nos leva a respostas de carácter mais formativo. Isto mostra-nos que este recurso está muito ligado à componente educativa, onde a escola tem um papel fulcral como promotora da leitura, onde a leitura ajuda no sucesso educativo de um aluno e promove a sua formação global. No ponto 14 já vemos uma realidade de carácter mais criativo. Quando o recurso “imagem/ilustração” se junta à equação já se tem uma visão do livro, como promotor da leitura, completamente diferente. O recurso ao livro com ilustrações já se torna importante para estimular áreas mais criativas e estimulantes da formação global do aluno, como a criatividade, a imaginação e o sentido crítico. A ilustração já é vista como um estímulo, por si só, à leitura e é também vista como uma outra forma de ler.

Quando questionados sobre que atividades realizam, em contexto escolar, para promover a leitura, quer com recurso ao texto quer com recurso à ilustração (pontos 9 e 16), a resposta que mais se evidenciou foi: a hora do conto, seguida das exposições realizadas com trabalho das crianças. Percebe-se que ainda há muito aquela ideia de promoção da leitura com base na narração de um conto seguida de um registo (desenho, pintura) feito pela criança. De salientar, em terceiro lugar, o recurso a leituras encenadas para trabalhar a promoção da leitura.

Nos pontos 11 e 17 conseguimos ter uma visão global das escolhas dos docentes quanto aos autores ou ilustradores a trabalhar para a promoção da leitura. A maioria seleciona autores/ilustradores portugueses e, quando questionados, sabem nomear alguns dos nomes com quem já tenham

trabalhado (apesar de terem um pouco mais de dificuldade em referir nomes de ilustradores). De evidenciar, no caso da escolha de autores, a grande importância que os docentes dão às metas curriculares e ao PNL e, no caso da escolha dos ilustradores, a importância que estes dão à relação livro/escritor mostrando que há uma grande tendência em escolher o livro pelo conjunto e não só pelo ilustrador.

Quando questionamos os docentes sobre o porquê de escolher determinado autor ou ilustrador (pontos 12 e 18) verificamos um conjunto de respostas bastante diferentes. Destacou-se, no ponto 12, que a opção de escolha do autor, por parte do docente, estava diretamente relacionada com as metas curriculares e o PNL, ou seja, há uma grande preocupação em tentar agilizar os autores que estão incluídos nestas listas e fazem parte do programa curricular para trabalhar a promoção da leitura. No ponto 18 destacou-se a grande ausência de respostas por parte dos inquiridos mostrando que não há uma certa fragilidade nesta questão.

Para finalizar e observando os pontos 19 e 20 concluímos o que já tínhamos verificado em questões anteriores. Quando questionados sobre os critérios de seleção de um determinado autor/ilustrador a grande maioria respondeu “Plano Nacional de Leitura” mostrando que realmente existe esta preocupação de conciliar o programa curricular com a promoção da leitura. De destacar a importância que muitos inquiridos dão ao tema do livro quando selecionam uma obra para trabalhar com os alunos a promoção da leitura.

Numa análise global podemos constatar que, no conjunto, a realidade é bastante positiva. São vários os docentes que se mostram preocupados e interessados em promover o livro e a leitura junto dos seus alunos quer com livros de texto quer com livros ilustrados. Denota-se um conhecimento geral de nome de autores e ilustradores que estão bastante direcionados para as faixas etárias escolarizadas e verificamos que há uma panóplia de atividades que são realizadas com e para os alunos como forma a promover a leitura.

Claro que estamos a falar de uma amostra de professores e técnicos de biblioteca que, pelo facto de estarem a participar num Encontro da área da educação e cultura, mostram que são profissionais preocupados em obter

formação e conhecimento no seu percurso profissional, logo demonstram um maior interesse e motivação para trabalhar novas ideias no seu quotidiano escolar.

## **2. Análise documental**

As crianças de hoje vivem num mundo imagético onde são bombardeadas, diariamente, por imagens quer seja através da televisão, da internet, video-jogos, publicidade...e a maior parte das vezes não lhes é permitido fazer uma leitura visual correta do que veem.

Face à esta realidade torna-se imperativo ensinar à criança esta linguagem visual e recorrer a “truques” que permitam alfabetizar o olhar da criança e, conseqüentemente, a motivar para a leitura global (texto-imagem).

Uma das fases deste trabalho de projeto tem como objetivo analisar que recursos e estratégias serão mais adequados para ajudar na motivação e despertar o interesse da criança para a leitura através da ilustração.

De seguida traçaram-se objetivos que nos permitirão afunilar a nossa linha de pensamento e chegar a um ponto fulcral e conclusivo nesta fase da investigação. Definiram-se assim os seguintes objetivos: Despertar o interesse nas crianças para a leitura através da ilustração; Dar a conhecer às crianças algumas técnicas utilizadas na conceção de uma ilustração; Fomentar nas crianças o sentido crítico.

Para esta fase da investigação foram idealizadas e postas em prática uma série de atividades que tinham como propósito servir de “motor” e incentivo para promover, junto das crianças, a leitura utilizando sempre como recurso base, a ilustração.

As atividades proporcionadas e realizadas ao longo do trabalho de projeto foram as seguintes: encontro com a ilustradora Yara Kono; exposição coletiva de ilustração “Ler com olhos de ver”; feira do livro; oficina de ilustração “Ler com olhos de ver” e a exposição de ilustração “Porque as ilustrações também contam histórias”.

A população selecionada para esta fase da investigação foram os alunos do 3º e 4º ano do concelho de Vila Nova de Famalicão. Reduziu-se este grupo a uma amostra retratada pelos 20 alunos da turma do 3º ano do Colégio Machado Ruivo, situado na freguesia de Vila Nova de Famalicão e pelos 24 alunos do 4º ano da EB1 das Lameiras, situada na freguesia de Antas.

O instrumento de recolha de dados utilizado para obtermos respostas à pergunta de partida e aos objetivos delineados foi a análise de conteúdos e a técnica de recolha de dados foi a análise documental de todos os documentos compilados (fichas de atividades, filmagens, fotografias, anotações).

De seguida procederemos à análise documental das seguintes atividades:

- Atividade 1 - Encontro com a ilustradora Yara Kono – *atelier* de ilustração “Uma onda pequenina;
- Atividade 2 - Exposição coletiva de ilustração “Ler com olhos de ver”;
- Atividade 3 - Oficina de ilustração “Ler com olhos de ver”;
- Atividade 4 - Exposição de ilustração “Porque as ilustrações também contam histórias...”.

## **2.1 Análise de dados da atividade 1**

### **“Encontro com a ilustradora Yara Kono – *atelier* de ilustração “Uma onda pequenina”**

#### **Sobre a autora**

Yara Kono “estudou Farmácia Bioquímica na Universidade Estadual Paulista (Brasil), mas já nas aulas de Citologia os seus desenhos científicos eram os mais populares.

Durante o curso, estagiou numa agência de publicidade e a ideia de seguir outro caminho, que não o farmacêutico, talvez tenha nascido aí.

Enquanto trabalhava em controlo de qualidade e farmácia de manipulação tirou um curso noturno de Design e Comunicação.

Quando estava prestes a assumir o cargo de Chefe de laboratório soube que a sua candidatura para uma bolsa no Japão tinha sido aceite.

Foi assim que começou os estudos no Centro de Design Gráfico Yamanashi.

Em 2001 veio viver para Portugal, onde se estreou como *designer*.

Em 2004 entrou no Planeta Tangerina, onde tem trabalhado sobretudo na área do *design* de identidade e editorial. Criou linhas gráficas para livros e a imagem de muitos projetos pedagógicos. Foi também aqui que a ilustração se foi tornando um (outro) assunto cada vez mais sério, passando a integrar muitos dos trabalhos que desenvolve.

Em 2009 ganhou uma Menção Honrosa no I Prémio Compostela para Álbuns Ilustrados.

Em 2010 ganhou o Prémio Nacional de Ilustração.” (texto retirado do sítio web da Planeta Tangerina)

### Galeria de imagens



### Sobre o livro



“Uma onda pequenina” é um livro editado pela Editora Tangerina, com texto de Isabel Minhós Martins e ilustração de Yara Kono. Faz parte da Coleção de Cantos Redondos.

“Livros em papel interativos e digitais? Nem mais.

Nesta coleção, fazemos do “objeto livro” um lugar

verdadeiro, onde os leitores participam na construção de cada aventura, jogando, brincando, produzindo sons e movimentos.”

### Ficha técnica da atividade

<b>NOME DA ATIVIDADE</b>	
<b>Encontro com a ilustradora Yara Kono</b>	
<b>Atelier de ilustração “Uma onda pequenina”</b>	
<b>Proposta de atividade</b>	<p>Este encontro com a ilustradora Yara Kono tem como objetivos proporcionar às crianças a possibilidade de interagir diretamente com um profissional da área da ilustração e saber tudo sobre esta profissão, um diálogo entre ilustradora e alunos onde as crianças puderam colocar todas as suas questões e curiosidades sobre este tema.</p> <p>No <i>atelier</i> será proposto à criança criar uma mini-história com um percurso onde a personagem sobe, desce, vai e vem, percorre as páginas do papel como a personagem do livro.</p>
<b>Local de realização</b>	Biblioteca Municipal Camilo Castelo Branco
<b>Data / Horário</b>	29 de outubro / 10h. e 14h.30
<b>Público-alvo</b>	Alunos do 3º e 4º ano (total: 44 alunos)
<b>Duração</b>	1h.20
<b>DESENVOLVIMENTO DA ATIVIDADE</b>	
<b>Objetivos</b>	<p>Dar a conhecer a profissão de ilustrador;</p> <p>Dar a conhecer a ilustração como forma de comunicação e leitura;</p> <p>Desenvolver a criatividade e imaginação da criança;</p>

	<p>Fomentar o espírito crítico;</p> <p>Promover a leitura visual.</p>
<b>Conteúdos</b>	<p>Trabalhar o livro “Uma onda pequenina” com o intuito de promover a leitura através da imagem.</p> <p>Utilização da imagem como recurso na criação de um livro.</p> <p>Utilização de algumas técnicas de ilustração na realização do livro sanfonado (colagens, pintura, desenho)</p>
<b>Recursos materiais</b>	<p><b>Espaço:</b> Sala de leitura infantojuvenil (apetrechada com mesas e cadeiras para o grupo participante)</p> <p><b>Materiais:</b> folhas A3</p>
<b>Recursos financeiros</b>	<p><b>Aquisição de livros à Editora Planeta Tangerina – 200€</b></p> <p><b>Refeições – 17€</b></p>
<b>Recursos humanos</b>	Yara Kono; Maria João Silva
<b>Fases da atividade</b>	<p><b>A atividade realizar-se-á no dia 29 de outubro, de manhã para a turma do 4º ano da EB1 das Lameiras e, da parte da tarde, para a turma do 3º ano do Colégio Machado Ruivo.</b></p> <p><b>Introdução</b> (20 min) – Reunir o grupo de crianças na área da Hora do Conto. A ilustradora Yara Kono mostrará as crianças um conjunto de livros e álbuns ilustrados às crianças.</p> <p><b>Leitura e animação do livro “Uma onda pequenina”.</b> (20 min.). As crianças irão ouvir, ver e interagir com a história contada pela</p>

	<p>Yara.</p> <p><b>Atelier de ilustração.</b> (40 min.). As crianças realizarão, com a orientação da ilustradora, um <i>atelier</i> de ilustração onde poderão criar um pequeno livro sanfonado com a sua história.</p>
--	---

## Imagens da atividade

### Introdução



### Leitura e animação do livro “Uma onda pequenina”



### Atelier de ilustração



Esta atividade realizada pela ilustradora Yara Kono mostrou-se muito produtiva e interessante.

A ilustradora iniciou o encontro com os alunos com uma conversa bastante informal à volta de uma série de livros que trouxe consigo. Os livros, bastantes criativos e originais deliciaram as crianças que observavam com toda

a atenção cada uma das “obras de arte” que a Yara ia mostrando. Eram livros com sobreposição de folhas de celofane que escondiam imagens e descortinavam outras para espanto das crianças, livros com pequenas janelas que ocultam pequenos momentos da história e que, quando revelados, nos mostravam outros contornos da história, livros que folheados com rapidez davam a sensação de movimento “parece que a imagem está a andar”; livros silenciosos, livros álbum...uma panóplia de exemplos de literatura infantil recheada de ilustrações maravilhosas.

Durante toda a conversa as crianças mostram-se muito participativas, muito atentas, entusiasmadas e admiradas com o que viam.

Quando lhes foi mostrado um livro silencioso a ilustradora questionou as crianças “pode ser um livro mesmo não tendo um texto, uma história?” ao que as crianças responderam em coro “sim!”. “Quem já leu um livro sem texto?” – as respostas dividiam-se entre sim e não.

De seguida, a ilustradora passou para a apresentação do seu livro “Uma onda pequenina”. Mostrou o livro às crianças e contou, em conjunto com eles, a sua história.

“Uma onda pequenina” é um livro interativo (assim designado pela ilustradora) que permite contar a história em conjunto com as crianças. É-lhes permitido tocar no livro, percorrer cenários com as personagens, ajudar no enredo da história...é um livro em que tu “tocas, cheiras e falas com o livro” (Yara).

Durante a conversa com os alunos a ilustradora foi questionada sobre as técnicas que utilizou nas ilustrações desse livro. “Carimbos”, “lápiz de grafite”, “colagens” forma algumas das respostas. As crianças perguntavam também o porquê de determinado pormenor numa ilustração: “porque está ali a letra Z em cima da pedra?” Ao que a ilustradora respondeu que por vezes colocamos pequenos pedaços do nosso quotidiano e juntamo-los às ilustrações “os livros têm histórias dentro das histórias”.

Numa fase final a ilustradora explicou como seria a oficina de ilustração e conduziu-se o grupo de crianças para poderem realizar a sua atividade.

Esta consistia na construção de um pequeno livro sanfonado de cor amarela ou azul que representava a areia da praia ou o mar. Aí as crianças teriam de criar ilustrações com base na história do livro “Uma onda pequenina” utilizando vários materiais que tinha à disposição: marcadores; fita-cola de vários padrões e cores; pedaços de papéis coloridos, estampados, com relevo, lisos com e sem cor, etc.

As crianças divertiram-se e criaram pequenos livros cheios de criatividade “tenho uma ideia, vou pegar nestas pintinhas e colá-las nos calções do menino” e imaginação “Eu vou pô-lo a usar pulseiras nos pés”.

### **2.1.1 Síntese de resultados**

A atividade “Encontro com a ilustradora Yara Kono: *atelier* de ilustração ‘uma onda pequenina’” teve grande relevo para a nossa investigação.

Com esta atividade conseguimos, numa primeira fase, dar a conhecer à criança uma panóplia de livros ilustrados bastante originais e de excelente qualidade artística e gráfica. Interessa-nos que a criança tenha acesso a este género de livros para que possam ter modelos de comparação que as ajudem a iniciar um processo de desenvolvimento do seu sentido crítico permitindo-lhes assim, posteriormente, reconhecer a qualidade de uma ilustração e de um livro ilustrado de excelência.

Foi importante mostrar às crianças, através do livro “Um onda pequenina” que um livro pode ser interativo, que podemos “brincar” e “jogar” com ele enquanto contamos uma história. Assim conseguimos motivar e despertar o interesse nas crianças para a leitura e demos a conhecer que existem outras formas de leitura como é o caso da ilustração. As crianças reconheceram que, mesmo sem texto, um livro pode contar uma história.

E foi com base nessa constatação que os alunos terminaram a atividade construindo um livro só de imagens mas que, para cada um deles, contava uma história. A imaginação e a criatividade esteve presente em cada momento desta oficina de ilustração.

## **2.2 Análise de dados da atividade 2**

### “Exposição coletiva de ilustração: Ler com olhos de ver”

Diz-se que as histórias são para ser contadas e ouvidas. Mas a ilustração, cada vez mais, anda a par com o texto e quer ganhar o seu lugar de direito nos livros dirigidos ao público infantil.

Com esta exposição pretendemos mostrar que as imagens também contam histórias e que é preciso estarmos mais atentos e deveríamos começar a “ler com olhos de ver” os livros infantis.

Esta exposição pretende ainda dar a conhecer o trabalho de alguns ilustradores portugueses, bem como, a qualidade do trabalho que estes realizam a nível da ilustração para livros infantis.

Catarina Sobral, André Letria, Gonçalo Viana, Rachel Caiano, Gabriela Sotto Mayor e Fedra Santos são alguns dos nomes que colaboraram para esta exposição coletiva.

#### Cartaz



## FICHA TÉCNICA DA ATIVIDADE

<b>NOME DA ATIVIDADE</b>  <b>Exposição coletiva de ilustração</b>  “Ler com olhos de ver”	
<b>Proposta de atividade</b>	A exposição “Ler com olhos de ver” pretende dar a conhecer o trabalho de alguns ilustradores portugueses, bem como, a qualidade do trabalho que estes realizam a nível da ilustração para livros infantis.  Servirá ainda de mote para a oficina de ilustração que se realizará com as crianças.
<b>Local de realização</b>	Biblioteca Municipal Camilo Castelo Branco
<b>Data</b>	8 a 29 de novembro de 2014
<b>Público-alvo</b>	Público geral
<b>DESENVOLVIMENTO DA ATIVIDADE</b>	
<b>Objetivos</b>	Dar a conhecer a profissão de ilustrador;  Dar a conhecer a ilustração como forma de comunicação e leitura;  Mostrar as diferentes técnicas de ilustração utilizadas pelos ilustradores;  Dar a conhecer a ilustração como um objeto de arte contemporânea;  Despertar o sentido crítico;  Promover a leitura visual.
<b>Conteúdos</b>	A exposição será constituída por 30 ilustrações (originais e reproduções) de 15 ilustradores portugueses.
<b>Recursos materiais</b>	<b>Espaço:</b> Átrio principal da Biblioteca

	<p>Municipal Camilo Castelo Branco</p> <p><b>Materiais:</b> K-line cor preta 50x70; fio seda; alfinetes; molas; bostik; fita tipo Velcro; cartolinas; fotocópias cores.</p>
<b>Recursos financeiros</b>	<p><b>Aquisição de 30 placas de K-line preto – 112,55€</b></p> <p><b>Alfinetes e molas – 6,23€</b></p> <p><b>Material de desgaste – 23,64€</b></p>
<b>Recursos humanos</b>	<p>Maria João Silva; Mónica Oliveira; Carla Araújo; Marco Torrinha; António Freitas</p>
<b>Fases da atividade</b>	<p><b>Organização</b> Estabelecer contacto com ilustradores portugueses para possível colaboração na exposição – enviar e-mails (será necessário convidar, pelo menos, 10 ilustradores para participarem na exposição. Solicitar-lhes o empréstimo de 2 ilustrações);</p> <p>Realização de um seguro multirriscos para a exposição;</p> <p>Requisição de K-line e material de desgaste;</p> <p>Combinar com os ilustradores o local de entrega e devolução das ilustrações (pedir viatura);</p> <p><b>Montagem da exposição coletiva de ilustração</b> Colocar os k-line no átrio de exposições;</p> <p>Ordenar e colocar as ilustrações;</p> <p>Criar e colocar um cartaz e um livro de honra para a exposição.</p>

### Imagens da atividade

## Montagem da exposição



## Exposição coletiva de ilustração “Ler com olhos de ver”



A exposição coletiva de ilustração “Ler com olhos de ver” foi uma exposição que esteve patente na Biblioteca Municipal Camilo Castelo Branco, de 8 a 29 de novembro de 2014 e estava dirigida ao público em geral.

Esta exposição foi idealizada, de raiz, para este trabalho de projeto e tinha uma linha de cariz educativa e cultural muito forte.

Foi necessário entrar em contacto com vários ilustradores e sondar o interesse destes em participar nesta mostra coletiva. A ideia era ter uma exposição com vários ilustradores portugueses de forma a obtermos uma “mostra” bastante heterogéneo no que diz respeito a técnicas, linhas e métodos

de trabalho. Conseguimos a colaboração de 15 ilustradores, nomeadamente, Anabela Dias, André Letria, Catarina Sobral, Eunice Rosado, Evelina Oliveira, Fedra Santos, Gabriela Sotto Mayor, Gonçalo Viana, Júlio Vanzeler, Mafalda Milhões, Mariana Rio, Marta Monteiro, Marta Moreira, Rachel Caiano e Sebastião Peixoto. Cada um colaborou com o empréstimo de duas das suas ilustrações.

Para esta exposição coletiva de ilustração foi criado um cartaz de divulgação e um livro de honra.

Patente ao público em geral esta exposição contou com alguns comentários bastante positivos no seu Livro de Honra. Citemos alguns: “Todos no seu estilo são uma delícia para os olhos! Parabéns e obrigado” – Ricardo Barroso; “Excelentes obras de arte, todos com valor Muito Bom...” – Augusto Mariano; “Adorei a exposição, os artistas são fantásticos” – Joana Lemos; “Parabéns pela exposição! A ilustração é bastante rica e diversificada. O uso de material diferente tornou a exposição muito interessante. É sempre bom saber que há interesse e valorização pela ilustração!” – Sandra Gaspar.

Para esta investigação recorreu-se a esta exposição para direcionar o nosso trabalho de projeto para as crianças.

Assim organizou-se uma visita à Biblioteca Municipal para as duas turmas que faziam parte do projeto. Uma vez na Biblioteca elas foram conduzidas a visitar a exposição e a ver com atenção as ilustrações aí expostas. No final entregou-se a cada uma das crianças duas folhas que continham, em cada uma delas, a imagem de duas ilustrações de um ilustrador. Pediu-se depois à criança que coloca-se a sua atenção somente nestas ilustrações que lhes eram entregues na folha. Ela teria de analisar com cuidado e tentar perceber que técnicas teria o ilustrador utilizado, de seguida, teria que dar um título às ilustrações e, no final, classificar de 1 a 5 o quanto tinha gostado dessas imagens. Das 44 crianças, 4 classificaram o seu gosto com nota “3”; 6 classificaram com nota “4” e as restantes 40 classificaram com nota “5” a sua resposta, demonstrando assim que gostaram bastante das ilustrações expostas na Biblioteca Municipal.

### **2.2.1 Síntese de resultados**

Esta exposição tinha um objetivo concreto. Esse objetivo estava direcionado para a amostra de crianças que participaram no trabalho de projeto e tinha como foco fomentar o sentido crítico neste grupo de crianças.

Pretendeu-se, com recurso a esta exposição, colocar as crianças num ambiente que, para muitas delas seria novidade, uma primeira vez. Conseguimos que elas se sentissem como se estivessem numa galeria de arte e vissem estas imagens “com olhos de ver”, que reparassem nelas, nos seus pormenores, nas cores, nos padrões, nas texturas, que experimentassem ser “críticos de arte” por um dia. Com isso trabalhamos a alfabetização visual da criança, a leitura visual destas imagens (por isso a razão do título “Ler com olhos de ver”) e o seu sentido crítico uma vez que tiveram de tecer comentários acerca destas mesmas imagens (gosto, não gosto, é-me indiferente).

Temos consciência que ao disponibilizarmos à crianças momentos destes onde as deixamos visualizar, comentar, criticar e interpretar imagens, ajudamo-la a treinar e a sensibilizar o seu olhar. Este “treino” leva a criança a adquirir uma maior consciência crítica sobre a ilustração tornando o seu sentido estético e criativo mais apurado.

Assim constata Ramos (2007), “a ilustração marca, de forma decisiva, o encontro precoce da criança com as artes plásticas, abrindo-lhe as portas de um mundo mágico e condicionando a sua relação com o livro, com a literatura e com a própria arte.” (p.19)

## **2.3 Análise de dados da atividade 3**

### **“Oficina de ilustração: Ler com olhos de ver”**

Como se lê uma ilustração? Será que as ilustrações também nos contam histórias?

A exposição coletiva de ilustração “Ler com olhos de ver” mostra-nos que isso é possível e, recorrendo a esta exposição realizar-se-á uma oficina de ilustração onde as crianças poderão colocar em prática toda a sua imaginação e criatividade e mostrar-nos tudo o que aprenderam nesta visita.

**FICHA DE ATIVIDADE**

<b>NOME DA ATIVIDADE</b>	
Oficina de ilustração “Ler com olhos de ver”	
<b>Proposta de atividade</b>	<p>“Porque nos livros as ilustrações também contam histórias vamos “ler com olhos de ver” as fabulosas ilustrações que estão em exposição na Biblioteca Municipal. Vamos estar bem atentos e reparar em todos os pormenores e detalhes com que são feitos estes desenhos.</p> <p>De seguida...seremos nós os ilustradores! Vamos aplicar várias técnicas de ilustração, usar e abusar dos materiais e...ser criativos!”</p>
<b>Local de realização</b>	Biblioteca Municipal Camilo Castelo Branco
<b>Data / Horário</b>	12 de novembro de 2014
<b>Público-alvo</b>	Alunos do 3º e 4º ano (44 alunos)
<b>Duração</b>	2h.20
<b>DESENVOLVIMENTO DA ATIVIDADE</b>	
<b>Objetivos</b>	<p>Dar a conhecer a ilustração como forma de comunicação e leitura;</p> <p>Desenvolver a criatividade e imaginação da criança;</p> <p>Despertar o pensamento crítico;</p> <p>Motivar para a leitura.</p>
<b>Conteúdos</b>	<p>Utilizar a exposição coletiva de ilustração “Ler com olhos de ver” como recurso de apoio e motivação para a oficina de ilustração;</p> <p>Recurso a excertos de textos de livros infantis como mote para a criação das ilustrações na</p>

	oficina;
<b>Recursos materiais</b>	<p><b>Espaço:</b> Átrio principal de Biblioteca Municipal e sala de leitura infantojuvenil</p> <p><b>Materiais:</b> Papel de cenário tamanho A3; lápis de cor; lápis de cera; marcadores; lápis de carvão; lista telefónica (páginas amarelas); papel celofane; papel vegetal; revistas; jornais; papel autocolante; tintas; pincéis; carimbos; folhas de plantas; palheiras.</p>
<b>Recursos financeiros</b>	<b>Material de desgaste – 32,03€</b>
<b>Recursos humanos</b>	Maria João Silva
<b>Fases da atividade</b>	<p><b>A atividade realizar-se-á nos dias 12 e 21 de novembro, de manhã para a turma do 4º ano da EB1 das Lameiras e, da parte da tarde, para a turma do 3º ano do Colégio Machado Ruivo.</b></p> <p><b>Visita à exposição coletiva de ilustração “Ler com olhos de ver” (dia 12 - 40 min) –</b> Reunir o grupo de crianças no átrio principal da Biblioteca Municipal onde está patente a exposição de ilustração. Fazer uma visita guiada à mesma. De seguida entregar às crianças duas fichas onde estão retratadas, em cada uma, duas ilustrações de um ilustrador. (ver abaixo). Pedir-lhe para analisar agora ao pormenor estas ilustrações e “avaliar” conforme o que pede as fichas: “Que técnicas/materiais utilizou o ilustrador nestas ilustrações?”; “Dá um título às duas ilustrações”; “Gostaste das ilustrações? Classifica de 1 a 5.”.</p> <p><b>Introdução à oficina de ilustração (dia 12 - 10 min.).</b> Reunir as crianças na área da Hora do Conto para recolher as fichas e explicar a</p>

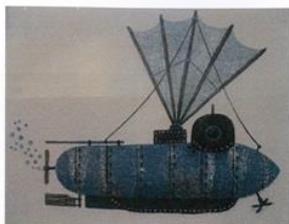
	<p>próxima fase da atividade, a oficina de ilustração.</p> <p>Entregar a cada aluno um excerto de um texto pré-selecionado por mim (ver anexo). Pedir para cada um ler para si o texto e pensar no trabalho que irão fazer e que técnicas utilizarão para a realização desse trabalho.</p> <p><b>Oficina de ilustração.</b> (dia 12 - 40 min.). Na sala de leitura infantojuvenil serão criadas três áreas distintas onde estarão colocados os materiais por técnicas (pintura, desenho e colagem).</p> <p>Depois de terem lido o seu texto, as crianças sentar-se-ão nas mesas conforme a técnica que quiserem utilizar. Podem utilizar mais do que uma técnica.</p> <p>(dia 21 – 50 min.) – Terminar os trabalhos.</p>
--	--

## Imagens da atividade

### Visita à exposição coletiva de ilustração “Ler com olhos de ver”



## Ficha de atividade “Vamos ser críticos de arte”



ILUSTRADOR | ANDRÉ LETRIA

Que técnica / materiais utilizou o ilustrador nestas ilustrações?

---

---

Dá um título às duas ilustrações.

---

---

Gostaste destas ilustrações? Classifica de 1 a 5.

1 \_\_\_ 2 \_\_\_ 3 \_\_\_ 4 \_\_\_ 5 \_\_\_

## Introdução à oficina de ilustração



## Oficina de ilustração “Ler com olhos de ver”



A oficina de ilustração "Ler com olhos de ler" teve como mote a visita à exposição coletiva de ilustração com o mesmo nome.

Após a visita a esta exposição as crianças foram convidadas, no mesmo dia, a ir até à sala de leitura infantojuvenil da Biblioteca Municipal. Lá, em grande grupo, falou-se com as turmas e explicou-se em que consistia a atividade.

A oficina iniciou com a entrega a cada aluno de um excerto de uma história retirada de alguns livros da coleção bibliográfica da Biblioteca.

Para esta atividade foram escolhidos os seguintes títulos: *A ilha*, de João Gomes de Abreu e Yara Kono; *Acho que posso ajudar*, de David Machado e Mafalda Milhões; *Oficina de corações*, de Arturo Abad e Gabriel Pacheco; *O jardim de Babai*, de Mandana Sabat; *Pela floresta*, de Anthony Browne; *A manta*, de Isabel Minhós Martins e Yara Kono; *Os ciganos*, de Sophia de Mello Breyner Andresen e Danuta Wojciechowska. Os livros foram escolhidos pelo enredo e conteúdo da história, pelo que, pretendia-se retirar excertos desses livros através dos quais, as crianças, sem conhecer o resto da história conseguissem idealizar uma imagem para esse mesmo excerto.

Pedi-se às crianças que lessem com atenção o excerto do texto que tinham e que pensassem um pouco sobre o que poderiam ilustrar para aquele texto.

De seguida, falou-se com as crianças sobre algumas das técnicas que tinham visionado, anteriormente, na exposição e quais estariam disponíveis para elas trabalharem na sua ilustração.

Assim, as crianças tinham à disposição três “ilhas” onde estavam dispostas, em cada uma, diferentes materiais artísticos (ver na tabela “materiais”) onde poderiam desenhar, pintar e colar. Era-lhes disponibilizada uma folha A3 de papel de cenário onde teriam de colar, na parte de trás, o excerto do texto e escrever o seu nome e, na frente, criar a sua ilustração.

Uma vez explicada a oficina as crianças estas puderam dar largas à imaginação.

Esta foi uma atividade que se teve de realizar em duas sessões, uma vez que, só em uma sessão eram impossível terminar todo o trabalho.

### **2.3.1 Síntese de resultados**

A oficina de ilustração “Ler com olhos de ver” realizou-se, como já foi referido, no mesmo dia da visita à exposição com o mesmo título.

Pretendeu-se, com esta atividade, criar momentos de leitura visual e, posteriormente, criação artística.

Através desta atividade conseguimos proporcionar às crianças momentos de leitura, de reflexão que, posteriormente resultaram em trabalhos criativos, cheios de imaginação, que retratavam o pequeno excerto de texto que tinham lido anteriormente. Com isso mostramos às crianças que a ilustração é também uma forma de comunicação e que, através da imagem se pode transmitir uma mensagem, tentando assim fomentar o interesse das crianças para a leitura através da imagem.

Ao passarem para ilustração aquilo que leram, as crianças conseguiram transmitir para o papel a imagem que criaram mentalmente acerca do excerto de texto que leram. Para isso utilizaram os conhecimentos adquiridos até aí acerca das técnicas de ilustração e colocaram em prática esses mesmos conhecimentos utilizando e misturando técnicas de ilustração.

Os resultados dos trabalhos resultaram numa exposição coletiva de ilustração que esteve patente na Biblioteca Municipal, para o público geral, durante o mês de dezembro.

## 2.4 Análise de dados da atividade 4

### “Exposição de ilustração: porque as ilustrações também contam histórias”

#### Sobre a exposição

A exposição “Porque as ilustrações também contam histórias...” engloba os trabalhos resultantes da oficina de ilustração “Ler com olhos de ver” realizados pelos alunos do 3º ano do Colégio Machado Ruivo e do 4º ano da EB1 das Lameiras.

#### Cartaz e convite de inauguração da exposição

**EXPOSIÇÃO DE ILUSTRAÇÃO**

**PORQUE AS ILUSTRAÇÕES TAMBÉM CONTAM HISTÓRIAS...**

Trabalhos resultantes da oficina de ilustração “Ler com olhos de ver” realizados pelos alunos do 3º ano do Colégio Machado Ruivo e do 4º ano da EB1 das Lameiras.

**2 A 31 DE DEZEMBRO**  
BIBLIOTECA MUNICIPAL CAMILO CASTELO BRANCO

**ALUNOS DO COLÉGIO MACHADO RUIVO**  
3º ANO  
ALEXANDRA  
ÁLVARO  
ANA FRANCISCA  
ANTÓNIO  
CARLOTA  
CÁRINA  
ÉRICA  
GONÇALO M.  
GUILHERME L.  
GUILHERME R.  
INÉS  
JOANA  
LAURA  
MAFALDA  
MARIA  
MARIANA  
MIGUEL P.  
MIGUEL S.  
TOMÁS M.  
VASCO

**ALUNOS DA EB1 DAS LAMEIRAS-ANTAS**  
4º ANO  
ALINE  
ANA JOÃO  
ANA RITA  
ANA SOFIA  
CAROLINA  
CELSO  
DANIELA  
ELISA  
FABIANA  
GABRIELA  
ISA  
JOANA  
JOÃO A.  
JOÃO P.  
MARIA JOÃO  
NAIR  
PEDRO  
SÍLVIA  
SOFIA M.  
STEFANIE  
TIAGO  
TOMÁS A.  
XAVIER

Organização: Maria João Silva e Mónica Oliveira



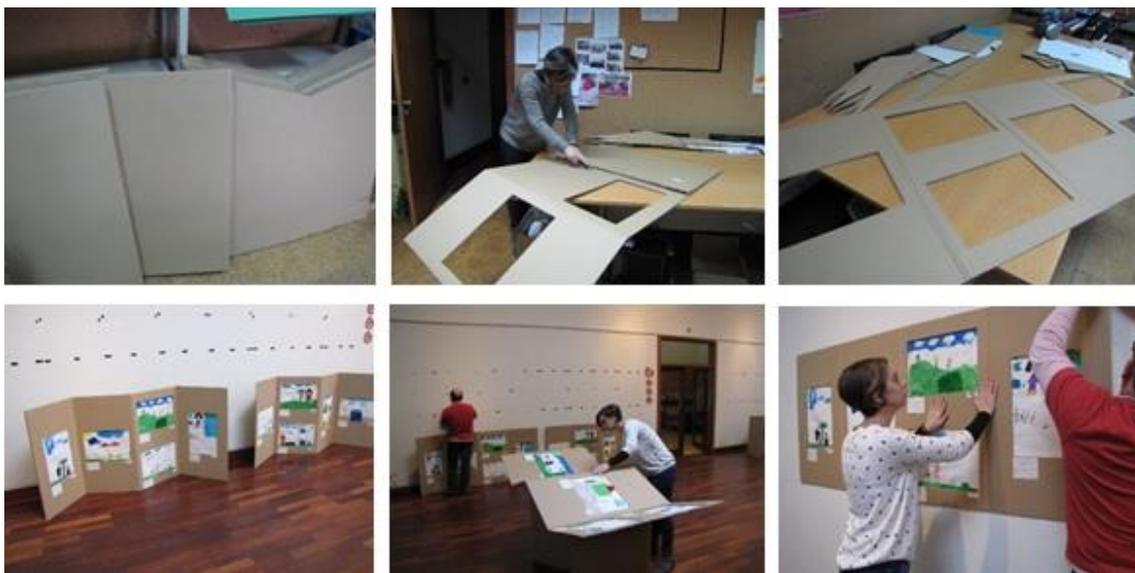
## FICHA TÉCNICA DA ATIVIDADE

<b>NOME DA ATIVIDADE</b>	
Exposição de ilustração “Porque as ilustrações também contam histórias...”	
<b>Proposta de atividade</b>	A exposição “Porque as ilustrações também contam histórias...” pretende dar a conhecer o trabalho resultante da oficina de ilustração “Ler com olhos de ver” realizada pelos alunos que estão a participar no trabalho de projeto.
<b>Local de realização</b>	Biblioteca Municipal Camilo Castelo Branco
<b>Data</b>	2 a 31 de dezembro de 2014
<b>Público-alvo</b>	Público geral
<b>DESENVOLVIMENTO DA ATIVIDADE</b>	
<b>Objetivos</b>	<p>Dar a conhecer a ilustração como forma de comunicação e leitura;</p> <p>Mostrar as diferentes técnicas de ilustração utilizadas pelas crianças;</p> <p>Despertar o sentido crítico.</p>
<b>Conteúdos</b>	Montagem da exposição no átrio principal da Biblioteca Municipal Camilo Castelo Branco
<b>Recursos materiais</b>	<b>Espaço:</b> Átrio principal da Biblioteca Municipal Camilo Castelo Branco

	<p><b>Materiais:</b> cartão cancelado duplo 50x50x90cm.; cola; x-ato, fita tipo Velcro; régua; lápis de carvão; fita-cola; cartolinas.</p>
<b>Recursos financeiros</b>	<p><b>Aquisição de 40 caixas de cartão cancelado duplo – 95,94€</b></p> <p><b>Material de desgaste – 16,75€</b></p>
<b>Recursos humanos</b>	<p>Maria João Silva; Mónica Oliveira; Carla Araújo; Emília Rodrigues; António Freitas.</p>
<b>Fases da atividade</b>	<p><b>Organização</b> Requisição de 40 caixas de cartão cancelado duplo e material de desgaste;</p> <p>Recortar as caixas de cartão cancelado onde serão colocados os desenhos das crianças;</p> <p>Colar os trabalhos ao cartão juntamente com os textos e a identificação das crianças.</p> <p><b>Montagem da exposição coletiva de ilustração</b> Colocar as caixas de cartão cancelado no átrio de exposições;</p> <p>Ordenar e colocar os trabalhos pelas “ilhas” e na parede;</p> <p>Criar e colocar um cartaz e um livro de honra para a exposição.</p> <p><b>Inauguração da exposição</b> Criar convite para enviar para os pais e para a escola;</p> <p>Agendar inauguração para o dia 2 de dezembro.</p>

## IMAGENS DA ATIVIDADE

### Montagem



### Exposição de ilustração “Porque as ilustrações também contam histórias...”



A exposição de ilustração “Porque as ilustrações também contam histórias” era constituída por 42 trabalhos realizados pelos alunos participantes no trabalho de projeto.

As ilustrações realizadas em folhas de papel de cenário formato A3 foram dispostas, aleatoriamente, numa estrutura pré-montada para o efeito construída em caixas de cartão canelado. Nestes foram recortados, à medida, 42 “janelas” onde encaixariam as ilustrações. Algumas ficaram num suporte horizontal formando 4 ilhas dispostas pelo átrio principal da Biblioteca Municipal e outros foram colocados verticalmente nas paredes do átrio.

A exposição esteve patente de 2 a 31 de dezembro de 2014 para o público em geral.

Foi elaborado para esta exposição de ilustração um cartaz de divulgação; um convite dirigido aos pais dos alunos e professores para a sua inauguração e um livro de honra do qual destaco os seguintes comentários: “Eu adorei a fantástica exposição” – Xavier, João e Celso; “Amei a exposição! Legal!” – Aline, Carolina e Ana Sofia; “Bom trabalho” – Leonor Matos; “Adorei!” – Carolina.

#### **2.4.1 Síntese de resultados**

O propósito desta exposição era criar um montra daquilo as crianças criaram na oficina de ilustração “Ler com olhos de ver”.

É importante para as crianças verem os seus trabalhos expostos e vistos por outras pessoas, nomeadamente, os seus familiares, amigos e professores.

Esta exposição também mostrou a criatividade e a imaginação destas crianças que pegaram em pequenos excertos do um texto, analisaram, fizeram uma leitura e interpretaram graficamente o que este lhe transmitia mostrando que conseguem transpor para uma imagem aquilo que as palavras transmitem, ou seja, conseguem ver a ilustração como forma de comunicação e leitura e conseguem fazer um julgamento crítico acerca desta leitura e interpretação.

Os conhecimentos que adquiriram acerca das técnicas de ilustração é visível nos trabalhos realizados pelas crianças que não se inibiram de experimentar e usar e abusar das mesmas.

### **3. Entrevistas**

#### **3.1 Análise e interpretação das entrevistas**

Para proceder à análise de conteúdo das entrevistas realizadas a 8 dos 15 ilustradores participantes na Exposição Coletiva de Ilustração “Ler com olhos de ver”, tratou-se, numa fase inicial, à transcrição da entrevista realizada à ilustradora Yara Kono, no dia 29 de outubro de 2014, durante a sua visita à Biblioteca Municipal Camilo Castelo Branco. Esta foi a única entrevista realizada pessoalmente com um ilustrador. Todas as outras foram respondidas,

via e-mail, pelos participantes, pelo facto de estes residirem em diferentes locais da região norte e centro do país trazendo, desta forma, constrangimento na realização das entrevistas pessoalmente.

De fase seguinte construiu-se uma tabela (ver abaixo) onde se colocaram as categorias chave daquilo que pretendíamos retirar de mais importante e significativo das entrevistas realizadas. Dividimos então as categorias em motivação, ambições, percurso profissional, preferências literárias (literatura infantil), processo criativo, técnicas e materiais artísticos, o ilustrador como promotor da imagem/ilustração, a ilustração como promotora da leitura e expectativas sobre o presente e futuro da ilustração.

Definidas estas categorias de forma criteriosa avançou-se com uma leitura atenta e pormenorizada de todas as entrevistas recolhidas. De seguida, retirou-se toda a informação considerada mais pertinente para a investigação em curso dividindo-a consoante a categoria que melhor se enquadrava.

De seguida passaremos à análise da informação retida na tabela abaixo.

Para facilitar o discurso da análise passaremos a designar os entrevistados pela letra E, como estão designados na tabela.

Entrevistado	Categoria	Indicadores
E1; E2; E3; E4; E5; E6; E7; E8	Motivação	<p>“ (...) foi uma sucessão de descobertas ao longo das minhas aulas de design gráfico onde o prof. António Modesto nos levou a explorar a ilustração (de cartaz, editorial, infantil) Essas aulas marcaram a minha vida pois foi lá que eu percebi onde eu pertencia.” (E1)</p> <p>“ (...) Desde que me lembro que a minha atividade preferida é desenhar e colorir (...)” (E2)</p> <p>“Foi uma escolha motivada pelo amor ao ofício e não pelas vantagens económicas ou sociais de ser ilustrador.” (E2)</p> <p>“Como profissional gosto mais do processo que do resultado, tiro prazer da experiência de riscar de forma intuitiva e descontraída, divirto-me muito.” (E2)</p>

		<p>“Sempre gostei de desenhar e sempre illustrei histórias para mim. (...)” (E3)</p> <p>“Tinha acabado de terminar a licenciatura (Artes Plásticas - Escultura) e uma amiga, colega de curso, estava a fazer um projeto de ilustração e eu acabei enamorada do processo. Experimentei e fui querendo saber cada vez mais.” (E4)</p> <p>“ (...) gosto muito de perceber como é que determinado material ou solução proposta funcionou para responder ao estímulo da palavra.” (E4)</p> <p>“No exercício da profissão atrai-me particularmente o que a palavra não diz e os jogos em potência que posso vir a encetar com o leitor.” (E4)</p> <p>“Sonhava “inventar e desenhar histórias” como profissão.” (E5)</p> <p>“É necessário muito trabalho, muita perseverança e determinação para fazer da ilustração uma profissão.” (E5)</p> <p>“É dessa relação de colaboração entre texto e imagem que se faz um picturebook e é esse um dos maiores desafios e encantos deste tipo de livros, para mim.” (E5)</p> <p>“Descobri a ilustração através do cinema de animação e da banda desenhada. (...)” (E6)</p> <p>“ (...) dei por mim a trabalhar imagens isoladas ou a partir de textos de outros autores.” (E6)</p> <p>“ (...) a ilustração veio preencher o vazio deixado pela escultura.” (E6)</p> <p>“ (...) gosto da objectividade da ilustração e do seu carácter universal (...) agrada-me o facto de ter a capacidade de ser opinativa (...)” (E6)</p> <p>“A ilustração junta duas coisas que gosto muito de fazer: ler e desenhar. Ser ilustradora acabou por se revelar</p>
--	--	--

		<p>uma profissão ideal...” (E7)</p> <p>“É (...) isso que me interessa na ilustração, descobrir para onde o texto me empurra, como vou apropriar o texto através da imagem.” (E7)</p> <p>“Hoje em dia já se pode encarar a ilustração como uma profissão (...)” (E7)</p> <p>“ (...) eu sempre gostei de desenhar (...) Eu desenhava sempre que podia (...)” (E8)</p> <p>“Tinha alguma curiosidade (...) por esta área (...)” (E8)</p> <p>“ (...) cresci com a editora e desenvolvi o meu trabalho como ilustradora paralelamente com o crescimento da editora.” (E8)</p>
	<p>Ambições</p>	<p>“Quando eu era miúda passava horas a desenhar (a adorava desenhar nas paredes e portas...) mas queria ser professora quando crescesse (...)” (E1)</p> <p>“Até aos 7 desejei ser bailarina ou astronauta. Até aos 15 desejei ser professora. A partir dos 15 soube que faria algo nas artes visuais. Aos 22 fiz a escolha final.” (E2)</p> <p>“Sempre pensei que viria a trabalhar numa área relacionada com o desenho. (...) Pensei que faria cinema de animação.” (E3)</p> <p>“Em pequenina queria ser muita coisa (desde atriz a professora de inglês, passando por membro de uma girls band - versão infantil)...” (E4)</p> <p>“Escolhi ser ilustradora muito cedo, quando ainda era criança, algures entre os 7 e os 12 anos de idade.” (E5)</p> <p>“Quis ser veterinária, pintora e a certa altura princesa reformada (...)” (E6)</p> <p>“ (...) quando era pequena queria ser pintora, pelo caminho fui descobrindo a música, o teatro, a literatura.”</p>

		<p>(E7)</p> <p>Sem informação (E8)</p>
	<p>Percurso profissional</p>	<p>“Logo após ter terminado a minha licenciatura em pintura, procurei contactar editoras e levei o meu portfólio da escola. Tinha 23 anos. (...)” (E1)</p> <p>Sem resposta (E2)</p> <p>“Sou <i>designer</i> gráfica de profissão, actividade essa que implica (...) parcerias com a ilustração.” (E3)</p> <p>” (...) só na faculdade, é que percebi que poderia vir a fazer disso a minha profissão.” (E3)</p> <p>“ (...) acabei o curso de Design de Comunicação (...) a Campo das Letras respondeu-me e deu-me a oportunidade de iniciar uma colecção (...)” (E3)</p> <p>“ (...) nunca mais parei de ilustrar.” (E3)</p> <p>“ (...) licenciatura Artes Plásticas - Escultura” (E4)</p> <p>“ (...) investigadora na área (...)” (E4)</p> <p>“ (...) o percurso para fazer dessa escolha uma real profissão a tempo inteiro que me permita subsistir tem sido um processo demorado e um grande desafio constante.” (E5)</p> <p>“ (...) escultura que estudei na universidade.” (E6)</p> <p>“ (...) tinha concluído uma licenciatura (...)” (E6)</p> <p>“ (...) por volta dos 26 anos (...) comecei a trabalhar.” (E6)</p> <p>“Por volta dos 22 anos comecei a ter alguns trabalhos em revistas e pouco depois uma oportunidade para fazer um livro.” (E7)</p> <p>“ (...) a minha primeira formação é em farmácia bioquímica. (...) Trabalhei nessa área durante 5 anos (...)”</p>

		<p>” (E8)</p> <p>“Depois que eu terminei o curso de farmácia fui fazer um curso de desenho (...) e fiz o curso à noite enquanto trabalhava como farmacêutica.” (E8)</p> <p>“ (...) em 2004, quando eu conheci o Planeta Tangerina foi quando as coisas aconteceram (...) ” (E8)</p>
	<p>Preferências literárias (literatura infantil)</p>	<p>“ (...) Gato das Botas de Charles Perrault. (...)”</p> <p>Tenho referências incontornáveis (Maurice Sendak, Shel Silverstein, Anthony Browne, Joanna Concejo, Beatrice Alemagna, Oliver Jeffers) (...) ” (E1)</p> <p>“Em criança tinha um livro com a história do Patinho Feio como favorito, tinha ilustrações (...) ” (E2)</p> <p>“Atualmente o meu livro preferido é ‘A princesa que bocejava a toda a hora’ da Elena Odriozola (...) Tudo neste livro é encantador, o texto, a edição e as arrasadoras e doces ilustrações!” (E2)</p> <p>“ (...) em criança (...) os mais marcantes no meu crescimento (...) “Toda a Mafalda” (...) livros da Turma da Mónica” (E3)</p> <p>“ (...) a primeira recordação livresca que tenho é (...) da bela Mary Poppins (...) ” (E4)</p> <p>“ (...) devorava tudo, desde livros com ‘bonecos’ a livros ‘para crescidos’ (...) ” (E4)</p> <p>“ (...) Papillon (...) ” (E4)</p> <p>“ (...) o romance de Didier van Cauwelaert: A educação de uma fada.” (E4)</p> <p>“ (...) ‘Este é o Tobias’ escrito e ilustrado pela Manuela Bacelar.” (E5)</p> <p>“Há muitos livros ilustrados, picturebooks, de excepcional qualidade (...) Compro, coleciono, leio, observo, fruo e</p>

		<p>estudo este tipo de livros constantemente.” (E5)</p> <p>“Em criança lembro-me de gostar muito dos livros do Petzi (...) o último que li e que deixou marcas foi o “Irmão Lobo” (...)” (E6)</p> <p>“Gostava de um livro que se chamava “a princesa que nunca se ria” (...) A Alice no País das Maravilhas e a Alice no outro lado do espelho, foi um livro que descobri mais tarde (...)” (E7)</p> <p>“ (...) eu gostava muito de uma coleção de livros que tinha, em japonês, livros com histórias tradicionais.” (E8)</p> <p>“ (...) eu gosto muito dos livros “silence books”, os livros silenciosos, talvez escolheria um da Iela Mari, talvez o da “árvore” que é tão poético.” (E8)</p> <p>“Os livros aqui, os mais antigos, são os que mais me cativam (...)” (E8)</p> <p>“ (...) gosto do Katsumi Komagata (...)” (E8)</p>
	<p>Processo criativo</p>	<p>“ (...) assimilar bem os textos e escrevo ideias e conceitos sobre eles. (...) imprimo os textos que passam a andar sempre comigo. Anoto palavras soltas e procuro re-escrever esses conceitos de forma diferente, prestando atenção aos tempos e ações essenciais da história. Encontrar o conceito da imagem do livro é o grande quebra-cabeças...Só depois parto para a ilustração propriamente dita.” (E1)</p> <p>“O texto é o mote, pode ser um conceito, uma ideia, uma história de gente real ou inventada.” (E2)</p> <p>“ (...) a primeira leitura do texto é fundamental porque é nesse momento que todo o ambiente da história é criado na minha imaginação. Tenho um método de trabalho muito intuitivo e as primeiras imagens que me surgem e que esboço são sempre as mais fortes e dificilmente abduco delas. Mas, de seguida, gosto de burilá-las e enriquecê-las com outros pormenores (...)” (E3)</p>

		<p>“A leitura da componente verbal (...) pode e deve suscitar no criativo um sem número de caminhos possíveis. O conjugar das várias sensações que a leitura da palavra desencadeia culminará na interpretação eleita. (...) fixo-me naquilo que a palavra deixou por dizer (...) potenciando-os, sempre que possível.” (E4)</p> <p>“Penso o livro ilustrado (...) como um projeto no qual o texto e a imagem são duas vozes diferentes cuja soma das intervenções converge num resultado final - o livro.” (E5)</p> <p>“ (...) consigo jogar com duas vozes - a do texto e a da imagem - que se completam e se provocam.” (E5)</p> <p>Depende (...) do tempo que tenho para ler, pensar, esboçar e executar a ilustração. Depende do próprio texto e de como está escrito (...) tem que ser a imagem que vou criar que me dá alento e energia para continuar (...).” (E6)</p> <p>“É (...) raro transpor o texto para imagem usando sempre as mesmas regras pois há (...) factores que influenciam a leitura e as decisões.” (E6)</p> <p>“ (...) procuro ressaltar o que o texto tem de mais importante para mim ou provavelmente para os leitores.” (E6)</p> <p>“Cada ilustrador tem uma forma de ler a história e de a representar, gosto particularmente de ver a diversidade de leituras, técnicas e formar de fazer a aproximação um texto, e penso que isso é a grande riqueza da ilustração.” (E7)</p> <p>“O mais importante é mesmo encontrar o tom do livro, o ponto de partida é o texto, o texto como a matéria base, que necessita de muitas leituras.” (E7)</p> <p>“ (...) normalmente eu recebo um convite por parte do autor, leio e texto e se gostar eu aceito, se não gostar eu</p>
--	--	---

		<p>recuso.” (E8)</p> <p>“ (...) a primeira coisa que faço quando recebo é distribuir o texto, ver o ritmo do texto pelas páginas e discutir isso com o autor (...)” (E8)</p> <p>“ (...) o ritmo de leitura que nós damos ao leitor e isso é essencial para não cansá-lo, para entretê-lo, para dar continuidade.” (E8)</p>
	<p>Técnicas e materiais artísticos</p>	<p>“Gosto de trabalhar a aguarela e lápis de cor. De forma independente ou as duas técnicas juntas. Também gosto de explorar a grafite aguarelável.” (E1)</p> <p>“Uso materiais tradicionais como aguarelas e lápis, acrílicos, tinta-da-china, colagem, raspagem, costura, cerâmica, técnicas digitais...” (E2)</p> <p>“A minha técnica mais habitual é a aguarela, mas já pintei a lápis de cor, acrílico, caneta preta, desenho digital, colagens, etc.” (E3)</p> <p>“ (...) desenho a grafite, pela pintura em acrílico e/ou pelas colagens de materiais diversos (e.g. tecidos, papéis variados, fios, rendas).” (E4)</p> <p>“Carimbos de guache e/ou acrílico sobre papel.” (E5)</p> <p>“A (...) maioria das ilustrações que produzo actualmente são feitas com ferramentas digitais. (...) depois de fazer os esboços de forma tradicional, finalizo pintando ou desenhando directamente nos ficheiros (...) Por vezes uso texturas e grafismos feitos a tinta-da-china e outros materiais e adiciono à imagem criada digitalmente.” (E6)</p> <p>“A escolha da técnica determina a ligação com o texto (...)” (E7)</p> <p>“ (...) acrílicos, aguarelas, pastéis de óleo ou carvão (...)” (E7)</p> <p>“ (...) eu tenho uma paleta de cores não muito viva (...) neste último livro eu mudei um bocado e utilizei cores</p>

		<p>mais vivas, cores mais diretas, mais garridas.” (E8)</p> <p>“ (...) eu uso uns tons mais pálidos, uso muito a colagem...mas normalmente eu misturo muito as técnicas.” (E8)</p> <p>“O que faço depois, no fim, é digitalizar tudo e aplico em layers e verifico tudo se for preciso alterar a composição (...)” (E8)</p>
	<p>Ilustrador como promotor da imagem / leitura</p>	<p>“Costumo realizar ateliês e já trabalhei com todo o tipo de público – de crianças, adolescentes, adultos e universidade júnior.” (E1)</p> <p>“ (...) pretendo sempre que pensem no objeto livro e prestem atenção a detalhes que normalmente passam despercebidos (...)” (E1)</p> <p>“O grande desafio é sempre procurar soluções diferentes das que estaríamos à espera.” (E1)</p> <p>“Ilustrar um texto significa guiar as palavras para o mundo das imagens, tornar visível algo que muitas vezes ainda não o é (...) Desenhar um personagem pela primeira vez que ainda só tem lugar na imaginação de alguém é o melhor de tudo!” (E2)</p> <p>“ (...) o objetivo é contrariar as ideias formatadas de representação criar mundos e personagens improváveis e absurdos.” (E2)</p> <p>“ (...) possibilidade de criar uma narrativa paralela ao texto, com diferentes intenções.” (E3)</p> <p>“ (...) sessões nas escolas (...) o objectivo de todas elas é dar a conhecer a profissão de ilustrador (...)” (E3)</p> <p>“ (...) deixo-os inventar histórias em conjunto que vou desenhando no quadro, para que eles percebam que a imaginação não tem limites e (...) a ilustração também não.” (E3)</p> <p>“ (...) o objetivo comum e transversal a todas as idades é</p>

		<p>o de fazer ver o potencial narrativo da ilustração, desmistificando a ideia de que os livros ilustrados são apenas para crianças pequenas.” (E4)</p> <p>“ (...) exploração de materiais vários ajustando-os e experimentando-os face aos diversos propósitos narrativos.” (E4)</p> <p>“Organizo e oriento oficinas de ilustração para diversos públicos (...)” (E5)</p> <p>“ (...) estas atividades acontecem em escolas, universidades, bibliotecas municipais, galerias de arte e outros espaços. (...) Os objetivos podem ser muito distintos mediante a idade e contexto dos participantes.” (E5)</p> <p>“Nunca realizei uma oficina de ilustração. (...) não me sinto muito confortável a orientar <i>workshops</i> ou oficinas de ilustração. (...) Gosto mesmo é do trabalho solitário e criativo que desenvolvo enquanto ilustradora.” (E6)</p> <p>“Tal como um escritor o ilustrador terá os seus maneirismos ou formas de fazer que influenciam a comunicação. Poderá ser a escolha das cores que cria um ambiente único ou a forma como desenha as personagens que dá uma tonalidade distinta à comunicação.” (E6)</p> <p>“Já organizei várias oficinas. Normalmente utilizando um dos meus livros como ponto de partida. (...)” (E7)</p> <p>“ (...) hoje em dia nas escolas trabalha-se muito pouco a expressão plástica, a arte e divirto-me a “despentear” um pouco as ideias que os professores tentam manter arrumadas.” (E7)</p> <p>“Gosto de lhes dar materiais diferentes para trabalhar e propostas de trabalhos que muitas vezes andam de mãos dadas com a noção de erro.” (E7)</p> <p>“ (...) costumo fazer com famílias (oficinas de ilustração)</p>
--	--	--

		<p>mas para as famílias costumo ter uma dinâmica completamente diferente destas oficinas que realizo para um grupo infantil.” (E8)</p> <p>“Posso (...) introduzir a apresentação de um livro ilustrado, estivemos a conversar...” (E8)</p> <p>“Tu tens de criar o conceito (...) Conforme vão chegando as famílias vais explicando e vais acompanhando (...) ” (E8)</p> <p>“ (...) uma atividade que está inserida num Festival da Primavera, da Gulbenkian (...) também já fiz em Bibliotecas (...) ” (E8)</p> <p>“ (...) algumas pessoas absorvem mais, outras absorvem menos, mas a ideia é que eles saiam dali inspirados com alguma coisa.” (E8)</p> <p>“Uma atividade numa biblioteca ou numa escola é melhor ainda porque tu consegues...eles ficam a saber, pelo menos, como é feito um livro, e alguma coisa, de certeza, vai ficar gravada na cabecinha deles.” (E8)</p> <p>“ (...) “Uma onda pequenina” que faz parte dessa coleção interativa é mostrar que (...) os livros em papel também podem interagir com o leitor (...) ” (E8)</p> <p>“Quando é um <i>workshop</i> mais extenso eu também costumo levar exemplos de livros para alunos (aí já adultos) e explicar a eles que um livro, um álbum ilustrado parece uma coisa de criança mas não é (...) ” (E8)</p> <p>“ (...) um adulto precisa ser educado para saber comprar, para saber direcionar (...) tens de se educar o adulto para saber ter conhecimento do que é um bom álbum ilustrado, o que é um álbum ilustrado medíocre...” (E8)</p>
	A ilustração como promotora	“ (...) o que faz sentido na ilustração é o poder que ela tem em acrescentar histórias aos textos ou até mesmo

	de leitura	<p>de contar histórias em paralelo. (...) A ilustração torna-se poderosa quando ela, por si só, sem palavras, conta uma história.” (E1)</p> <p>“ (...) a ilustração está para a leitura como a leitura está para a ilustração. Tem que haver uma simbiose entre os dois elementos. Mas todos sabemos o quanto a imagem é importante para desencadear interesse pela leitura...” (E1)</p> <p>“A ilustração é o maior promotor a seguir às pessoas. (...) vem de seguida como maior auxílio e complemento ao serviço da literatura infantojuvenil.” (E2)</p> <p>“ (...) capacidade que a ilustração tem de criar uma narrativa paralela ao texto.” (E3)</p> <p>“Ela pode simplificar / complexificar / enriquecer / alterar / jogar / brincar com o texto.” (E3)</p> <p>“Uma das funções da ilustração é (...) a promoção da leitura do código verbal junto de crianças que ainda não estão muito familiarizadas com este sistema de linguagem.” (E4)</p> <p>“Os livros ilustrados têm um papel fundamental na promoção da leitura em tenra idade. São o primeiro contacto de uma criança com o objeto livro, ainda antes destas aprenderem a ler. As crianças têm a capacidade de interpretar as imagens e de perceber a narrativa sem o auxílio dos textos. O livro ilustrado fomenta também o contacto entre pais e filhos no primeiro momento de leitura da vida da criança, através da leitura em voz alta. De forma autónoma ou em família, há um primeiro contacto com o objeto que certamente promove hábitos de leitura no indivíduo.” (E5)</p> <p>“O primeiro contacto que se tem com um livro é através da imagem/ilustração (...) em parceria com o texto, a imagem tem um papel muito importante na forma como este se lê.” (E6)</p>
--	------------	---

		<p>“A ilustração assume hoje em dia um papel preponderante na escolha de um livro e na relação que estabelecemos com o objeto livro. A ponte entre a arte e a literatura é muitas vezes esse espaço a que se chama ilustração e que também pisca o olho ao <i>design</i> e ao marketing. Também é muito importante na formação do gosto, da sensibilidade artística. Um livro é uma galeria de arte que se pode ter no bolso!” (E7)</p> <p>“ (...) primeiro tem de se mostrar ao público, ao leitor que o álbum ilustrado, ele é feito para todas as idades. “ (E8)</p> <p>“A ilustração também não é 100% figurativa do que está escrito no texto, aquilo é um conjunto, ou seja, a ilustração está aqui para enriquecer um livro e também está a transmitir...” (E8)</p> <p>“No caso do álbum eu acho que texto e ilustração andam de mãos dadas. No caso do álbum sem texto, o livro silencioso, acho que aquilo não há limites.” (E8)</p> <p>“Mas nós já temos um nicho no mercado de pessoas que gostam, que apreciam os nossos livros, que procuram...e isso é muito bom também...e que influenciam outros pais, e que mostra, pronto...começam a saber diferenciar o que é um bom livro de um livro mais ou menos.” (E8)</p> <p>“ (...) o papel do leitor adulto, do pai, da mãe é importantíssimo, é mesmo essencial. (...) eles são os nossos primeiros consumidores.” (E8)</p>
	<p>Expetativas sobre o presente/futuro da ilustração</p>	<p>“ (...) estou atenta aos diferentes estilos pois penso que é importante prestar atenção às diferentes tendências – todas elas são inspiradoras.” (E1)</p> <p>“ (...) Há muito bons ilustradores (...) ” (E1)</p> <p>“ (...) o problema neste momento é não haver mercado para tão boa ilustração que se vai fazendo. (...) ” (E1)</p>

		<p>“A criatividade cresce e crescem as nossas exigências.” (E1)</p> <p>“A ilustração em Portugal é atualmente muito mais respeitada, divulgada e apreciada (...)” (E2)</p> <p>“Esta tendência irá permanecer (...)” (E2)</p> <p>“Estamos a viver uma época bastante rica, com o aparecimento de novos e diferentes ilustradores com muita qualidade. Os leitores também já dão mais importância à ilustração, que deixou de ser um mero apêndice do texto (...) no entanto, ainda muitas mentalidades a mudar e muito caminho a percorrer para que a ilustração consiga afirmar-se totalmente no mundo editorial e artístico.” (E3)</p> <p>“Apesar do presente e do futuro não ser promissor atinente à economia nacional (...) quero acreditar que a Ilustração ainda terá muitas histórias para contar.” (E4)</p> <p>“ (...) a ilustração está a ganhar (...) um espaço no mercado (...) tem vindo também a ocupar um lugar significativo nas galerias (...)” (E5)</p> <p>“No que toca (...) ao livro ilustrado (...) nos últimos anos aumentou drasticamente o número de editoras independentes que se dedicam à edição destes livros (...)” (E5)</p> <p>“ (...) vive-se um momento de reinvenção de suportes e veículos de publicação da ilustração.” (E5)</p> <p>“A ilustração tem cada vez mais visibilidade. Mas creio que este “boom” de ilustradores se deve em grande parte às redes sociais e a estratégias de marketing do que uma procura generalizada ou consumo de ilustração.” (E6)</p> <p>“Nos últimos anos assistiu-se a uma explosão ilustrada! (...) as editoras perceberam a importância de uma boa comunicação visual (...)” (E7)</p>
--	--	---

		<p>“Há muitos e bons ilustradores a trabalhar, a fazer coisas boas e diferentes.” (E7)</p> <p>“ (...) eu acho que desde 2001, quando eu cheguei cá, até hoje, este universo mudou imenso. Eu acho que se valoriza mais o trabalho do...ilustrador” (E8)</p> <p>“Vê-se mais ilustração não só no...não se limita ao álbum infantil ou ao álbum ilustrado.” (E8)</p> <p>“ (...) outro dia fiz (...) uma ilustração para a parede de um restaurante...” (E8)</p> <p>“ (...) mas há outros...participação coletiva e fazer ilustração para outras coisas. Também fiz ilustração para um calendário... pronto, outros trabalhos vão surgindo à parte.” (E8)</p> <p>“Há imensos ilustradores com talento que vão surgindo no mercado e, os que surgiram nos últimos anos também vem mantendo o seu ritmo, o que é bom (...) ” (E8)</p> <p>“ (...) há muito mais <i>workshops</i> e cursos (...) ” (E8)</p> <p>“ (...) já começa a haver cursos mais específicos (...) ” (E8)</p>

Na categoria “motivação” era para nós importante tentar perceber se o gosto pelo desenho e a ilustração era uma área que fascinava os entrevistados desde pequenos ou se esse gosto foi surgindo ao longo das suas vidas, em algum momento concreto.

Assim, e analisando este primeiro ponto podemos verificar que todos os oito entrevistados gostam imenso do seu trabalho e de ilustrar, no entanto, essa motivação surgiu em diferentes momentos das suas vidas. Para E1 e E4 esta motivação surgiu no ensino superior. Estas duas ilustradoras estavam em cursos da área das artes (E1, Design Gráfico; E4, Artes plásticas – Escultura) e

perceberam que a sua “vocação” era a ilustração por entremédio de uma segunda pessoa (E1, professor; E4, colega). Os entrevistados E2, E3, E5, E7 e E8 mostram-nos através dos seus comentários que gostavam, desde sempre, de desenhar, pintar e colorir. Outros ilustradores descobriram este gosto através de outras áreas como é o caso da animação de cinema e da banda desenhada (E6). Em resumo podemos concluir que dos 8 entrevistados todos são ilustradores profissionais por vocação, opção e, acima de tudo, por gostarem do que fazem.

Na categoria “ambições” pretendíamos analisar que gostos profissionais tinham estes entrevistados quando eram mais pequenos. Estaria a ilustração já presente nos seus ideais de profissão ou teriam eles os sonhos de qualquer criança nessas idades?

O que se verificou foi mesmo este segundo ponto e, como qualquer crianças, estes profissionais sonharam em vir a ser um dia professor (E1, E4), bailarina e astronauta (E2), atriz (E4), veterinária e princesa reformada (E6) e pintora (E6, E7). Só houve um entrevistado que respondeu que sabia que queria ser ilustrador desde sempre (E5).

Quanto ao “percurso profissional” era nossa intenção tentar perceber se os caminhos profissionais que estes entrevistados seguiram mantiveram-se sempre na área das artes e da ilustração ou se houve outras áreas onde estiveram envolvidos.

Neste ponto não se notou grandes oscilações nas respostas dos entrevistados. 6 dos 8 entrevistados seguiram, quase logo a seguir à faculdade, a área da ilustração. Mesmo tendo formações em outras áreas das artes, como é o caso da pintura (E1), *design* gráfico (E3), escultura (E4, E6) os seus percursos profissionais, rapidamente os levaram à ilustração. Só houve uma resposta que contrastou com todas as outras e que foi a do E8. Este entrevistado teve uma formação na área da saúde (farmácia bioquímica) na qual trabalhou 5 anos e, só mesmo um acaso e um gosto enorme pelo desenho o levou à ilustração. O E2 não fez nenhuma referência neste ponto.

Em relação à categoria “preferências literárias: literatura infantil” esta foi colocada para nos dar uma referência de quais teriam sido os livros que mais

tinham marcado o imaginário visual e textual destes entrevistados na infância e quais as suas referências literárias nos dias de hoje, nomeadamente ao nível da ilustração.

Quanto ao imaginário infantil, a referência a contos tradicionais surgiu em três respostas, “O gato das botas” (E1), “Patinho feio” (E2) e os contos tradicionais japoneses (E8). Os clássicos infantis foram referidos pelo E4 que referiu o livro “Mary Poppins” e pelo E7 que fez referências aos dois livros de Lewis Carroll “Alice no país das Maravilhas” e “Alice do outro lado do espelho”. Os restantes 3 entrevistados fizeram referência a outro género de livros como foi o caso da coleção de banda desenhada “Mafalda” e “Turma da Mônica” (E3), do Tobias, de Manuela Bacelar (E5) e do Petzi (E6).

No que se refere às preferências literárias atuais é demonstrado, através dos comentários dos entrevistados, um gosto por livros mais contemporâneos que se destacam pela excelente linguagem visual, com ilustradores e autores de renome com é o caso de Maurice Sendak, Anthony Browne, Shel Silverston, Oliver Jeffers (E1), António José Gonçalves (E6) e Iela Mari (E8). E5 e E8 fizeram mesmo referência aos picturebooks e aos livros silenciosos onde predomina e se dá grande destaque à ilustração e à linguagem visual.

O “processo criativo” permitiu-nos ter uma noção de como funcionava a parte mais ativa de todo o processo de criação de uma ilustração e que métodos adoptava o ilustrador nesta fase.

Em termos gerais podemos verificar que todos os entrevistados focam a sua atenção inicial no texto e na sua mensagem. É através desta primeira leitura que lhes surgem imagens e ideias para a construção de uma ilustração. O E1 e o E8 têm em atenção o ritmo e os tempos do texto e a influência destes na construção de uma ilustração; o E4 e o E5 vêem a ilustração como uma continuidade ou complemento do que está no texto ressaltando assim a importância da ilustração no livro infantil; E1 e E7 focam a sua atenção no conceito do livro (texto) e no que este realmente quer transmitir.

A categoria “técnicas e materiais artísticos” mostrou-nos a panóplia de recursos utilizados pelos ilustradores na conceção de uma ilustração.

Estes recursos vão desde o uso de técnicas de pintura com aquarela (E1, E2, E3, E7); lápis de cor (E1, E3); grafite (E1, E2, E4); acrílicos (E3, E4, E5, E7); colagens (E2, E3, E4, E8) e técnicas digitais (E2, E3, E6).

“O ilustrador como promotor da imagem/leitura” foi uma das categorias estabelecidas que tinha como pretexto perceber qual o papel deste mediador na promoção da leitura. Que abordagens eram utilizadas pelos ilustradores para promover a leitura através da ilustração.

Assim verificou-se que uma das estratégias utilizadas era a realização de oficinas de ilustração junto do público geral (infantil, jovem, adulto e sénior), como referiu E1, E2, E5, E7 e E8. Com estas oficinas os ilustradores tinham a preocupação de mostrar o livro e as imagens e as suas particularidades e pormenores (E1), de desconstruir a imagem do livro infantil (E2, E7), de mostrar a ilustração como uma profissão (E3), desmistificar a ideia de que o livro infantil é só para as crianças (E4), dar a conhecer diferentes materiais criativos (E4, E7) e educar o olhar da criança e do adulto (E8).

Quanto ao ponto da “ilustração como promotora de leitura” pretendíamos perceber a opinião que o ilustrador tinha acerca deste assunto. Poderia ser a ilustração utilizada para esse efeito?

Algumas respostas foram surgindo e a visão do papel de uma ilustração num livro infantil foi variando. Houve entrevistados que reconheceram de imediato o poder da imagem na promoção da leitura (E1, E2, E4, E5, E6) mostraram que a ilustração anda a par com o texto e também conta histórias por si só (E1, E3, E6, E8); que a ilustração é o factor essencial da escolha de um livro infantil (E7) e que influencia a sensibilidade artística de uma criança (E7).

Por último analisamos a categoria “expectativas sobre o presente/futuro da ilustração”.

Aqui podemos aperceber da imagem positiva que estes profissionais têm acerca desta área criativa. Muitos referem o “boom” que houve na qualidade e quantidade deste trabalho (E2, E5, E8), bem como, o papel de certas editoras na evolução e divulgação da ilustração (E5, E7) e também o aparecimento de novos e excelentes profissionais desta área (E1, E3, E6, E7, E8).

No entanto houve quem apontasse aspetos menos positivos como o facto de não haver mercado para tanta oferta (E1), a visão que algumas pessoas ainda têm acerca da ilustração (E3) e o poder de compra influenciado pela economia atual (E4).

### **3.2 Síntese de resultados**

Numa análise retrospectiva e global do conteúdo das oito entrevistas realizadas a ilustradores portugueses podemos verificar que há uma grande envolvimento, por parte destes profissionais, na divulgação e promoção da imagem do livro infantil e, conseqüentemente, na promoção da leitura. São vários os entrevistados que nos mostraram que realizam com regularidade oficinas de ilustração em espaços escolares em então em contexto cultural com diferentes públicos de diferentes faixas etárias.

A imagem que estes têm no que se refere à ilustração como promotora da leitura também vai de encontro ao papel que estes desempenham como difusores desta mensagem. Mostram-nos que a ilustração tem um papel preponderante no livro infantil e que já não é apenas um mero acessório do texto. A ilustração tem o seu lugar cativo e um papel muito ativo na promoção do livro infantil e da leitura e que o seu futuro é promissor.

## 4. TÉCNICA DE TRIANGULAÇÃO

Como foi estabelecido no capítulo 2 desta investigação passaremos, de seguida, à técnica de triangulação de dados. Esta técnica permitir-nos-á chegar, através do cruzamento de todas estas informações, a uma melhor interpretação de todos os dados até agora recolhidos e analisados.

Desta forma, faremos uma análise global dos dados obtidos e tentaremos comparar informações que nos permitirão chegar a uma conclusão mais fidedigna para esta investigação.

Através da técnica de triangulação tentaremos perceber quais os pontos comuns que ligam os dados resultantes das várias técnicas de recolha que se aplicaram ao longo desta investigação, nomeadamente, a entrevista realizada aos ilustradores, o questionário colocado aos professores e técnicos de biblioteca, a observação participante e a análise documental das atividades realizadas junto das crianças.

Como ponto de partida desta análise iremos centrar a nossa atenção no problema inicial que se colocou no início desta investigação: “De que forma podemos promover a leitura junto das crianças utilizando como recurso a ilustração dos livros infantis?”

Para analisar esta pergunta de partida tornou-se importante selecionar uma população que nos serviria de referência para este trabalho de projeto. Através deles iríamos realizar um determinado conjunto de atividades e ações que nos permitiriam obter dados “modelo” através dos quais poderíamos utilizar como instrumento de análise para esta investigação.

Assim, foram selecionados três grupos amostra: 44 crianças de duas turmas do 1º CEB, uma do 3º ano e outra do 4º ano, 150 professores e técnicos de biblioteca e 15 ilustradores portugueses.

Com o grupo de crianças iríamos realizar um conjunto de atividades de promoção da leitura com recurso à ilustração por forma a tentar perceber as suas reações face a estas atividades. Para o efeito foram traçados objetivos

que nos permitiriam orientar o foco de análise e nos guiassem até ao problema inicial.

Como ponto de partida foi realizada uma visita às duas turmas que faziam parte da amostra com o propósito de lhes apresentar o trabalho de projeto no qual iriam colaborar. Para esta visita levou-se um conjunto diversificado de livros infantis que primavam pela qualidade e originalidade das suas ilustrações. A ideia principal desta visita e desta mostra de livros infantis era despertar, logo à partida, curiosidade e fascínio por este género de objeto literário e também dar-lhes a conhecer uma panóplia de livros que, provavelmente nunca teriam tido contacto (livros albúm, livros silenciosos, livros jogo, pop-up, etc.). E foi um pouco essa a realidade com que nos deparamos. Grande parte destas crianças nunca tinha visto a maioria dos livros que lhes foram apresentados e ficaram fascinados, especialmente pela diferença destes livros. Muito chegaram a comentar que “nunca tinha visto um livro assim”, ou então, “uau, como é que o livro faz isso?” (referência ao livro “Isto ou aquilo”, de Dobraslav Foll, editora Bruaá). O facto de poderem interagir com determinados livros como o “Um livro”, de Hervé Tullet, para muitos foi uma descoberta. A ilustração mostrava-lhes que também era parte ativa do livro e que, em conjunto com o texto, também colaborava com a história.

Outro pormenor que se mostrou às crianças foram as técnicas de ilustração utilizadas nesses livros infantis. Tentou ver-se, juntamente com eles, que materiais teriam, os ilustradores, utilizado na criação de determinada ilustração. Com isso estávamos a despertar o sentido crítico da crianças e a ajuda-las a observar ao pormenor uma ilustração (alfabetização do olhar).

Podemos verificar que, com esta visita realizada às duas turmas, abriu-se uma pequena porta na forma como estas crianças viam o livro infantil e como o veem agora “com olhos de ver”.

Depois de apresentado o trabalho de projeto foram organizadas quatro atividades para esta amostra, um encontro com uma ilustradora, uma exposição coletiva de ilustração com trabalhos de ilustradores portugueses, uma oficina de ilustração e uma exposição de ilustração com os trabalhos resultantes da oficina.

Todas elas tinham como propósito apresentar estratégias que levasse o grupo a atingir os objetivos traçados nesta investigação, nomeadamente, despertar o interesse nas crianças para a leitura através da ilustração; dar a conhecer às crianças algumas técnicas utilizadas na conceção de uma ilustração e fomentar nas crianças o sentido crítico.

Para averiguar tais resultados utilizou-se como técnicas de recolha de dados, numa fase de campo, a observação participante e, posteriormente, a análise documental dos trabalhos resultantes destas atividades.

No que diz respeito à observação participante o que se averiguou foi uma motivação constante, por parte da maioria crianças, na realização de qualquer uma das atividades. Um pequeno grupo, apesar de mostrar interesse na realização das mesmas, limitava-se a fazer o solicitado.

No encontro com a ilustradora Yara Kono as crianças foram muito participativas no diálogo inicial que tiveram com a ilustradora colocando questões pertinentes sobre o seu trabalho “como é que a Yara tem ideias para os seus livros?”; “Você escreve livros ou só desenha?”; e fazendo comentários sobre os livros que ela lhes ia mostrando “Esse tem os cantos redondos!”; “A imagem desaparece porque o papel é da mesma cor”; “Parece que a imagem está a andar”.

Percebia-se, no entanto, que a maior parte destas crianças nunca tinha estado em contacto com um livro álbum ou um livro silencioso e, quando questionados se já algum deles tinha lido um livro só de ilustrações a resposta foi...um silêncio absoluto.

Neste trabalho de projeto houve mais dois momentos onde a imagem e a linguagem visual foram também fortemente abordadas, na exposição coletiva de ilustração “Ler com olhos de ver” e na Feira do Livro organizada na Biblioteca Municipal Camilo Castelo Branco, a par com esta exposição.

Estas duas abordagens tinham como propósito mostrar a qualidade das ilustrações que se fazem, nos dias de hoje, dar a conhecer ilustradores e o seu trabalho, promover a linguagem visual, mostrar às crianças as possíveis leituras que uma ilustração pode ter e dar a conhecer algumas das técnicas utilizadas na realização de uma ilustração.

Cruzando esta informação com a que conseguimos observar na primeira visita feita à sala de aula podemos verificar que este mundo da ilustração e a sua importância no livro infantil é uma novidade para muitas destas crianças.

No entanto, através destas abordagens à ilustração e ao livro ilustrado, conseguimos chegar a alguns dos objetivos que nos havíamos proposto e, através da observação, conseguimos perceber que as crianças ficaram motivadas para o livro e as suas ilustrações; conseguimos despertar o sentido crítico em algumas crianças, mostramos a ilustração como forma de comunicação e leitura e demos a conhecer a linguagem visual dos livros.

Quanto à abordagem prática destas atividades esta ocorreu em dois momentos, no *atelier* de ilustração com a ilustradora Yara Kono e na oficina de ilustração “Ler com olhos de ver”.

Com estas duas atividades conseguimos analisar a consolidação de alguns conhecimentos que as crianças adquiriram com a realização e participação nos outros momentos acima referidos, nomeadamente, a utilização de determinadas técnicas de ilustração, mostrando grande criatividade nos trabalhos realizados. As crianças chegaram mesmo a tentar reproduzir técnicas que tinham observado num determinado livro ou numa das ilustrações que estavam patentes na exposição. Mostraram interesse e empenho na realização dos seus trabalhos preocupando-se com determinados pormenores como a existência de uma capa e contracapa com ilustrações (*atelier* da Yara Kono), da mistura de técnicas artísticas para retratar melhor o seu trabalho “vou primeiro recortar a casa e depois pinto à volta a relva” (oficina de ilustração) e, por fim, mostraram que conseguiram ver a ilustração como forma de comunicação e leitura a partir do momento que ouviram ou analisaram um texto, interpretaram e ilustraram a imagem que tinham criado a partir desse mesmo texto.

Toda esta criatividade ficou registada nos trabalhos realizados pelas crianças tendo sido organizada uma exposição de ilustração para os trabalhos elaborados na oficina “Ler com olhos de ver” (anexo O).

Outra amostra observada nesta investigação foram os professores e técnicos de biblioteca. Este grupo surgiu da necessidade de se ver este trabalho de projeto perpetuar no tempo.

Concluiu-se logo no início da elaboração deste projeto que se o único foco de atenção e intervenção fosse junto das crianças o mesmo “morreria à nascença”, uma vez que, não teria a continuidade necessária em contexto escolar, ou seja, aplicaríamos o projeto na Biblioteca Municipal mas não teríamos quem desse continuidade ao mesmo para que este pudesse enraizar e formar a ideia pretendida, na criança.

Desta forma tornou-se imperativo envolver a comunidade escolar, em concreto os professores e técnicos de biblioteca, para que estes, em contexto escolar, conseguissem dar continuidade ao projeto.

No entanto uma das questões que se colocou foi se estes profissionais tinham aptidões ou se estariam sequer motivados para trabalhar estas questões. E, se tivessem, teriam eles as ferramentas e formação necessárias para realizar atividades de promoção da leitura recorrendo à ilustração?

Com base nestas questões estabeleceram-se os seguintes objetivos: perceber qual a motivação do professor para trabalhar a ilustração em contexto escolar; motivar o professor para a importância da ilustração como uma prática lúdica e heurística no desenvolvimento global da criança; dar a conhecer ao professor formas de operacionalizar a ilustração em contexto escolar.

Pela observação que se foi realizando junto dos professores que participaram neste trabalho de projeto e com os resultados dos questionários realizados junto de 68, dos 150 participantes do 7º Encontro de Serviço de Apoio às Bibliotecas Escolares, conseguimos perceber que um dos grandes entraves desta questão é a sobrecarga do programa curricular e a preocupação que estes profissionais têm de tentar agilizar estes momentos de promoção da leitura com as metas curriculares e Plano Nacional de Leitura.

É verdade que quando questionados acerca da realização destas atividades, grande número de docentes afirmava que elas constavam do programa semanal e, grande parte trabalhava a questão da promoção da leitura uma vez por semana, no mínimo.

No entanto quando lhes perguntávamos a que autores ou ilustradores recorriam para trabalhar a leitura, grande parte respondeu que optavam pelos que estavam estabelecidos nos programas curriculares.

No que diz respeito às iniciativas realizadas na promoção da leitura quer através do texto, quer através da imagem, as atividades mais referida foram a hora do conto e as exposições com trabalhos realizados pelas crianças. Isto mostra uma falta de iniciativa por parte deste grupo educativo que demonstra pouca criatividade e conhecimentos nesta área, optando por realizar atividades recorrentes onde se sentem mais seguros.

Foi interessante verificar, no entanto, que este grupo de inquiridos reconhece e dá importância à imagem como forma de promover a leitura, apesar de haver uma grande ausência de respostas quando são questionados acerca de nomes de ilustradores ou o porquê da escolha de determinado ilustrador. Esta abstenção de respostas pode levar-nos a concluir que não há grande conhecimento, por parte deste grupo docente, de nomes de ilustradores que trabalhem o livro infantil. Quando são referidos alguns nomes, a maioria são ilustradores portugueses mais atuais, como Pedro Seromenho ou André Letria (dois nomes que constavam no programa do Encontro).

No caso concreto do ilustrador (e escritor) Pedro Seromenho este foi referido em algumas situações por já ter estado numa ou noutra escola a realizar encontros e atividades com as crianças. Também foi referido que, como autor local, havia essa facilidade de deslocação às escolas.

Podemos concluir com esta pequena amostra que o facto de um ilustrador realizar atividade de promoção da leitura (utilizando a imagem como mote) incentiva os docentes a trabalhar esta questão em contexto escolar. Quando o ilustrador mostra disponibilidade e consegue cativar as crianças para a temática do livro e da leitura há, por parte do grupo docente, uma maior motivação para organizar este género de encontro com os seus alunos.

Foi tendo consciência desta questão que, no decorrer desta investigação, decidimos incluir mais uma amostra de estudo, os ilustradores, cientes do papel fulcral que estes têm como difusores da leitura através da imagem.

Para este grupo foram traçados os seguintes objetivos: perceber qual o papel do ilustrador no apoio à promoção da leitura; conhecer as estratégias utilizadas pelo ilustrador para promover a leitura.

Através da análise realizada às entrevistas dirigidas a um grupo de oito ilustradores podemos perceber que a maioria destes profissionais não se limita a criar ilustrações mas organiza, com regularidade, atividades de promoção do livro, da leitura e da imagem.

Questionados acerca destas oficinas conseguimos perceber que o grupo à qual estas atividades são dirigidas é bastante abrangente e vai desde crianças a seniores. O ponto fulcral destas atividades é dar a conhecer a ilustração, a sua linguagem e função num livro infantil. Desmistificar a ideia que se tem de que a ilustração é um mero apêndice do texto.

É importante, as pessoas, reconhecerem a importância da ilustração e a variedade de funções que esta tem num livro infantil. O texto associado a uma ilustração (ou vice-versa) ou mesmo uma ilustração sem qualquer tipo de texto pode despertar numa criança uma curiosidade enorme levando-a a pegar num determinado livro, folhea-lo e criar nela um gosto por este objeto e pela sua leitura (verbal ou visual).

Assim concluímos que o ilustrador tem um papel fundamental na divulgação e promoção da leitura através da ilustração e que está motivado e empenhado em desenvolver esta função de difusor desta mensagem.

De forma a culminar esta investigação e depois de concluir que era imperativo dar ferramentas e formação aos docentes na área da ilustração como forma de promoção da leitura e mostrar que é possível realizar ações de promoção em contexto escolar, organizou-se, dentro do programa do 7º Encontro de Serviços de Apoio às Bibliotecas Escolares, um painel dedicado ao tema “A ilustração: uma forma de promoção da leitura” que tinha como propósito a apresentação de boas práticas realizadas na área da ilustração, e onde foram apresentadas três comunicações intituladas: “Ler com olhos de ver: a ilustração e o livro infantil”; “Escolas com livros: o serviço educativo da Pato Lógico” e “Exemplos práticos da promoção da leitura e da escrita criativa através da ilustração”. A primeira comunicação pretendeu mostrar uma

retrospectiva do presente trabalho de projeto e as boas práticas realizadas junto das crianças. O objetivo primordial era mostrar exemplos de atividades que se poderiam realizar em contexto escolar para promover a leitura através da ilustração. A segunda comunicação, orientada pelo ilustrador e formador André Letria, tinha como propósito mostrar a vertente do ilustrador como promotor de leitura, bem como, uma série de atividades concebidas pela editora Pato Lógico dirigida a públicos escolares e geral. Por último, a comunicação de Hugo Dias (escritor e diretor da escola “Sementes de Liberdade”) mostrou-nos a vertente Escola como promotora de atividades de leitura utilizando como recurso a imagem e uma série de atividades realizadas na sua instituição.

Através deste painel conseguimos transmitir ao grupo de docentes participantes que existe uma panóplia de atividades e recursos que facilmente podem ser agilizados e organizados nas suas escolas, dando-lhes assim, uma série de ferramentas que poderão utilizar em contexto escolar sempre que acharem pertinente.

Posteriormente, e para um grupo mais restrito, foi organizado um *workshop* intitulado “O livro e a imagem: construção de um livro álbum”. Nesta atividade foi esmiuçado, ao pormenor, o tema da imagem e da ilustração.

O Encontro teve, no total, 6 *workshops* nos quais os participantes tinham de se inscrever, logo, para esta atividade tivemos um grupo de 25 participantes que optaram por frequentar este *workshop*, demonstrando, logo à partida, motivação para trabalhar esta temática.

A primeira abordagem foi mostrar a este grupo de docentes um conjunto de livros com ilustrações fabulosas e originais, bem como, dar-lhes a conhecer as principais editoras que publicam livros infantis que primam pela qualidade texto/ilustração. O intuito era o mesmo que se quis mostrar às crianças na primeira visita que lhes foi feita, despertar-lhes a curiosidade e aguçar-lhes o apetite para este género de livros.

Assim como às crianças também é necessário treinar o olhar de certos adultos que estão formatados e não veem para além do comercial ou do programa curricular.

A parte prática do *workshop* consistia em pegar num texto desconhecido para a maioria e colocar-lhes o desafio de interpretar um excerto desse mesmo texto e ilustra-lo. O texto foi dividido em partes e depois entregue aos participantes que trabalharam dois a dois.

O grupo mostrou-se, ao longo de todo o *workshop*, motivado, participativo, curioso e, na parte prática mostraram uma grande criatividade como se pode observar nos trabalhos em anexo (anexo U).

## AVALIAÇÃO

O ponto de partida da nossa investigação era tentar perceber até que ponto seria possível promover a leitura, junto das crianças, utilizando como recurso a ilustração dos livros infantis.

Para isso idealizou-se uma série de atividades e eventos que nos permitiriam chegar aos diferentes públicos selecionados para esta investigação.

Assim, para as crianças, organizaram-se e realizaram-se um conjunto de atividades lúdicas e criativas que tinham como mote, a ilustração.

Estas duas turmas selecionadas para colaborar no trabalho de projeto mostram-se, desde o início bastante motivadas com o tema.

Logo no primeiro dia, na apresentação do trabalho de projeto, mostraram bastante interesse pelos livros e pelas ilustrações que lhes foram apresentados em contexto sala de aula. No entanto, poucos foram os alunos que reconheceram alguns dos livros que lhes foram apresentados, o que mostrou que era pouco o acesso que estas crianças tinham a este género de livros ilustrados.

Durante o decorrer das outras atividades, nomeadamente o encontro com a ilustradora Yara Kono, as crianças mostraram-se muito participativas e curiosas, questionando a ilustradora com questões pertinentes acerca do seu trabalho e profissão. Na parte da oficina demonstraram ser crianças criativas e com sentido estético, verificando-se, no entanto, em algumas crianças, falta de motivação e auto estima na realização dos trabalhos solicitados.

Na visita à exposição “Ler com olhos de ver” as crianças mostraram-se curiosas e opinavam sobre as ilustrações mostrando as suas preferências. Algumas demonstraram mesmo um sentido crítico apurado enquanto se referiam a uma ou outra ilustração que gostavam mais ou menos, justificando as suas opiniões.

Na oficina de ilustração “Ler com olhos de ler” apercebemo-nos que, o coletivo, conseguiu interpretar o texto que lhes foi disponibilizado, estando esse resultado patente nos trabalhos ilustrativos que realizaram. Um grande grupo

de crianças, aplicou mesmo os conhecimentos que foram adquirindo ao longo destas atividades, nomeadamente, técnicas de ilustração que lhes foram mostradas. Mas, apesar de terem misturados algumas técnicas nos seus trabalhos, a maioria destes apresentava, quase na sua totalidade, ilustração com tintas.

No coletivo das atividades conseguimos obter uma avaliação positiva onde consideramos que os objetivos delineados no início da investigação foram, não na totalidade, mas em boa parte cumpridos. Consideramos que conseguimos despertar o interesse nas crianças para a leitura através da ilustração, na medida em que, estas mostram-se sempre muito motivadas, curiosas e participativas nas atividades que lhes foram propostas; conseguimos, através destas atividades, dar a conhecer às crianças algumas técnicas utilizadas na conceção de uma ilustração, apesar de algumas limitarem os seus trabalhos à ilustração com tintas; quanto ao último objetivo, fomentar nas crianças o sentido crítico, considero que houve resultados díspares. Verificamos que algumas crianças foram mais participativas e opinativas em relação às atividades e à temática da ilustração, outras não conseguiram intervir nem opinar em nenhuma das atividades limitando-se a realizar as propostas de atividades que lhes eram sugeridas.

No caso das professoras, ambas demonstraram interesse no projeto e colaboraram em todas as atividades e tarefas que lhes eram colocadas.

Quanto aos professores e técnicos de biblioteca, estes eram o público que mais relevo tinham na investigação, uma vez que, para trabalharmos com as crianças a questão da promoção da leitura teríamos de preparar, em primeiro lugar, estes profissionais.

Verificamos, no início desta investigação que o panorama escolar, no que se refere à questão da educação artística, não é o melhor. Na maioria das vezes, o que se verifica é uma alienação, quase por completo, desta temática em contexto escolar, fruto da falta de motivação e formação dos docentes.

Tentamos então com este trabalho de projeto encontrar uma estratégia que nos permitisse, em tão curto espaço de tempo, partilhar com este grupo de

docente, boas práticas e ideias de promoção de leitura que pudessem adaptar e enquadrar na sua realidade escolar.

Essa estratégia encontrada foi o 7º Encontro de Serviços de Apoio às Bibliotecas Escolares, em concreto, o painel e o *workshop* sobre ilustração. Aqui conseguimos transmitir algumas dessas boas práticas e conseguimos partilhar com os docentes formas de trabalhar a promoção da leitura recorrendo às ilustrações dos livros infantis. Mostramos o ponto de vista e as ideias de uma Biblioteca Municipal, de um ilustrador, de uma Editora e de uma Escola, ampliando a panóplia de opções de trabalho que estes poderão, posteriormente, trabalhar em contexto escolar.

Desta forma podemos avaliar esta fase do trabalho de projeto como sendo bastante positiva, uma vez que, os objetivos, no geral, foram atingidos. Com os inquéritos conseguimos perceber, através da amostra, que o professor está motivado para trabalhar a ilustração em contexto escolar, apesar de as suas escolhas ainda se limitarem muito às metas curriculares e PNL; consideramos que o professor conseguiu sair do Encontro de Serviços de Apoio às Bibliotecas Escolares motivado para a importância da ilustração como uma prática lúdica e heurística no desenvolvimento global da criança, na medida em que, estes pontos foram referidos durante o painel e durante o *workshop* e lhes foram mostradas ideias práticas e de fácil aplicação em contexto escolar; por último, demos a conhecer ao professor formas de operacionalizar a ilustração em contexto escolar quando disponibilizamos boas práticas, já realizadas, no âmbito da ilustração.

Quanto à organização da Exposição Coletiva de Ilustração esta começou pelo contacto com a Editora Planeta Tangerina para vermos a possibilidade de termos um conjunto de ilustrações dos 3 ilustradores da Editora que pudessem constituir esta Exposição Coletiva. No entanto, o elevado custo e constrangimentos colocados pela Editora fez com que desistissemos da ideia e optássemos seguir por outra via.

Foi aí que surgiu a ideia de contactarmos diretamente os ilustradores portugueses e tentar construir, assim, uma exposição.

Após investigação de nomes e recolha de contactos foi elaborado um convite dirigido aos ilustradores no qual se explicava o propósito da realização de uma exposição coletiva de ilustração. Dos quase 60 contactos que realizamos, só 15 se mostraram disponíveis para colaborar neste projeto e, desses 15, só 8 participaram e colaboraram na entrevista que lhes era dirigida, por forma a obter mais informações acerca do papel do ilustrador como difusor e promotor da leitura através da imagem.

Este número reduzido de respostas poderá ter limitado, em parte, a análise e resultados neste ponto da investigação, uma vez que, era uma amostra bastante pequena.

No entanto, dos resultados obtidos, a avaliação foi bastante positiva porque demonstrou que os ilustradores estão motivados e são bastante pró-ativos no que diz respeito a difundir e divulgar a importância da imagem e da ilustração junto das crianças.

Apesar de se ter conseguido realizar todas as propostas idealizadas para este trabalho de projeto, consideramos que o curto espaço de tempo em que este foi realizado poderá ter trazido alguns entraves em determinados pontos da investigação, nomeadamente, na resposta dos docentes face à aceitação desta temática e à sua introdução no contexto escolar. Não conseguimos analisar até que ponto a formação dada e as ferramentas disponibilizadas motivaram realmente o docente a praticar estes conhecimentos junto dos seus alunos.

## DISSEMINAÇÃO

O trabalho de projeto "Ler com olhos de ver: a ilustração como forma de promoção da leitura" englobou, no decorrer do seu processo, um conjunto de participantes que beneficiaram com as atividades e ações desenvolvidas.

Uma das fases deste projeto já entrou, no desenrolar da investigação, em fase de disseminação, nomeadamente, a formação que se pretendia dar aos professores na área da ilustração.

Aproveitando que o 7º Encontro de Serviços de Apoio às Bibliotecas Escolares realizar-se-ia na Biblioteca Municipal Camilo Castelo Branco, dentro do tempo de intervenção deste projeto, organizou-se e realizou-se um painel intitulado "A ilustração, uma forma de promoção da leitura" que contou com três apresentações, "Ler com olhos de ver: a ilustração e o livro infantil", de Maria João Silva; "Escola com livros: o serviço educativo da Pato Lógico", de André Letria e "Exemplos prático de promoção da leitura e escrita criativa através da ilustração", de Hugo Dias". Estes três momentos abordaram, sobretudo, as boas práticas possíveis de se realizar, utilizando como recurso a ilustração, em três vertentes diferentes: a biblioteca como promotora, o ilustrador como promotor e a escola como promotora da leitura através da ilustração.

Organizou-se e realizou-se ainda um *workshop* intitulado "O livro e a imagem: construção de um livro álbum". Esta atividade consistiu na apresentação de um conjunto de álbuns ilustrados e na criação de um livro álbum através da leitura, análise e interpretação de um texto.

Outras sugestões de disseminação deste trabalho de projeto passam pela elaboração de um "caderno de atividades" com sugestões de atividades a realizar na área da ilustração.

Este caderno pretende conter sugestões de livros, os quais se evidenciarão pela qualidade da ilustração/texto; informação sobre o ilustrador com bibliografia e notas biográficas do mesmo; uma ou mais sugestões de atividades para trabalhar cada um dos livros propostos. Poderá conter curiosidades sobre esta temática "ilustração", por exemplo, pintores e artistas

plásticos que ilustraram livros infantis; clássicos infantis ilustrados; livros álbum que destacam na sua essência a ilustração, etc.

Está também esboçada a criação de um *blog* sobre literatura infantil.

Neste espaço vamos aproveitar para publicar e partilhar boas práticas, sobre a temática “literatura infantil”, que se vão realizando a nível nacional e internacional.

Aqui vão ser colocados os resultados das atividades que se realizarão a nível concelhio, bem como, publicar artigos interessantes sobre o temática “literatura infantil”, divulgar Encontros, Palestras, *Workshops* que se organizem durante o ano e que ajudarão a complementar a formação dos “educadores”.

Outra forma de disseminação do projeto passa pela inclusão de oficinas e eventos sobre ilustração integrados no Plano Anual do Serviço Educativo e Cultural da Biblioteca Municipal Camilo Castelo Branco, isto é, do programa anual de atividades, estruturado pela BMCCB, incluiremos um conjunto de oficinas e eventos que foquem a temática da ilustração.

Com encontros com ilustradores, oficinas de ilustração, exposições, etc. daremos continuidade ao projeto, prolongado durante o ano letivo a oferta de atividades com esta temática.

Por último considero pertinente que este trabalho de projeto seja apresentado em conferências ou seminário da área da leitura e da ilustração e publicado em revistas especializadas.

O presente trabalho será apresentado, ainda este ano, em um, ou mais, dos seguintes eventos: 2º Congresso Internacional de "Psicologia, Educação e Cultura"; 27º Encontro da APECV e no Congresso Galego-português Universidade Minho.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considera-se que a implementação deste trabalho de projeto tenha sido pertinente, na medida em que, pretendeu fazer-se, em parte, uma “chamada de atenção” acerca da alienação que se faz sentir por parte da comunidade escolar no que diz respeito à educação artística e à prática da promoção da leitura através da imagem.

Quisemos com este trabalho agitar ideias, mudar hábitos, fornecer ferramentas e dar formação aos docentes para que estes não se sentissem fora do seu “ambiente natural” e se sentissem motivados e aptos a trabalhar a questão da linguagem visual e da imagem de forma autónoma em contexto escolar.

Quisemos transmitir a importância da cultura visual na formação global da criança porque consideramos que a formação cultural é tão importante como a formação social ou pessoal.

Quisemos perceber até que ponto o ilustrador também seria um difusor e promotor do seu próprio trabalho e que estratégias utilizaria na promoção da leitura utilizando como recurso as suas ilustrações.

A resposta à pergunta de partida foi respondida. De que forma podemos promover a leitura junto das crianças utilizando como recurso as ilustrações dos livros infantis? As propostas foram muitas, desde oficinas de ilustração, a exposições coletivas, ilustração de excertos de texto, encontro com ilustradores, partilha de boas práticas e workshops de ilustração.

Com toda esta análise positiva torna-se importante dar continuidade a este trabalho de projeto apostando na realização de mais propostas de atividades e ações na área da difusão da ilustração e das boas práticas possíveis de realizar para a promoção deste recurso como promotor da leitura.

## Referências bibliográficas

### A

Aires, L. (2013). *Paradigma qualitativo e práticas de investigação educacional*. Disponível em: <http://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/2028>

Alarcão, R. (2011). *O ilustrador como contador de histórias*. Revista Emília. Disponível em: <http://www.revistaemilia.com.br/mostra.php?id=77>

Almeida, B. P. (2002). *As imagens e as coisas* (1ª ed.). Porto: Campo das Letras.

Azevedo, C., Oliveira, L. G. L., Gonzalez, R. K., Abdalla, M. M. (2013). *A estratégia de triangulação: objetivos, possibilidades, limitações e proximidades com o pragmatismo*. Disponível em: [http://www.anpad.org.br/diversos/trabalhos/EnEPQ/enepq\\_2013/2013\\_EnEPQ5.pdf](http://www.anpad.org.br/diversos/trabalhos/EnEPQ/enepq_2013/2013_EnEPQ5.pdf)

Azevedo, N. (s.d.). *A linguagem não-verbal no espaço escolar*. Porto: Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti. Consultado a 04/02/2015. Disponível em: [http://repositorio.esepf.pt/bitstream/handle/10000/454/SeE\\_15linguagem\\_nao\\_verbal\\_novo.pdf?sequence=1](http://repositorio.esepf.pt/bitstream/handle/10000/454/SeE_15linguagem_nao_verbal_novo.pdf?sequence=1)

### B

Bardin, L. (1995). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.

Bell, J. (1997). *Como realizar um projeto de investigação* (1ª ed.). Lisboa: Gradiva.

Berger, J., Blomberg, S., Fox, C., Dibb, M., Hollis, R. (1996). *Modos de ver*. Lisboa: Edições 70.

Bogdan, R. E Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.

Bozal, V., Brihuega, J., Diego, E., Gabaldón, J. G., Jarque, V., Carreño, F. P., Piera, C., Ramírez, J. A., Urbina, R. S. O., Solana, G., Thiebaut, C., Vilar, G., Yvars, J. F. (1996). La sociologia de arte (vol.2). In J. Brihuega, *Historia de las ideas estéticas y de las teorías artísticas contemporâneas* (pp. 276-278). Madrid: Visor.

Britos, S. (2011). La educación artística en la cultura contemporânea. Metas Educativas 2021. Madrid: OEI. pp. 9-20. Disponível em: [http://www.oei.es/metas2021/LibroEdArt\\_Delateoria-prov.pdf](http://www.oei.es/metas2021/LibroEdArt_Delateoria-prov.pdf)

### C

Calado, I. (1994). *A utilização educativa das imagens*. Porto: Porto Editora.

Charréu, L. (2003). *A cultura visual e as novas perspectivas críticas para a educação visual*. Portalegre: Escola Superior de Educação de Portalegre. Consultado a 03/02/2015. Disponível em: [http://www.google.pt/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0CB8QFjAA&url=http%3A%2F%2Fwww.esep.pt%2Faprender%2Findex.php%2Fcomponent%2Fphocadownload%2Fcategory%2F29-revista-aprender-n-27%3Fdownload%3D573%3Aaprender-27-a2&ei=J\\_dVN3AMsnSoATU5YHACQ&usg=AFQjCNE6FMJEGojGzb-pvwN331H\\_9xco-A](http://www.google.pt/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0CB8QFjAA&url=http%3A%2F%2Fwww.esep.pt%2Faprender%2Findex.php%2Fcomponent%2Fphocadownload%2Fcategory%2F29-revista-aprender-n-27%3Fdownload%3D573%3Aaprender-27-a2&ei=J_dVN3AMsnSoATU5YHACQ&usg=AFQjCNE6FMJEGojGzb-pvwN331H_9xco-A)

## **E**

Erasmie, T. & Lima, L. C. (1989). *Investigação e projectos de desenvolvimento em Educação*. Braga: Universidade do Minho.

## **F**

Fortin, M. (1999). *O processo de investigação: da concepção à realização*. Loures: Lusociências.

## **G**

Giráldez, A., Pimentel, L. (2011). *Educación artística, cultura y ciudadanía: la teoría a la práctica*. Metas Educativas 2021. Madrid: OEI. Disponível em: [http://www.oei.es/metas2021/LibroEdArt\\_Delateoria-prov.pdf](http://www.oei.es/metas2021/LibroEdArt_Delateoria-prov.pdf)

## **H**

Hernández, F. (2000). *Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho*. Porto Alegre: Artmed Editora.

Hernandéz, F. (s.d.). *Catadores da cultura visual*. Santa Catarina: Universidade do Estado de Santa Catarina. Consultado a 03/02/2015. Disponível em: [http://www.culturavisual.org/corsario/src/img\\_up/11122012.3.pdf](http://www.culturavisual.org/corsario/src/img_up/11122012.3.pdf)

Housen, A., Funch, B. S., Martindale, C., Leontiev, D. A., Marques, E. B., Höge, H., Fróis, J. P., Parsons, M., Yenawine, P., Gonçalves, R. M. (2000). Educação estética e artística: abordagens transdisciplinares. In J. P. Fróis, E. B. Marques e R. M. Gonçalves, *A educação estética e artística na formação ao longo da vida*. pp. 201-243. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Huyghe, R. (1998). *O poder da imagem*. Lisboa: Edições 70.

## **I**

Innocenti, R. (2014). *A magia da realidade*. Revista Emília. Disponível em: <http://www.revistaemilia.com.br/mostra.php?id=441>

## **J**

Joly, M. (1999). *Introdução à análise da imagem*. Lisboa: Edições 70.

## **K**

Ketele, J. de & Roegiers X. (1993). *Metodologia da recolha de dados: fundamentos dos métodos de observações, de questionários, de entrevistas e de estudo de documentos*. Lisboa: Instituto Piaget

## **L**

Lima, C. R. (s.d.). O uso da leitura de imagens como instrumento para a alfabetização visual. Consultado a 28/01/2015. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2483-8.pdf>

Lüdke, M. & André, M. E. D. A. (1986). *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: E.P.U.

## **M**

Meirinhos, M. & Osório, A. (2010). *O estudo de caso como estratégia de investigação em educação*. Disponível em: <https://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/3961/1/O%20estudo%20de%20caso%20como%20estrat%C3%A9gia%20de%20investiga%C3%A7%C3%A3o%20em%20educa%C3%A7%C3%A3o.pdf>

## **N**

Neves, J. S., Lima, M. J. (2009). Promoção da leitura nas bibliotecas públicas. In J. S. Neves e M. J. Lima, *Animação cultural e promoção da leitura* (pp. 32-36). ISBN: 978-972-614-467-0. Consult. a 06/02/2015. Disponível em: [http://www.oac.pt/pdfs/OAC\\_PromocaoLeituraPublicas.pdf](http://www.oac.pt/pdfs/OAC_PromocaoLeituraPublicas.pdf)

## **O**

Oliveira, M. (2007). *A expressão plástica para a compreensão da cultura visual*. Saber (e) Educar 12, 61-78. Consult. 04/02/2015. Disponível em: [http://repositorio.esepf.pt/bitstream/handle/10000/6/SeE12A\\_ExpressaoMolica.pdf?sequence=3](http://repositorio.esepf.pt/bitstream/handle/10000/6/SeE12A_ExpressaoMolica.pdf?sequence=3)

Oliveira, M. (2014). *A dimensão educativa da arte contemporânea*. Imaginar, 58, 64-69.

Oliveira, M., Silva, B. (2013). *Ilustração: um diálogo entre Arte e educação*. Atas do XII Congresso Internacional Galego-português de Psicopedagogia. Braga: Universidade Minho - CIED. pp. 1002-1020. ISBN: 978-989-8525-22-2

## **P**

Pacovska, K. (2013). *Um museu ao alcance da mão*. Revista Emília. Disponível em: <http://www.revistaemilia.com.br/mostra.php?id=282>

Pereira, A. (2006). *Guia prático de utilização do SPSS: análise de dados para Ciências Sociais e Psicologia* (6ª ed.). Lisboa: Edições Sílabo, Lda.

Pina, M. A. (2008). *A língua que os livros "para" crianças falam*. Atas do XVIII Encontro de Literatura para Crianças. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. pp. 11-23. ISBN: 978-972-31-1327-3

Pinto, M. P. (2011). *Microsoft Excel 2010* (1ª ed.). Vila Nova de Famalicão: Centro Atlântico.

## **Q**

Quivy, R. & Campenhoudt, L. (2003). *Manual de investigação em ciências sociais* (3ª ed.). Lisboa: Gradiva.

## **R**

Ramos, A. M. (2005). *A ilustração para além das ilustrações: a leitura do livro infantil como um todo*. Atas do seminário "Educação e Leitura". Esposende: Câmara Municipal de Esposende / Biblioteca Municipal Manuel de Boaventura. pp. 55-67. ISBN: 972-95993-6-X

Ribeiro, I. E Viana, F. L. (2009). *Dos leitores que temos aos leitores que queremos*. Coimbra: Edições Almedina.

## **S**

Silva, S. R. (2008). *Luísa Ducla Soares e Bernardo Carvalho: duas gerações, duas linguagens, um mesmo sorriso rasgado*. Atas do XVIII Encontro de Literatura para Crianças. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. pp. 93-110. ISBN: 978-972-31-1327-3

Sousa, A. B. (2009). *Investigação em educação* (2ª ed.). Lisboa: Livros Horizonte.

## **V**

Veloso, R. M. (2005). *A leitura literária*. Atas do seminário "Educação e Leitura". Esposende: Câmara Municipal de Esposende / Biblioteca Municipal Manuel de Boaventura. pp. 23-29. ISBN: 972-95993-6-X

Vidal, B. M., (2012). *A intensidade das imagens*. Revista Emília. Disponível em: <http://www.revistaemilia.com.br/mostra.php?id=175>

## **W**

Walker, J. A., Chaplin, S. (2002). *Una introducción a la cultura visual* (1ª ed.). Barcelona: Octaedro-EUB.

Wildemeersch, D. (2014). *Práticas emancipatórias na educação pela arte: a contribuição das iniciativas sócio-pedagógicas para a transformação individual e social*. Imaginar, 58, 7-20.

## **Y**

Yin, R. K. (2001). *Estudo de caso: planejamento e métodos* (2ªed.). Disponível em: <http://saudeglobaldotorg1.files.wordpress.com/2014/02/yin-metodologia-da-pesquisa-estudo-de-caso-yin.pdf>

## **Z**

Zimmermann, A. (2007). *O livro infantil como objeto de estudo da cultura visual na escola*. Consultado em 02/02/2015. Disponível em <http://www.anpap.org.br/anais/2007/2007/artigos/070.pdf>

Zimmermann, A. (s.d.). *Explorando as ilustrações de livros infantis: suas possíveis leituras*. Consultado em 02/02/2015, disponível em [http://www.gpae.ceart.udesc.br/artigos/artigo\\_anelise\\_zimmermann.pdf](http://www.gpae.ceart.udesc.br/artigos/artigo_anelise_zimmermann.pdf)

# ANEXOS